

[ROMANCE]

NOTÍCIA DE UM NAUFRÁGIO

Luiz Andrioli

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana **B**

insight
E D I T O R A



**NOTÍCIA
DE UM
NAUFRÁGIO**

Todos os direitos dessa edição reservados à:

EDITORA INSIGHT



Rua João Schleder Sobrinho, 668 – 82540-060 – Curitiba – PR

Tel.: (41) 3023-3774

www.editorainsight.com.br

contato@editorainsight.com.br

Coordenação e produção: Naotake Fukushima - naotake@nexodesign.com.br

Auxiliares de produção: Beatriz Marçal de Melo e Maria Aparecida Bezerra Sousa

Revisão de texto: Reinaldo Cezar Lima

Diagramação: Naotake Fukushima, Gerson Luiz Cordeiro e Marina Mendonça

Autor: **Luiz Andrioli** - luizandrioli@prosanova.com.br

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

Andrioli, Luiz

Notícia de um naufrágio / Luiz Andrioli. - Curitiba, PR : Insight,
2024.

168 p. ; 21 x 14 cm.

ISBN 978-85-88673-03-8

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD (22^ª ed.)
B869.3

PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA,
POR QUAISQUER MEIOS, SEM AUTORIZAÇÃO DO EDITOR.
(Lei nº 9.610/98)

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2024

NOTÍCIA DE UM NAUFRÁGIO

Luiz Andrioli

Curitiba 2024

Insight
EDITORA

A ILHA

Fernando estava no quarto do pai esvaziando o armário. Pensamos que o melhor seria deixar suas roupas na igreja do bairro para que as senhoras do grupo de caridade dessem um destino adequado. A camisa do seu time de futebol, alguns broches de propaganda; panfletos antigos; caixas de remédios vazias; amostras grátis de xampu; duas caixinhas de preservativos; lâminas de barbear; revistas em quadrinhos... Cada gaveta trazia lembranças embrulhadas pelo silêncio do pai.

Fernando era prático, olhava para frente, pegava as sobras da vida e pensava no destino de cada objeto. Eu fazia de conta que tinha o mesmo objetivo, simulava um interesse na praticidade de nossa tarefa.

Andei pela casa procurando o que fazer, por onde começar a minha despedida dos poucos objetos que cercaram a vida do meu pai. Desde que se casara, viveu na mesma residência. Após ter se separado da minha mãe, continuou no mesmo local. Emprestou dinheiro no banco e comprou para ela novos móveis e um apartamento bem-localizado. Era o preço que estava disposto a pagar para não enfrentar uma mudança de rotina, um novo local para chegar depois de um dia de trabalho nos períodos entre as viagens. Para o pai, ficou mais fácil apenas não ter mais a esposa ao seu lado. Minha mãe nem questionou, sabia das raízes que ele tinha com a casa, com a colônia, com as árvores do quintal. Reivindicar outra forma de partilha era dificultar ainda mais a separação. Fernando decidiu ficar com o pai e o juiz aconselhou que o mesmo fosse feito comigo. A mãe não se opôs. O pai nunca mais teve alguém fixo na sua vida, embora vez ou outra fosse visto em algum restaurante da região jantando com uma ou outra mulher. Suas intimidades ficavam longe de casa e poucas vezes deixava transparecer para os filhos seus desejos.

Saí pela porta da cozinha e fui até o quartinho das ferramentas. Sua organização meticulosa dava a nítida impressão de que ele chegaria atrás de um alicate, de uma chave Philips ou algo bastante específico, encontrado facilmente nas bancadas ou nos painéis que exibiam tanta ordem quanto nas prateleiras da farmácia. O cheiro de óleo lubrificante de uma bombinha usada para desengripar dobradiças marcava o ambiente. Apurando um pouco o olfato, podia sentir ainda mais: seu suor e hálito que preenchiam os ambientes enquanto ele cuidava dos detalhes da residência.

Abaixei para descansar e abri por curiosidade as portas de um armário. Fiquei de cócoras enquanto tirava algumas caixas de uma gaveta. Abri para ver o que tinha dentro. E nelas encontrei mais do que objetos que simplesmente esperavam novos destinos. Achei respostas.

Sem que o Fernando percebesse, levei as caixas até o meu carro. Olharia com mais calma depois, no meu apartamento. Voltei para dentro da casa. Passamos o resto do dia trabalhando juntos. Tudo ficou mais simples. As respostas já não estavam mais nos cômodos, nas peças de roupas e nos outros objetos deixados pelo pai. O que eu procurava estava então no meu porta-malas.

Eu gastaria o tempo que fosse possível para entender o último recado deixado pelo pai, tão desafiador quanto estranho. Eu tinha a chave para entender o enigma. Quando encontrei aquelas caixas, senti o meu pai próximo, revelando-se para mim, apresentando a face oculta de um viajante longe de sua ilha. Só eu podia ter encontrado tudo aquilo. Só eu tinha condições de montar uma coerência para aquela história incompleta que ele deixou em vida. Se por acaso meu irmão topasse com as caixas, elas teriam um destino tão banal quanto o das roupas. Eu reunia condições de escrever um novo final. Para mim e para ele.

Enquanto dirigia para casa, pensando na minha derrocada como jornalista, sentia ao menos um pouco de tranquilidade ao

saber que as caixas no porta-malas traziam respostas de décadas de mistério sobre meu pai. Os processos contra mim eram fortes, com provas e depoimentos contundentes. Tinha medo de passar algum tempo na prisão. Dificilmente conseguiria trabalho após tudo o que fora exposto da minha vida — boa parte era mentira — mas quem se importava?

Estacionei na garagem do prédio, peguei um carrinho de supermercado que os moradores usavam para carregar as compras e levei tudo o que trouxera da minha casa de infância para o apartamento. Acomodei as caixas na área de serviço. Abri uma garrafa de vinho, um pacote de Elma Chips e voltei pelo menos uns vinte e cinco anos na história da minha vida. Sentado em uma banqueta alta da cozinha, olhando o anoitecer naquele bairro de prédios altos onde morava, passei a lembrar da viagem na qual meu pai começou a planejar sua ilha: o cenário da primeira carta náutica que me guiara até o naufrágio da minha vida.

As curvas da estrada me jogavam de encontro ao seu ombro. Estávamos na primeira fila, cuidado que ele teve com o filho adolescente que cresceu demais. Minhas pernas compridas e desajeitadas tinham dificuldades para se encaixar entre os bancos do semileito. Ele ficou na janela e eu no corredor, assim era possível me esticar um pouco mais. Pouca gente circulava na frente do ônibus, o que era bom. Eu não entendia o porquê de o pai ter me carregado junto para aquela viagem.

Uma criança começou a chorar. Aos poucos, o barulho foi aumentando. Os passageiros sentiam-se incomodados. A mãe não sabia mais o que fazer. O motorista parou para ver o que estava acontecendo. Ele demorou uns dois minutos ao lado da mãe, desesperada. Meu pai olhava para a janela. Ele se sentia em casa na estrada. O motorista voltou para a frente do coletivo e falou:

— Pessoal, estamos com um probleminha com a criança ali. Tem algum médico no ônibus?

O choro estava insuportável. Meu pai se levantou, com alguma dificuldade, passou por cima das minhas pernas e caminhou até a criança. Por algum motivo, lembrei de uma vez que uma vizinha chegou desesperada lá em casa. O cachorro dela havia se enrolado em um arame. Estava se enforcando e não deixava ninguém chegar perto para o livrar daquela situação. Fui junto com o pai. O dobermann espumava saliva e quanto mais se mexia, mais apertava uma maçaroca no pescoço e na barriga. Seus latidos eram agonizantes. O próprio dono tentou chegar perto, enfiando um pedaço de vassoura para desatar o nó e quase foi mordido pelo bicho. A dor conduzia o cão para a morte na nossa frente.

O pai estava de bermuda, chinelos e sem camisa. O cachorro não aguentava mais aquele enforcamento. Eu senti

medo ao ver o pai entrando no canil de peito nu. Minhas pernas tremiam, a dona da casa me puxou para perto dela. Algumas pessoas entraram no quintal para ver a cena. Todos em silêncio. O dobermann continuava a latir com sofrimento.

Como se fosse desafiado, foi baixando o volume de seus latidos a cada passo decidido do meu pai. Eram dois guerreiros, um confiando na vitória, outro se deixando derrotar para continuar vivendo. O silêncio do cão fora um mínimo de conforto que encontrara: uma maneira de deixar seu corpo disponível para as mãos que aos poucos desembaraçavam o arame. Ele se contorcia, esticava as patas, prendia a respiração, encolhia a barriga, girava o pescoço até o limite. Meu pai desembaraçava a liberdade do dobermann. O cachorro saiu mancando do canil, revirou o corpo na terra do gramado e saiu correndo.

Anos depois, naquele ônibus, eu via o mesmo alívio pairar entre os passageiros. O pai sentou novamente em seu lugar.

— O que a criança tinha? — perguntei.

— Frescura. E cólica.

— Deu algum remédio?

— A mãe tinha. Buscopan.

Seguimos viagem. Saquei um livro da mochila, *As aventuras de Robinson Crusóé*. Li algumas páginas, mas logo o embalo da estrada me fez dormir. Devo ter cochilado por pouco mais de uma hora. Acordei com a voz do pai:

— Você acha que o pai deve mudar de ramo mesmo?

Eu não sabia se podia ter uma opinião sobre a pergunta.

— Pai, o senhor tá tanto tempo no mesmo trabalho...

Ele deu um sorriso. Avancei:

— Tem que buscar o que é melhor.

Eram palavras boas. Balançou a cabeça afirmativamente e deu dois tapinhas no meu ombro.

— Esse é meu piá — falou com orgulho, levantando-se da poltrona e me convidando a fazer o mesmo.

Fomos para a cabine do motorista. Ele sentou no banco do folguista, enquanto eu me acocorei ao seu lado, no degrau

da escada. O condutor concordou com a cabeça. Devia ser bom alguma companhia para as horas que ainda restavam.

— A rodovia até que tá boa. Já arrumaram aquele trecho ali pra frente do contorno?

O motorista percebeu que estava falando com gente de estrada.

— Tá uma bosta. E olha que é estrada importante, não vê o tanto de procissão que passa por aqui? Vocês tão indo pra Aparecida mesmo?

— É a primeira vez dele. Eu vou todo ano.

— Promessa?

— Tradição. Vou ao banheiro. O piá pode ficar aqui?

O motorista concordou com um tique engraçado, piscando o olho e sorrindo com o canto da boca. Sua camisa do uniforme marcava o corpo e as manchas de suor embaixo do braço. Assim que o pai fechou a porta, acendeu um cigarro com um Zippo.

— Conhece?

Jogou para mim o isqueiro. Já havia visto em um filme. O barulho parecia o engatilhar de uma arma. Ele sacou que eu curti o brinquedo e sorriu de volta com aquele jeito meio ridículo.

— Depois você me devolve — disse, tragando forte.

O ônibus passou em um buraco na estrada e a porta que separava a cabine do motorista dos passageiros se abriu.

— Ô, piá, faz um favor pra mim: fecha ali a porta com a tranca. Esse bando de carola não suporta cheiro de cigarro.

Era a primeira vez que viajava só com meu pai. Ele estava acostumado a enfrentar seu trabalho no volante do fusca da empresa. De segunda a quinta, assumia um personagem pouco conhecido pela família, quase nada por mim. Logo cedo, no início da semana, metia a mala no carro com poucas mudas de roupas, sempre marrons e cinza. No banco de trás, a velha pasta preta inchada de amostras grátis de remédios. Percorria cidades definidas pelo laboratório que representava. Seu trabalho era visitar médicos para apresentar os lançamentos

da indústria farmacêutica. Buscava nas cidades os principais especialistas e se abancava na sala de espera, esperando uma brecha na agenda para apresentar sua rápida e ensaiada palestra de efeito sobre cada droga.

Olhei pelo retrovisor e vi meu pai voltando do banheiro. Ele sentou no seu banco ao lado da janela. Reclinou o encosto e fechou os olhos.

— Teu pai tá doido pra pregar o olho.

Começava a anoitecer. Esfriou um pouco e eu abracei as pernas para me esquentar. Todos os anos meu pai ia para Aparecida do Norte no feriado de 12 de outubro. Sempre sozinho. Daquela vez eu estava a caminho da cidade junto com ele. Conheceria uma outra face que sempre fora imaginada.

— Filho da puta! — gritou o motorista, pisando com toda a força no freio. O vidro à minha frente ficou tingido de vermelho. Depois do susto, o motorista encostou o ônibus.

— Lazarento — disse, pulando por cima de mim para sair do coletivo.

O vento trazia para dentro da cabine um cheiro de sangue quente. Os carros continuavam passando, não se importavam com a mancha vermelha escorrendo pelo asfalto. Segurei o isqueiro aberto nas minhas mãos em concha. Não tinha coragem de sair. O motorista andou pelo acostamento, pôs as mãos na cabeça, praguejou, cuspiu no asfalto. Ele começou a falar com alguém que eu não conseguia ver. Erguia os braços para o céu, balançava a cabeça para os lados. Levantei a cabeça e vi um homem ao seu lado, sujo, com uma jaqueta de brim rasgada nos cotovelos. O sujeito apontava para o chão, para algo que parecia ser o dono do sangue que manchava o para-brisa e a estrada. O motorista estava inflexível, não admitia o mínimo de culpa.

Apertei ainda mais o isqueiro contra a palma de uma das mãos. A discussão deu uma trégua. Os dois olhavam para o chão. O homem malvestido chorava, passava a mão pelos cabelos, ajeitava os fios crespos que caíam sobre a testa.

O motorista sacou um cigarro do bolso da camisa e procurou o isqueiro no bolso da calça. Olhei para o Zippo e me levantei, queria descer as escadas com a desculpa certa para entender o que estava acontecendo. Assim que pus os pés no chão, vi o corpo caído ao lado do pneu. Fiquei enojado, senti meu estômago pulsar pra dentro e um gosto azedo na garganta. Contraí as mãos e fechei o Zippo, que fez um barulho de metal estalando. Foi rápido, justamente em um breve instante de silêncio dos carros na estrada. O homem maltrapilho escutou o clique e deduziu que estava sendo ameaçado:

— Tá armado! Tá armado — gritou, já metendo um soco no nariz do motorista. Eu fiquei em pé na beira do ônibus. Apoiei uma das mãos na lataria e senti o sangue na palma. O motorista cambaleou dois passos para trás. Voltou mancando para o embate. Eu não tinha percebido até então que era manco. Mais baixo que o agressor, meio tonto por causa da primeira pancada, ergueu a guarda e aceitou a peleja. Levou mais um soco no nariz. Tentou revidar com uma cotovelada, errou. Chutou a canela do outro, mas pegou fraco. Escorregou, caiu, levantou e partiu para o revide. Levou mais dois golpes, um no olho, outro de raspão na testa. Estava difícil para o motorista. O andarilho percebeu e cresceu a violência das pancadas.

De repente, um baque surdo fez a briga parar. O andarilho caiu desmaiado no asfalto. Foi atingido pelas costas por um vulto que até então eu não havia percebido. Ficamos alguns segundos olhando o corpo do outro estirado no acostamento. Um carro que passou com a luz alta iluminou o autor da pancada que pôs fim à briga: era o meu pai. Ele tinha na mão o martelo de madeira que os motoristas usam para conferir a pressão dos pneus. Mais tarde ele contaria que pulou a janela para apartar a briga. Quando fechei a porta da cabine, acabei trancando os passageiros dentro do ônibus.

Voltamos para a cabine. Espiei pelo vidro da porta. Muitos romeiros estavam dormindo. Um ou outro acordou com a parada. Se alguém percebeu o atropelamento e a briga, não quis se envolver. As cabeças já estavam nas orações.

— Vamos deixar o homem aí? — disse o motorista, sentando com dificuldade.

O pai desceu novamente do ônibus para ver o estado do sujeito que havia derrubado. O martelo estava enfiado na cintura da calça, como um revólver. Desci junto. Só então percebi que o atropelado era o cavalo do andarilho. O ônibus o atingiu na cabeça e quebrou-lhe o pescoço. O agredido estava sentado de cócoras, recobrando a consciência. De longe o pai falou grosso com ele, com a mão perto do martelo.

— Tá melhor?

O sujeito balbuciou algo.

— Ele tá melhor. Vai ficar bem. Filho da puta — disse meu pai para o motorista, já subindo no ônibus.

O motorista olhou para mim. Fiz apenas uma cara de resignação. Não havia muito o que dizer. Ligou o motor e seguimos viagem. Cobri as pernas acoradas dentro do moletom. Fechei os olhos e fingi dormir. Na minha cabeça, a imagem do pai atacando o homem pelas costas.

Não tinha mais pasta de dentes. Chupei uma bala para aliviar o mau hálito. Coloquei a mochila nas costas. O pai desceu sem nada. Eu tropeçava nas minhas próprias pernas. Ainda era madrugada e o pátio não estava tão cheio. Alguns ônibus estacionavam, pessoas desciam e seguiam falando baixinho. Velhos, mulheres com roupas sóbrias, homens com uma fé estampada no andar. Poucas crianças. O pai já caminhava à minha frente. Apressei o passo.

— Tem que subir cedo, senão fica insuportável.

— Vamos tomar café? — perguntei.

— No pé do morro a gente come alguma coisa.

Enfiei as mãos no bolso e lembrei que o isqueiro do motorista ainda estava comigo. Caminhamos. Para passar o tempo e esquecer um pouco a fome, olhava as placas e tentava imaginar a distância que cada um havia percorrido. Lajeado Novo, Maranhão, uns cinco mil quilômetros. Lagoa Seca, Paraíba, talvez quatro mil. Santo Antônio das Missões, Rio Grande do Sul, uns mil e setecentos, provável... Era uma maneira de tapear minhas costas quebradas pelo desconforto do assento. Devia haver por ali gente muito mais cansada do que eu.

— Você tem ideia do que traz essas pessoas aqui?

— Uma comoção popular, né?

— Fé. Mais forte.

Aceitei. Estava com fome e cansado.

— Quantas horas de subida, sabe?

— Umas duas e meia. A descida é mais fácil.

Arenópolis, Goiás, uns oitocentos quilômetros. Várzea Grande, Mato Grosso, mil e cem.

— Não é fácil para esse povo chegar até aqui. Tem gente que economiza o ano. É a meca do catolicismo no Brasil.

A última frase lhe soou falsa.

— Quantas vezes o senhor já veio?

— Vinte e cinco. Vim pela primeira vez quando sua mãe tava grávida do seu irmão.

Sempre sozinho, meu pai, nessas viagens. Nunca trouxe a mãe, mesmo quando ainda estavam casados. A primeira gravidez da mãe fora de risco e o pai fizera uma promessa que deveria pagar por toda a vida, caso o Fernando sobrevivesse.

Saímos do estacionamento e caminhamos por algumas ruas da cidade repleta de pousadas baratas e restaurantes ainda com as portas fechadas. Um silêncio obrigatório nas ruas, só interrompido pelo ronco dos ônibus que chegavam lentos. De uma porta recém-aberta, uma senhora fez o convite que eu tanto esperava.

— Bom dia! Café?

O pai olhou para a placa. Restaurante Bom Paladar. Assentiu com a cabeça e entramos. A senhora veio até a nossa mesa esfregando as mãos no avental.

— Pão, manteiga, café e leite. Queijo ainda não tenho, mas posso fritar um bacon.

— Pão, manteiga, café e leite. E um copo d'água antes, por favor.

Ver meu pai comendo. A sujeira que fazia com os farelos. O jeito que recolhia tudo com o guardanapo. O barulho quase obsceno quando sorvia o café. A água para tomar seu comprimido digestivo no final. Não estava com vontade de falar. O pão com manteiga era bom. O café descia e confortava. O pai com sua mania de comer rápido e aconselhar o contrário.

— Não tenha pressa pra comer.

Era o sinal dele para encerrar a refeição.

Amanhecia. Algumas pessoas começavam a subir o Morro do Cruzeiro. Mulheres com crianças no colo; gente pobre; um sujeito com uma muleta; outro com cadeira de rodas sendo empurrado por um piá da minha idade; uma senhora que parecia rica, cheia de joias; dois irmãos gêmeos bem velhos; um negro gordo com o rosto tomado por cicatrizes.

Muitos entoavam cânticos de fé, outros traziam terços nas mãos e murmuravam palavras.

— Tá preparado? — disse ele.

— Ô...

Primeira estação. Jesus é condenado à morte. Paramos, rezamos. Meu pai, solene, fechou os olhos e balbuciou. Baixei a cabeça, tentei exercer uma postura de respeito. Um sistema de alto-falantes narrava cânticos. Todos os tinham na ponta da língua.

Segunda estação. O chão era de terra. “Jesus carrega a cruz nas costas”, disse o padre. Meu pai fez o sinal da cruz. Beijou a ponta dos dedos, passou a mão na testa.

Terceira estação. Jesus cai pela primeira vez. O alto-falante reforçava a vigília, fiéis choravam suas promessas.

Quarta estação. Tentei rezar com o mesmo compromisso do meu pai. Senti vergonha por não ter a mesma fé que ele.

Encarei uma guia turística. Ela levantou mais a voz, acima da oração que saía do microfone. Era bonita e tinha um sotaque nordestino puxado. Falava com jeito de professora e o grupo fazia cara de interessado. Deve ter pensado que eu fazia parte da sua excursão e passou a se dirigir também a mim.

— São sete horas da manhã. Parem um instante e prestem atenção no cheiro... — disse a guia.

Paramos. Alguns outros peregrinos se irritaram com a interrupção da caminhada e desviaram da gente.

— Respirem fundo — continuou a guia. — Alguém consegue identificar o aroma?

O barulho contínuo da reza atrapalhava minha percepção. Tentei ignorar a ladainha à minha volta, estava realmente interessado no cheiro. Puxei forte o ar e senti algo agradável. Todo o grupo fez o mesmo. O jeito nordestino daquela mulher, com suas sandálias de couro e cabelos negros, chamava-me a atenção. Respirei no seu ritmo professoral.

— Sintam... Sintam... É o ar da manhã do Morro do Cruzeiro. Milhares de pessoas passam por aqui todos os anos,

todos os meses, todos os dias... Elas correm lá para cima, mais de seiscentos metros de altura. E muitos, a maioria, eu diria, nem percebem que Deus está também nesse cheiro.

Loção de barba... Era o que me vinha à cabeça.

— É eucalipto. O cheiro fica mais forte agora... Sintam. Olhem as árvores ao redor. Elas perfumam o caminho de quem sobe o morro.

Respirei forte e pausadamente.

— Vamos dar as mãos. Fechem os olhos.

Alguém segurou minha mão esquerda. E, logo depois, a direita. Acho que fizemos uma roda.

— Proponho uma oração para agradecer esse momento.

Ela puxou o coro da ave-maria. Rezei com a máxima convicção possível.

Quando abri os olhos, não achei mais meu pai.

Achei que o mais lógico era esperar o pai na saída da via crucis. Sentei em um meio-fio e fiquei esperando. O feriado da padroeira lotava a cidade. Mais cedo ou mais tarde eu acharia o pai, tinha essa certeza. Deixei a mochila ao lado e tirei de dentro dela o bloco e o livro. Apoiei o bloco de anotações em cima d'*As aventuras de Robinson Crusóe* e deixei a caneta correr pelas páginas. Escrevi algumas ideias soltas só para passar o tempo. Desde que começara a ler pela segunda vez o romance de Defoe, passei a imaginar o que o aventureiro inglês teria feito nas lacunas do seu diário. E algumas daquelas partes não explicadas aconteciam justamente quando ele estava no Brasil. Depois de mais de uma hora de espera e rascunhos, um sujeito sentou-se ao meu lado. Colocou no chão uma grande bolsa de mascate e puxou assunto:

— Bona. Prazer. É de Bonaparte. Tá perdido?

— Esperando meu pai.

— Eu cheguei perdido aqui um dia. Desbanquei de um circo que tava quase vendendo a lona para pagar a comida de quem ainda tinha coragem de seguir viagem. Saltei só com a roupa do corpo. Fiquei em Guaratinguetá. Achei o nome muito feio. Pedi carona e resolvi parar por aqui. E pra não dizer que vim sem nada, cheguei só com as facas na cinta. Era atirador, sabe? Entrei em uma igreja que demoliram um tempo depois e lavei o rosto na pia de água benta.

Achei engraçado o jeito dele falar da vida. Perguntei o que tinha dentro da mala. Bona vendia cintos de couro na cidade. E isso era verdade. Comprava no atacado e vendia no varejo.

— Turista religioso é uma praga, parece que quer acreditar em mentira — disse ele. — Outro dia falei pra um grupo que o cinto tinha sido benzido pelo Papa.

— Acreditaram?

— Compraram tudo o que eu tinha. Pela glória da Virgem Maria — sorriu.

— Você é estudante?

— Aham.

— O que quer fazer da vida?

— Ser escritor.

— Me conta uma mentira.

— Como é?

— Você entendeu o que eu falei. Eu te vi escrevendo.

Fala pra mim algo aí do seu caderno.

Corri os olhos pelas páginas já anotadas. Meio sem entender o pedido do estranho, passei a ler uma página aleatória:

— *Desembarquei. Não tinha mais comigo a certeza de um dia voltar. "Casa" era um conceito que flutuava desde que atravessasse aquela rampa. O Brasil era a terra prometida. Uma promessa feita por mim mesmo, na alucinação do mar revoltado que por vezes quase me jogou no oceano. Poucos me ajudaram. Mas mesmo os marinheiros mais ignorantes percebiam que eu ficava mais forte e resistente a cada tempestade. Em pouco tempo, um ou dois meses mais, talvez, seria um deles. Decidi descer antes. Agradei ao bom capitão e disse que tentaria minha vida nova naquele Brasil temido. Meu respeito cresceu entre os homens que seguiriam viagem. Minha aventura era ainda mais incerta que a deles. Tinha na algibeira uns bons tostões de ouro, que consegui esconder durante toda a viagem. Não era muito para os padrões londrinos, mas, para começar a vida entre os botocudos deste país no sul do mundo, devia dar. Chamei dois negros de ganho para me guiar até uma pousada decente. Ao menos teria uma cama com cheiro de lavanda. Senti-me um rei. Dormi e sonhei com a vida que começaria a construir. "Posso ser quem eu quiser nesta terra em que até no espelho minha imagem é nova", pensei. Fazendeiro, traficante de escravos, comerciante, vendedor... Nenhum compromisso com*

coerências impostas. Um personagem desenhando sua própria história. Mais livre do que estar no mar à deriva. O vento sou eu quem sopra. Sonhei imaginando minhas linhas. As que desenharia e as que me limitariam.

— Tudo inventado?

— Tudo mentira — confirmei, sustentando meu orgulho. — Tô inventando as histórias que o Robinson Crusóé viveu no Brasil.

— Crusóé, aquele que ficou preso em uma ilha? Mas ele existiu de verdade?

— Não que eu saiba...

— Então você tá inventando uma história de alguém que nem existe?

— Acho que sim... — disse eu, sem saber se isso agradaria ou não.

Apenas fez uma aprovação com a cabeça, algo que deu a tarefa como cumprida.

— Garoto, se você quer mesmo encontrar seu pai, vamos até perto da Basílica. Aqui nessa rua vai ser difícil... Se quiser, te acompanho até lá.

De fato, não demorou muito para o encontrarmos. O pai fez questão de comprar dois (os melhores e mais caros) logo que o vendedor ambulante me devolveu em boas condições, como chegaram a brincar. O Bona gravou com a ponta do punhal o que seriam as iniciais do meu nome e também as do nome do pai em cada cinto. Guardei o meu na mochila. O pai vestiu o dele mesmo sem ornar com seu tênis de viagem. Bona se despediu e saiu caminhando por entre os romeiros com aquele seu jeito de herói cansado.

Meu pai ainda queria rezar na sala onde as velas eram acesas. Ele comprou um maço de sete, e acendeu uma a uma. Empruntei o meu isqueiro. Na verdade, do motorista. Tive orgulho por ser útil, meu pai jamais andaria com algo do gênero no bolso.

— O senhor conseguiu assistir à missa na Basílica?

— Não teve hoje.

Olhamos em volta. Pernas e braços, cabeças, mãos, pés... Algumas velas mais derretidas, outras que tinham apenas os pavios apagados, mas que derretiam pelo calor das peças vizinhas. Já era fim do dia e a massa uniforme de parafina colocava todos os desejos no chão. Alguém na madrugada entraria na pequena capela e rasparia com uma pá o material. Uma fábrica receberia os pedaços e derreteria, fazendo novamente peças do tamanho dos membros do corpo humano. Era a mesma parafina que circulava entre as promessas de Aparecida do Norte havia décadas. As velas que meu pai acendeu permaneceram ardendo. Ele tinha um olhar de perdão. De quem o pede. Saímos da capela. Caminhamos até o ônibus. Pegamos um cachorro-quente e duas latinhas de refrigerante em uma barraca. Muitos fiéis já voltavam para seus ônibus. O cheiro de diesel queimado espalhava-se pelo pátio. Centenas de quilômetros esperavam os romeiros na volta para casa. Subiam cansados para seus lugares. Uma frustração seguia com muitos.

— A Basílica ficou fechada o dia inteiro.

— Por que será, pai?

— Não sei bem. O pessoal acabou rezando nas igrejas da redondeza, no morro...

— Eu esperei o senhor no pé do morro um bom tempo.

— Nos desencontramos. Na pior das hipóteses, você voltaria pro nosso ônibus, certo?

— Aham.

— E o senhor, pai, o que fez? A igreja tava fechada...

Ele mastigou mais um pedaço, tomou um gole de Coca-Cola.

— Por aí. Pensando. Queria te falar que tomei uma decisão. Mesmo. Chega de viagem. A gente vai ficar mais perto.

Por um momento não soube o que falar. Ele estava tomando a decisão de sua vida e me contando antes mesmo de falar para o meu irmão.

— Mais perto. Isso é bom — disse.

— Quero que você me ajude. Vamos começar a pensar no seu futuro.

Ele indicou com a cabeça que devíamos ir até o ônibus. Em pouco tempo sairíamos. Subi os degraus do ônibus. O motorista já estava sentado. Devolvi o Zippo.

— Tava com você? Até que foi bom, nem fumei hoje.

Ele ligou o motor. Sentei perto da janela. Ficava mais apertado, porém preferi assim. Tirei o bloco da mochila. O ônibus arrancou. Duas senhoras conversavam ao lado.

— Achei um absurdo a Basílica ficar fechada justo hoje, dia de Nossa Senhora.

— Diz que teve roubo lá dentro.

— E essa gente toda que veio do Brasil inteiro? Que é que tem a ver com isso?

Continuei mexendo na bolsa. Achei o cinto que o pai comprara do Bona. Por curiosidade, desenrolei para ver a inscrição feita com a ponta da faca no verso. Ele disse que ia grafar as iniciais do meu nome, para que eu não confundisse com o do meu pai. Apenas duas letras: RC. Guardei o cinto ao lado da resposta: o livro *Robinson Crusoe*. Bona era mesmo engraçado.

Mal eu sabia que as aventuras do náufrago inglês me acompanhariam por muito tempo. A minha primeira viagem só com o pai, a última dele para Aparecida depois de vinte e cinco anos sem falhar uma só vez. E o anúncio de que ele ia abandonar a profissão de viajante. Era a chegada em uma ilha enorme, da qual eu levaria anos para encontrar a saída.

— Pai, tô com fome!

— Mais um pouco — disse, sem tirar os olhos do movimento do comércio.

Ele fazia cálculos, detalhava seus planos mentalmente. Observava. Chovia forte, estava frio. Já tinha perdido as contas de quantas vezes a gente havia ficado parado dentro do fusca em frente àquela farmácia.

— Quarta-feira é melhor — concluiu.

Minhas costas doíam. As pernas não achavam posição. Por reflexo, tentei ligar o rádio. Só então lembrei que o carro dele não tinha. Nunca teve.

— Esse mercado do lado ajuda. Tem gente que sai de lá e vai direto pra farmácia.

No dia anterior ficamos duas horas de manhã no mesmo local. Chegamos a passar a tarde de sábado no mesmo lugar, durante um jogo do Iguazu contra o Trieste, que acontecia no campo atrás do estacionamento onde paramos o fusca. A rua era movimentada. Muita gente passava pela farmácia, qualquer que fosse a hora do dia. Eu mesmo já estava convencido de que o negócio seria bom. Tinha, além do mercado, lanchonete do lado, loja de roupas, ponto de ônibus, escola. A análise que o pai fazia já começava a me impregnar.

— Esse luminoso não tá certo. Tem que mandar fazer uma cruz e meter lá no alto, em um poste — planejava em voz alta.

Não devia ser fácil para o pai tomar a decisão. Mas, de alguma forma, já estava tomada. E não por ele. Desde a viagem para Aparecida, sabia de sua demissão do laboratório, o que aconteceria em mais ou menos tempo. A multinacional começava a implantar uma política em todo o Brasil de trabalhar apenas com propagandistas de nível superior, o que não era o caso dele.

Meu pai era bom orador. Com o passar dos anos, desenvolveu um jeito persuasivo e — ao mesmo tempo — didático. Conhecia os médicos pelo primeiro nome e anotava em uma caderneta alguns detalhes de suas vidas pessoais. Explicava nos consultórios, em horários encaixados pelas secretárias, os benefícios dos produtos que a indústria farmacêutica despejava em todo o Brasil naqueles anos 1980. Mesmo depois que passou para a chefia do setor, mantinha algumas visitas a determinados médicos. Ele se orgulhava de saber mais do que os doutores sobre determinadas fórmulas, tratamentos e pesquisas acadêmicas. O laboratório treinava seus propagandistas para que a fala fosse convincente, o fator decisivo para o médico receitar seus produtos. Em alguns casos, uma verba chamada gentilmente de “rubrica de pesquisa” era colocada à disposição. Na prática, alguns médicos ganhavam uma ajuda de custo para frequentar congressos e simpósios. E, em troca, o receituário cada vez mais incluía os medicamentos propagandeados pelo pai. Depois de muitos anos trabalhando na indústria farmacêutica, passou a ser uma referência entre os propagandistas que procuravam um emprego que pagasse mais. Ele sabia capitanear os melhores. O esquema funcionou por anos. Mas os tempos estavam mudando. A empresa passava gradualmente a preferir a imagem que os jovens universitários poderiam agregar aos produtos.

— Eu quero um acerto. — Foi dessa forma que o pai antecipou sua saída do laboratório.

Ele contava a história em casa com a dignidade de quem tinha o comando da situação. Disse que escreveu dentro de um envelope o valor que lhe era devido pelos vinte e cinco anos de dedicação à empresa. E queria também o fusca usado em tantas viagens. Aceitaram. Uma saída honrosa daquele mundo de estradas, viagens, hotéis, médicos, salas de espera e amostras grátis na pasta preta que carregava consigo. Fora o primeiro da turma dos propagandistas que percebeu o fim de uma era. Dentro do fusca que ainda tinha os pneus desgastados pelas

estradas e o eterno cheiro de remédios, eu e o pai observávamos o movimento da Farmácia Colonial.

— Já falei pro seu irmão pensar bem. Vou precisar dele aqui.

O Fernando estava há pouco tempo trabalhando como propagandista. O pai tinha conseguido o emprego para ele em um laboratório menor. Não era ainda um viajante, mas já fazia suas visitas aos médicos da grande Curitiba. Enfrentava a rotina de ônibus. Tinha desistido de fazer o supletivo.

— Comércio é complicado. Só dá certo com gente de confiança. E se eu não confiar nos meus filhos, vou confiar em quem? — teorizava o pai.

Chovia ainda mais forte. Eram quase oito horas da noite. Um funcionário saiu de dentro do balcão e baixou uma das portas. Em seguida, deixou a outra pela metade. O pai ligou o carro e fez um sinal de reprovação com a cabeça.

— Tá vendo? É funcionário. Tá baixando as portas antes do horário. Se fosse dono, era diferente...

O fusca avançou pela avenida Manoel Ribas em direção à nossa casa. Passamos pelos restaurantes que atraíam turistas de tudo quanto é canto do Brasil para experimentar o famoso frango com polenta frita.

— Santa Felicidade é um universo à parte — dizia o pai. — Em que outro lugar vai se cobrar preço de grã-fino pra servir comida de colono? Só aqui mesmo.

Ele havia decidido. No dia seguinte iria ao banco para retirar o dinheiro. Faria a proposta com a grana viva no balcão. Sabia das dívidas, dos problemas com os funcionários. O dono da Farmácia Colonial não recusaria.

— Rezei muito lá em Aparecida pra me aparecer um negócio bom. Quando a gente pede com fé, aparece.

O fusca estava com os vidros embaçados. Peguei a flanela alaranjada e passei no para-brisa. Na frente de casa, desci para abrir o portão, sem me importar muito com a chuva fria. Enquanto o pai manobrava na garagem, lembrei do que ele havia dito sobre contar com os dois filhos para trabalhar na far-

mácia. Filhos, no plural. Sem que eu me desse conta, estava destinando àquela ilha escolhida por ele.

Eu passei muito tempo convivendo com o Fernando em casa e alguns anos cercado pelo balcão no qual o pai nos colocou. Mas o que vivemos naquela noite na quadra de esportes do bairro talvez represente mais o que nossa relação era de fato.

O aramado ia quase até o teto na cancha de futebol de salão. Em dias de campeonato, parecia uma arena. Naquela noite, estávamos apenas nós dois ali dentro, um coliseu no qual faríamos o papel de gladiador e leão, confundindo interpretações. Não tinha plateia. Os poucos que ficaram depois da partida estavam jogando truco no bar do ginásio ou tomando banho no vestiário.

Meu irmão era goleiro. Por algum tempo trabalhou em um dos restaurantes do bairro e ficou amigo dos garçons. Ainda jogava no time deles nos campeonatos de futebol de salão de Santa Felicidade. Os treinos aconteciam às terças. Eu e o pai íamos assistir e comer pão com bife. No fim da partida, a piazada aproveitava, enquanto o gerente da quadra não apagava os refletores, para jogar como os adultos. Em pouco tempo, seriam eles que jogariam ali. O pai já tivera seus momentos no piso de cimento queimado do velho Itálicus. Fora atacante.

— Vai lá pro gol que hoje eu vou treinar você.

Fernando estava sem camisa e com uma lata de cerveja na mão. Não era a primeira, nem a segunda. Tomei posição. Estávamos apenas nós dois na quadra. Olhamos um para o outro, o último contato entre quem chuta e quem defende. Ele tomou distância, bebeu um gole curto e correu para chutar com o líquido ainda na boca. Bateu de bico, estava um pouco atrás da marca do pênalti. A bola chocou-se contra a trave. O barulho ecoou pelo ginásio. Os demais jogadores que estavam no bar pararam por um instante para olhar. Ameacei, apenas ameacei, pular para defender.

— Levou sorte, piá. Prepara que agora você vai ter que trabalhar.

Esfreguei uma mão na outra, assoprei dentro delas, formavam uma concha. Estava sem luvas. A bola de salão parece de concreto. A quadra é lisa e dura. Ele chutou rasteiro, no canto. Entrei de carrinho e parei o tiro na sola do pé direito.

— Essa é pra esquentar.

Peguei a bola com as mãos. Sabia que ele estava falando sério. Devolvi, olhei para os lados. O pai devia estar dentro do bar.

— Posso?

Mais um gole de cerveja. Ele, confiante, dava risadas.

— Venha — respondi.

Dessa vez deu um toque que fez a bola rolar um pouco pra frente. Bateu com a lateral do pé, com efeito. Ela veio na altura do rosto. Fechei as duas mãos e firmei os pulsos. Travei a mandíbula e espalmei para o lado. Ele correu para pegar o rebote. Ainda estava na área. Me joguei e abracei a bola, caí nos pés dele.

Voltei para a linha do gol. Devolvi a bola na direção dos seus pés. Conhecia o Fernando. Cada chute viria com mais força. O pessoal do bar aos poucos parava o carteadado para ver o que se passava dentro daquela arena que criamos para nós.

— Goleiro de salão não tem medo de cair — forçou uma aprovação.

Esfolei o joelho na defesa. Tive medo do rebote, por isso me joguei no chão.

— Agora é treino de pênalti.

O pênalti no futebol de salão é um tiro forte demais para ser defendido pela habilidade. Não há o que fazer, exceto escolher um lado e torcer para que a bola estoure em alguma parte do seu corpo. Caso haja erro na escolha do lado, a rede é estufada e não há mais o que se perder.

Novamente esfreguei as mãos uma na outra. Fiz um pên-dulo com o peso do corpo, da perna esquerda à direita, testei o equilíbrio. Nos encaramos. Escolhi o lado esquerdo. Justamente

para o qual ele chutou, na altura da cintura. No pulo, me joguei forte demais e acabei tomando o golpe na barriga. A bola espirrou e foi para o escanteio. Caí no chão meio de lado, amorteci com a bunda. O soco no estômago tinha sido forte. Puxei o ar e ele não vinha. Deitei e encolhi as pernas sobre a barriga. Abri os olhos e vi meu irmão em pé, me olhando de cima.

— Machucou, Luizinho?

Tinha preocupação. E ironia.

Levantei e posicionei de volta. Deixei a barriga mais dura, poderia barrar um tiro de bazuca naquela armadura, na arena que não pretendia deixar tão cedo. Fernando jogou a latinha vazia na lateral da quadra. Foi até o meio de campo e pediu a bola. Lancei até seus pés. Outros jogadores já bêbados saíam do bar para ver a luta na quadra. Para eles, apenas um bate pê-nalti entre dois irmãos. Alguém comentou:

— Olha o Fernando fazendo o piá virar goleiro.

— Se bobear, pega o lugar do irmão no time.

O Fernando ouviu e encheu a mão direita com o volume do seu saco por sobre o calção e mandou os dois se foderem.

— Prepara que vai alta, piá.

Deixou a bola na marca do meio de campo. Recuou quatro passos. Como um touro, mediu o alvo. Nós nos olhamos mais uma vez. O Fernando era conhecido pelos seus tiros certeiros à longa distância. Em momentos cruciais dos campeonatos dos garçons, o técnico o mandava bater as faltas. Um chute que poderia definir a partida. A barreira espirrava, a zaga não tinha culhão para travar suas cobranças. Não importava se era de longe. A força só se dissipava na rede; na grade (caso a mira estivesse desafinada, não era o caso, na maioria das vezes); ou no corpo do goleiro. Eu estava disposto a fechar o gol.

Esfreguei as mãos, testei o peso do corpo em cima das pernas, flexionei os joelhos, nos encaramos. A bola veio em elipse. De baixo para cima até a intermediária. Deixei as mãos em concha um pouco acima da testa, acompanhando a trajetória. Logo a curva baixou e ela veio em direção à minha testa.

Depois em linha contra o meu nariz. Baixei as mãos, ia segurar, ia espalmar, ia esmurrar, eu tinha a confiança de defender o gol. Em uma fração de segundo, ela veio em direção à minha boca. Coloquei força nos pulsos, travei os dedos, cerrei o semblante e fiquei preparado para o baque. Estava preparado. A bola a uns dez centímetros da minha boca, foi o que eu vi antes de tomar o soco. Caí com o impacto. Senti o gosto do couro na língua, o arranhar da costura dos gomos, o cheiro da sola dos jogadores. Rolei na área. Escutei meu irmão gritando um putaqueopariu. Os passos dos bêbados correndo para dentro da arena. Alguém virou meu rosto de lado, foi bom. O sangue despejou feito vômito da minha boca e marcou a área. Uma mão conhecida se aproximou. Com o dedo, virou meu lábio para baixo para ver o tamanho do corte.

— Porra, Fernando. Você é idiota?

Meu pai tirou a camisa e pressionou o corte. Fui reabrindo a consciência aos poucos. Meu irmão estava assustado, eu também. O cara do bar trouxe gelo e colocou na minha mão. Fui pondo as pedras no corte. O pai me ajudou a sentar. O Fernando ainda perto, envergonhado com a merda que havia feito. Olhei a bola na lateral da quadra. Ela não tinha entrado no gol.

Nas semanas seguintes, dentro de casa e atrás do balcão, ficamos sem nos falar. Até os momentos mais óbvios, como embrulhar um remédio para finalizar uma venda, eram feitos sem que trocássemos uma palavra sequer. O clima pesava. O pai aguentou até onde pode. Quando ficou insustentável, decretou a volta à paz, a seu modo, claro:

— Eu vou fazer vocês se tratarem igual gente. Nem que seja na base da porrada.

Voltamos então a conversar, eu e o Fernando. Os dois, presos à ilha.

— Omeprazol, duas caixinhas.

— Qual dosagem?

Entrou outro cliente.

— Alicate de cutícula, tem da Mundial? — disse a manicure do salão ao lado. O pai indicou com a cabeça para que eu pegasse na prateleira atrás.

— Quero medir pressão. Ontem tava doze por oito — disse um freguês que estava por ali vendo preços de xampus. O pai apontou a salinha de injeção. Voltei com o alicate. O primeiro cliente me parou no caminho e disse que queria o Omeprazol de 40. O pai apontou para uma prateleira ao lado, já estava atendendo uma senhorinha. Embrulhei o produto. O pai terminou a venda.

— Mais alguma coisa?

A senhorinha pediu para abrir um esmalte.

— Não pode, tem mostruário aí do lado — pontuou.

— Minha pressão, hoje, acho que subiu.

O pai caminhou até a salinha. Fiquei atendendo à cliente dos esmaltes.

— O Rosa Bombom da Risqué acabou?

Olhei para ela e levantei os ombros. O pai falou:

— Leva o Pink da Colorama que é igual.

Ela aprovou. Embrulhei o pedido e cobreí. O pai voltou com o cliente.

— A pressão tá alta, seu Manfron. Alta mesmo. Catorze por nove. Precisa se cuidar.

— Não aguento mais médico falando no meu ouvido — desabafou o cliente.

Sentei na banquetta para descansar. O cliente era um italiano de olhos claros, usava chinelos de dedo e calça social suja

de barro. Era a quarta vez que ele vinha na farmácia. Na primeira, achei que era pedinte. Depois ouvi uma conversa do pai com um comerciante vizinho que contou sobre o velho. Fez dinheiro vendendo batatas para os restaurantes do bairro. Comprava de agricultores de Campo Magro, município pertinho, levava até sua chácara para lavar e ensacar. Depois, vendia por encomenda. Já estava com setenta anos, tinha cinco casas alugadas, terrenos na praia, carros, filhos formados e dinheiro na poupança. Mas ainda trabalhava como jovem, descarregava os fardos no lombo, como os peões que contratava.

— O senhor é forte, mas não é pra sempre, seu Manfron — baixou o tom, fazendo de conta que eu não ia ouvir a conversa. — Já imaginou se dá um derrame? Como é que ficam as namoradas que o senhor tem ali no Butiatuvinha?

Informação privilegiada do pai. O velho frequentava uma casa perto. Lá se reuniam umas moças que chegavam do interior. Ele piscou para o pai e abriu o sorriso com alguns dentes faltando.

— Leva essa caixinha e toma dois por dia. Volta aqui na semana que vem e me diga se melhorou.

Era uma amostra grátis que havia sobrado do laboratório. O cliente saiu agradecido. Os remédios que o pai distribuía de graça nas primeiras semanas eram cartões de visita muito bem endereçados. No caso do batateiro, sabia que o sujeito era respeitado no bairro. Se gostasse do atendimento, com certeza voltaria e ainda indicaria outros clientes.

Estávamos na farmácia há pouco tempo. O balcão era cor-de-rosa, fórmica nos cantos e vidro em cima, fazendo das gavetas uma vitrine. A gente às vezes se apoiava no vidro para descansar as costas. Durava pouco.

— Balconista não deita no balcão — dizia o pai, repreendendo pelo desleixo.

Alguns dias depois, o cliente do pai dava sua aprovação, o que logo seria comentado em todo o bairro.

— O remedinho, ó! — fez positivo com a mão, falando de dentro do caminhão estacionado. Seu Manfron foi o primeiro a ser conquistado no bairro pela confiança que meu pai imprimia.

De manhã, eu ficava na escola. De tarde, na farmácia. Meu irmão passava o dia inteiro atrás do balcão. Pediu demissão do laboratório já na primeira semana do novo negócio. Vez ou outra ele saía para fazer serviço de banco ou entregas fora. Tinha que ser rápido, dizia o pai:

— Farmácia é rotina. O cliente quer ver sempre o mesmo homem atrás do balcão.

Uma farmácia tem alguns mundos dentro de si. Atrás do balcão, existem as prateleiras que o cliente vê. Os remédios mais comprados, a perfumaria, os produtos anunciados na televisão. É como se fosse um cenário, uma organização montada, a parte de cima dos moranguinhos da bandeja. É ali que a venda se dá. Fernando ficava na parte da frente no maior espaço de tempo. Era mais velho, já tinha trabalhado como propagandista e passava confiança.

A parte de trás, longe dos olhos dos clientes, era a minha responsabilidade. Ao meu redor ficavam os remédios que de fato traziam lucro para a farmácia. Organizados não de acordo com o que cliente esperava ver: o critério era o lucro. Saber quanto havia sido pago pelos itens e calcular rapidamente uma cesta de produtos que pudesse somar o maior ganho, aliado à cura para o doente, era a virtude que o pai valorizava.

— Tem que ser ligeiro. Se demorar muito lá atrás, o cliente desconfia. Por isso tem que saber comprar do laboratório. Isso eu sei e faço. Mas vocês têm que ficar de olho no que tem mais margem de lucro — o pai dava suas lições nos momentos de pouco movimento na farmácia.

No inverno, a injeção de eucalipto era a mais vendida. Os colonos viviam de chinelo de dedo e camisa de peito aberto, lidando na roça. O pai percebeu logo o filão.

— Me dá aquela picada milagreira — Seu Manfron já tomava a sua verdinha pelo terceiro ano consecutivo.

— Amanhã o senhor vai estar bom.

A injeção de eucalipto ainda tinha um efeito psicológico. A cor ajudava, era possível ver ainda na ampola. O pai fazia questão de, casualmente ensaiado, abrir o vidrinho na frente do cliente, exibindo o líquido: um elixir da cura com lucro de oitenta por cento. Depois de aplicada, ela deixava um gosto de mentol na boca. Eu mesmo já tinha tomado e gostava da sensação.

Era bom ver as pequenas técnicas que o pai ia desenvolvendo para aumentar o lucro. O Fernando tinha um estilo aguerrido, poderia vender casas, roupas, joias ou remédios. Olhava o carro do cliente, o relógio, a carteira. Com essas informações, montava uma meta de quanto seria possível tirar de dinheiro do sujeito.

— Meus dois filhos estão encaminhados. Um dia eles vão cuidar disso aqui — dizia para os parentes e amigos.

Meu pai estava cada vez mais feliz por tirar o sustento da família daqueles poucos metros quadrados. Suas viagens acabaram na hora certa, orgulhava-se de dizer. Seus filhos teriam um negócio para continuar. Ia deixar algo concreto para nós dois. Seguiríamos sempre juntos no balcão. Um nome no letreiro, o legado da família fincado no meio da Manoel Ribas, entre os restaurantes e seus pioneiros. Entre os tantos Madalossos, Benatos, Durigans, Perucis, Manossos, Manfrons, Dalarmis, Stivals, estava o nosso sobrenome estampado em um luminoso de quatro por cinco metros. Nossa bandeira, nosso marco.

Nos poucos momentos de folga, eu puxava meu bloco e continuava reescrevendo as lacunas da história do naufrago inglês. De noite eu lia em casa, fazia a lição da escola, assistia televisão, mas sempre acabava a noite relendo o livro do Crusóe com as minhas anotações.

“Existem mundos dentro do mundo”. Foi como eu comecei a escrever no meu bloco naquela sexta-feira. A semana tinha sido cheia, pedidos chegando todos os dias, centenas de caixinhas para conferir e guardar nas prateleiras. O pai me fazia conferir todos os medicamentos de tarja preta e as receitas

que ficavam retidas na farmácia. Eu e Fernando falávamos pouco, exceto quando algo nos interessava. E poucas coisas nos uniam dentro do balcão. Ele era um vendedor, buscava oportunidades em cada doença trazida pelos clientes. Aumentava sua comissão com similares de Neosaldinas, Cataflans, Bactrins e outros remédios. Eu organizava as prateleiras, conferia estoque, ajudava o pai nos pedidos. E arrumava tempo para escrever sem que eles percebessem tanto.

Por mais que tentasse outros temas, ainda me via preso ao Robinson Crusóé. Em uma tarde lenta na farmácia, o balcão vazio, o pai lia uma revista. O Fernando olhava para a rua. Eu arriscava algumas frases.

— Pai — disse o Fernando —, Fibrase é boa pra queimadura de sol?

— É. Mas Butesin é melhor pra gente.

Na semana anterior uma empresa de Goiás havia oferecido um bom lote de Butesin com sessenta por cento de desconto. Fernando não anotava essas coisas, fazia de tudo para guardar mentalmente o que poderia aumentar suas comissões.

— O que você tanto escreve nesse bloco? — perguntou o pai para mim.

— Tô adiantando a lição de casa.

— Esse bloco ainda é o mesmo que você levou pra Aparecida?

Já haviam se passado quase três anos da nossa viagem. A pergunta tinha sua alfinetada. “Se você quer mesmo escrever, por que escreve tão pouco?”, era o subtexto. Ergui o bloco e mostrei a capa, balançando a cabeça afirmativamente. No movimento, deixei cair no chão um panfleto da época. Ele escorregou até o pé do pai, que me devolveu o papel. Era um daqueles folders com a história da cidade e da padroeira. Marquei a página que estava escrevendo e fui tomar água no bebedouro. Para distrair, li o papel. Voltei para a mesa onde tomava minhas notas enquanto não tinha nada para fazer.

1717.

Uma estátua é encontrada em um rio. Três pescadores estavam em busca de peixes para alimentar uma comitiva oficial que visitaria a região. Eles jogam a rede em um rio e quando puxam, encontram a cabeça de uma estátua. Novamente lançam a rede na água e encontram o corpo da imagem, que se encaixa perfeitamente na primeira parte. A partir desse feito, a pesca passou a ser abundante na região.

Não havia pedidos para serem conferidos. Já era fim de tarde de uma quinta-feira.

— Pai, posso ir pra casa mais cedo? Preciso fazer uma pesquisa em um livro que tá no meu quarto.

O Fernando não gostava quando eu saía mais cedo. Era uma exceção que o pai abria para mim, por ainda estar estudando. Caminhei pela Manoel Ribas, andei pelos restaurantes que começavam a receber os turistas da noite. Cheiro de frango com polenta, gente fotografando os monumentos de uma Itália construída e que só existiu na lembrança dos arquitetos de gosto duvidoso. Eu não tinha pesquisa para fazer em casa, queria apenas caminhar pelos paralelepípedos.

Passei em frente ao Imaculada Conceição. De tarde, apenas as crianças do primário estudavam lá. Logo elas passariam para o ginásio, estudariam de manhã e ajudariam seus pais nos comércios do bairro. A vida se repetia na colônia. O uniforme cor de vinho era o mesmo usado há décadas. Uma homenagem às tinas de madeira que os pioneiros enchiam de uva para pisar com seus pés calejados e fazer as bebidas dessa terra povoada pelos descendentes do Vêneto. Vieram fugindo de guerras e de fomes. Do Porto de Paranaguá, subiram a serra e encontraram nos campos do fim de Curitiba algo decente para plantar milho, uva e criar galinha.

O vinho não saía parecido com o que estavam acostumados. O clima do Paraná em nada favorecia a cultura. Mas as terras eram baratas e já não valia a pena voltar. Fundaram a colônia. O título permanece até hoje e define um pedaço espe-

cífico de Santa Felicidade. É um trecho que nasce e morre mais ou menos onde a prefeitura decidiu manter o paralelepípedo e não cobrir com asfalto. É o mesmo pavimento que os pioneiros colocaram no chão. Um curto trecho de rua que abriga a Igreja, o Ginásio Itálicus, o colégio Imaculada Conceição, onde eu estudava, e os principais restaurantes.

Atravessei a Manoel Ribas e andei a pé para casa. Cheguei à noite. Comi alguma coisa na cozinha e fui para o quarto. Queria ficar sozinho. Desde que o pai e a mãe tinham se separado, a casa era sempre quieta. E um tanto menos limpa.

Folheei meu bloco de anotações. Li o que vinha escrevendo desde a viagem para Aparecida do Norte. Havia algum sentido criar nas lacunas de Robinson Crusóé? Não sabia. Apenas lidava com esse incômodo desde então. As poucas explicações do personagem sobre sua estada no Brasil me provocavam interesse. Precisava completar os espaços em branco de Defoe, resolver esses mistérios que não interessavam a mais ninguém.

Escrevi:

O que faz um navegante fora de seu barco?

Reli ao acaso algumas linhas:

Levo estas caixas em meu navio para mais uma aventura. As emoções do mar devem me ajudar a curar esta dor que sinto. O conteúdo deixarei pelo caminho na imensidão do mar.

Na época, escrevi lançando um problema para ser resolvido em outro momento. Coloquei um mistério dentro de caixas, truque básico. Fiz por impulso. O que o aventureiro inglês poderia ter colocado dentro das caixas? Ainda não sabia como resolver esse enigma.

Reli um pouco mais do que havia escrito há três anos. Encontrei o trecho em que Crusóé observa as negras escravizadas na beira de um rio no Brasil. Deitei-me na cama para descansar um pouco com o bloco apoiado no meu peito. Fechei os olhos e adormeci.

Quando acordei, o pai estava do meu lado, sentado em uma cadeira com o meu bloco na mão. Parecia ter chegado há pouco. Lia algumas páginas escolhidas ao acaso.

— É essa a sua lição?

Tentei organizar as ideias ainda confusas pelo sono. Ele insistiu:

— É isso que o senhor veio fazer em casa?

O pronome de respeito marcava o tom da conversa.

— Essas invenções vão colocar comida na sua mesa? Eu te liberei do balcão pra você vir pra casa fazer sua lição da escola.

Passamos uns dias sem nos falar. O bloco ficou com ele. Fez falta, mas não tinha coragem de pedir ou de tocar no assunto. Num dia, vi o caderno ao lado de sua mesa de cabeceira. Em outro, estava no porta-luvas do fusca.

O pai estava puto também com o Fernando. Meu irmão havia engravidado a filha do dono do mercado. A guria tinha dezessete anos.

— Eu vou te fazer resolver essa história, nem que seja na base da porrada!

Foi a resposta do pai.

Nem precisou. O Fernando gostou dela desde o início. Pena que era menor de idade, o falatório foi grande na colônia. Em pouco tempo eles iam se casar.

— Eu não vou fazer faculdade de Farmácia só porque o pai precisa — disse o Fernando um dia para mim. — Ainda mais agora, com filho. Voltar a estudar, cinco anos sentado lendo livro. Não dá pra mim.

Há poucos meses uma lei obrigara toda farmácia a ter um farmacêutico formado, com piso salarial estabelecido. O pai não queria esse dinheiro fora da família. Fernando, no entanto, conquistara seu motivo para continuar no balcão como vendedor, não como o farmacêutico formado responsável.

— Eu também não quero — confessei.

— Já falou pra ele?

— Vou ter que falar, né?

— Mas você não quer fazer a faculdade de Farmácia por quê?

Dei de ombros. Olhei o balcão e fiquei observando o Fernando em pé conferindo a ordem dos antiácidos, arrumando tudo por ordem de tamanho, igual ao que o pai fazia.

A NOTÍCIA

Não havia mais nada a ser dito. Mas eles me mandavam continuar narrando.

— A imagem tá boa demais! Aproveita, é a tua chance — diziam.

Eu tinha vontade de mandar todo mundo à merda. No intervalo, pelo intercom, mandei o Japonês se foder. Ele deu risada e passou para a assistente:

— Segura o assunto, Luiz. A imagem, a porra da imagem, é fodida. Não tá vendo que pode ser a tua chance?

— Não, eu tô de costas pro incêndio — respondi.

— Escute aqui seu reporterzinho mimado: não é todo dia que um navio explode no meio do porto. O Japonês tá com a maquininha aqui na frente...

A maquininha, relatório online do Ibope, os números da audiência em tempo real.

— Atenção, atenção! — gritou pelo ponto eletrônico enfiado no meu ouvido direito. — O Kaled vai chamar em trinta segundos. Posiciona, Luiz. E fala!

O cinegrafista me focalizou e colocou as imagens das chamas nas minhas costas; parecia que eu estava no calor da notícia.

— Tá entrando, tá entrando. No ar — a assistente gritou de volta no meu ouvido.

— Mais uma vez voltamos ao vivo aqui de Paranaguá. Estamos praticamente dentro do porto da cidade. Já são mais de quinze horas de fogo incontrolável. Vocês podem ver pelas imagens que os bombeiros têm muita dificuldade para conter as chamas que ameaçam atingir outros navios. O Vicunha é de bandeira espanhola e trazia uma grande carga de petróleo para o estado.

Se eu bem conhecia o Japonês, ele devia estar abrindo um potinho de Yakult e falando “mete arquivo agora”. E o Luiz que se foda pra contar de novo o começo dessa porra toda.

— A audiência tá subindo — berrava a assistente, que nem se deu ao trabalho de desligar o ponto eletrônico.

— Prepara o merchan do colchão magnético, vou colocar na sequência. O cara paga bem e prometeu um do mostuário pra minha mãe.

A galera do control room deu risadas, todos acharam que era piada. Com o tempo desenvolvi uma capacidade de ouvir o que se passa no ponto eletrônico enquanto falo qualquer outra coisa, inclusive notícia. Eles sempre esquecem ligado. Já flagrei até o Japonês falando mal de mim. Não são todos os repórteres que conseguem isso. Em geral, eles se atrapalham, tem gente que chega a arrancar o aparelho do ouvido durante a notícia. Eu aprendi a abstrair.

— Tá passando de dez, estamos perto da liderança. Manda o Luiz continuar! — o Japonês gritava para a assistente.

Quando o pessoal da produção soube do acidente, mandaram me buscar em casa. Saí só com a roupa do corpo, varando a madrugada atrás de informações em hospitais, famílias, empresa, administração portuária, Marinha, polícia... Toda a imprensa rodando por Paranaguá que nem barata tonta, de um lado para o outro. Ninguém tinha a imagem do exato momento da explosão. Ninguém, exceto nossa emissora.

— Segura aí, Luiz. Daqui a pouco você volta. Se prepara pra chamar as imagens da hora da explosão. Chegaram agora aqui no e-mail da produção.

— Pagaram? — perguntei, já fora do ar.

— Pagaram.

— Quanto?

— Duzentos.

Guardinha burro. Se pedisse cinco mil, levava. Dez mil? Também. Quinze? Bem possível. Devia estar numa pendura desgraçada. Vão usar essa imagem até cansar. O sujeito teve a

sorte de gravar com um iPhone a hora da explosão. Estava patulhando o píer e escutou uns barulhos estranhos no mar. Empolgado com o brinquedinho novo, sacou o telefone e passou a gravar em full HD. Dava até para ouvir os gritos e a correria dos operários. O Kaled sabia fazer o drama:

— Olha, daqui a pouco você vai ver imagens feitas no exato momento da explosão. São imagens exclusivas que chegaram até a nossa equipe de produção.

No rodapé da tela estava escrito: “Já, Já: cenas exclusivas da hora da explosão do navio”.

— Segura aí. A gente vai te mostrar o drama dos operários tentando salvar os companheiros que, infelizmente, não tiveram sorte.

Também não era pra tanto. Mas o cardápio do desespero oferece de tudo e até entrega o prato errado. O cliente não tem tempo de reclamar. O Kaled faturava em cima.

— Mas antes eu quero trazer aqui a Joana, da OrtoSaúde. Joana, qual a promoção de hoje para o colchão terapêutico magnetizado?

O Kaled era um baita de um pilantra. Mas era também bom de câmera, sabia fazer TV para o povo. A tal da classe C tinha o seu paladino. O Turcão usava a imagem a seu favor. Cara de pai, óculos velhos, camisas fora de moda e calça de tergal. Típico curitibano médio. Opiniões medíocres de normais, mas com a indignação que promete gritar pela grande massa, que cada vez mais engrossava a audiência da emissora.

— Vamos encostar! Hoje a gente derruba o jornal da concorrência.

— Prepara, Luiz — comandou o Japonês — Fala qualquer coisa, chama as imagens da hora da explosão. Mete o selo de exclusivo na tela!

— Tá bombando nas redes sociais também — gritou a assistente.

— O pessoal quer ver os operários se estrebuchando no fogo. Luiz, o bagulho tá fervendo!

As imagens que eu tinha conseguido não mostravam tanto, eu sabia. Mas os gritos eram pesados. Tragédia é contexto montado.

— Ligue agora! — dizia o Kaled — 0800 421 5858. É a promoção especial para você que está acompanhando o *Comando do Povo*. Diga que está de olho no Kaled para ganhar um desconto — franzia a testa e reassumia o ar de paizão de Curitiba. — Vamos voltar ao vivo com o companheiro Luiz, que tem mais detalhes dessa tragédia que chocou o Paraná. Quatro marinheiros morrem em um navio de petróleo em Paranaguá. E olha só: apenas o *Comando do Povo* tem imagens exclusivas do momento da explosão. Agora vamos para as últimas informações desse acidente com o companheiro Luiz.

O Japonês mandou dividir a tela e subiu a trilha, aquela de pavor:

— Kaled! — falou pelo ponto eletrônico — Olha pro Luiz, cruza os braços, preocupação. Abre, câmera um, a geral, pô! Quero a dupla na tela!

Nós dois no vídeo. Uma velha raposa do jornalismo policial à esquerda. À direita, o repórter que há pouco começara a apostar na fórmula sem rodeios, com o texto sendo construído enquanto a notícia acontecia, sem ensaios, gravando sempre de primeira, edição bruta, sem retoques, cortada no facão. Jornalismo bonitinho não era mais o que o povo esperava, me convenci.

Na época da faculdade seria execrado (provavelmente por mim mesmo) ao abrir mão das frases bem-cuidadas, do texto preciso e bem-escrito. Meu rigor não resistiu ao avanço dos comunicadores populares, gente que não tinha formação universitária e usava a fala da rua, dos ônibus, dos camelôs, da feira.

Reaprendi a fazer televisão pelas mãos do velho Kaled. Entrei de cabeça nas suas denúncias, na sua falação rasa e direta. Eu era o seu principal repórter, isso até o dia em que percebi que ele estava mancomunado com uns vereadores sujos

de oposição de um município pobre da Região Metropolitana. Era coisa séria. Eles plantavam denúncias, o Kaled as estourava na TV e o prefeito era obrigado a soltar dinheiro para comprar anúncios e aliviar a barra.

Todo mundo ganhava, menos eu, que era o braçal da história e não sabia de nada. Um laranja com microfone na mão. Idiota com diploma universitário. Apurava as denúncias, corria atrás de fontes, Ministério Público, associações de moradores e da população indignada. A reportagem ficava um estouro, arrebentava no lbope, cinco, seis minutos no ar, e mais uns três de comentário do Kaled. Dias depois, a grana corria solta para aliviar as denúncias.

Meu trabalho era sério. Só que quando eu descobri o que motivava as reportagens, fiz o meu jogo também. Montei um dossiê e entreguei anonimamente para um colunista político, o principal do Paraná. Ele garantiu sigilo, denunciou o esquema com notinhas no seu blog. Mas o Kaled acabou percebendo que tinha dedo meu na história. E ficou o jogo do “eu sei que você sabe que eu sei, nós dois sabemos, mas não é vantagem para ninguém que outros saibam que nós sabemos”. Ainda não tinha visto o Kaled pessoalmente depois disso tudo. Nossos encontros eram apenas com a tela dividida, ele no seu palco e eu na minha realidade da notícia. Encenávamos e enganávamos. Kaled me tolerava porque a gente funcionava bem juntos. E eu precisava do emprego, por isso seguia no programa.

— Luiz, quais são as novidades do caso da explosão do navio espanhol?

— Estamos a dois pontos, dois pontos pro primeiro lugar! — berrou a assistente pelo ponto — Segura o assunto, hoje vamos bater, segura, seguuuuuuuura peão!!!!

Não havia mais nada a ser dito. Em TV popular, informação nova é a velha requentada: muda-se a ordem do conteúdo, coloca-se a entonação forte onde antes era morno, brinca com o improvisado e mete goela abaixo.

— Ainda não existem dados oficiais sobre os mortos — assumi o comando da transmissão. — Informações extraoficiais dão conta de quatro mortos na explosão do navio Vicunha. Seriam marinheiros estrangeiros que estavam descarregando petróleo. Agora pela manhã já foi possível ver o tamanho da mancha de petróleo na baía de Paranaguá...

— Olha a concorrência! Eles estão com helicóptero mostrando ao vivo a mancha. Puta imagem! Parece um rio de petróleo no meio do mar — a assistente se desesperou — Tá caindo o Ibope, tá caindo... Muda de assunto.

— Luiz, corta. Daqui a pouco você volta. Kaled, puxa pra você. Chama as imagens da hora da explosão. Mete bronca.

A voz rouca do Kaled tomou conta da tela.

— Luiz, segura aí que daqui a pouco a gente volta com você. Mostra a imagem que só a gente tem da hora da explosão. É exclusivo! Coloca no ar...

Os gritos chamavam mais a atenção do que a imagem em si. Palavras de desespero em uma língua que não era possível entender. Os marinheiros sabiam que a merda toda ia explodir e não havia mais o que fazer senão correr. Quinze segundos eternos de pavor. Em seguida, uma explosão que deixou a tela amarela e vermelha. O guarda tremeu um pouco nessa hora e falou um “putaqueლოსpariu”. Ninguém da edição percebeu e deixou passar o palavrão. Eu faria o mesmo. Em tragédias, os critérios éticos são bastante relativos.

— Luiz, teu celular tá tocando — disse o cinegrafista.

— Dá ele aqui.

Aproveitei para atender enquanto o Kaled estava empolgado com o seu comentário prêt-à-porter sobre “quem vai dar assistência para as famílias das vítimas”. Coloquei o fone de ouvido na orelha esquerda, na direita já estava o ponto da tv.

— Alô! Fala mais alto. Tô no meio do programa.

— Luiz, fica na posição. Daqui a pouco o Kaled te chama de volta.

— Não tô falando com vocês.

— Alô, Luiz. É o Fernando.

— Fernando?

— Que Fernando? — perguntou a assistente — Luiz, manda o cinegra enquadrar a mancha de óleo, esquece o incêndio. Mancha de óleo na tela! O Kaled vai te chamar daqui a pouco.

— Ok, ok. Muda aí, Homem Aranha — disse ao cinegrafista. — Coloca a mancha no fundo.

— A mancha, rápido! O Ibope tá caindo com o comentário do Kaled!

— Luiz, Luiz. É rápido. Escuta.

— Fala!

— Quer que eu te ligue depois?

— Luiz, posição!

— Fala já! É urgente?

— É o pai.

— Que tem?

— Uma tragédia, senhoras e senhores... O *Comando do Povo* vai bater firme nesse assunto. Queremos saber de quem é a culpa pela morte de pelo menos quatro operários inocentes!

— Você tá ao vivo?

— Claro, pô. Não tem TV em casa?

— Tô no balcão, aqui não tem. Escuta, o pai... O pai não tá bem, Luiz. Sério. Você precisa vir urgente...

— Uma tragédia! E a nossa função é denunciar, cobrar, bater pesado nas autoridades.

— Vai chamar, posiciona.

— Luiz, Luiz!

— Doa a quem doer!

— Já falo. Segura, segura aí.

— Posiciona!

— E vamos voltar ao vivo com o Luiz, que está na baía de Paranaguá. Olha o tamanho da mancha de petróleo. Luiz, esse pode ser o maior desastre ambiental do Paraná?

Era. Mas na hora eu não fazia a mínima ideia. Mandeí ver um discurso-padrão sobre o sofrimento que as comunidades

ribeirinhas teriam nos próximos meses, ressaltando que algumas espécies de peixes já estavam aparecendo contaminadas em rios da região.

— Um desafio para os órgãos ambientais será medir o tamanho do impacto que a irresponsabilidade e a negligência de alguns podem ter provocado — emendei.

— Mostra a mancha, Luiz. A mancha!

O cinegrafista então passeou pelo que era possível mostrar do petróleo nos quilômetros de água à nossa frente. Escutei um berro no ponto eletrônico no meu ouvido:

— Tá subindo, o lbope tá subindo! Pau na concorrência!

— Luiz, vou ficar esperando você sair do ar.

— Ok, ok.

— Fala pra gente sobre o tamanho da mancha, Luiz, você que está na boca da notícia, no calor da explosão, de plantão desde os primeiros momentos dessa tragédia sem precedentes... É possível saber se esse petróleo todo vai contaminar as praias do estado?

Não, não era possível saber. Nenhuma autoridade havia se pronunciado sobre o assunto. O diretor do porto era irmão do governador e estava fugindo da imprensa. Os técnicos subalternos emitiram uma nota oficial que não dizia nada além do “vamos apurar as causas”. Nesse silêncio, qualquer um pouso de especialista. Em tragédias, a consistência jornalística é bastante relativa.

— Puta imagem. Passamos, passamos! Luiz, segura que é contigo! Aproveita. Estamos na frente!

— Luiz, Luiz... Você já saiu do ar?

— Tô voltando ao vivo!

— Quero te falar do pai.

— Como? Ao vivo. Tô ao vivo.

— A ligação tá ruim. Mas ele tá vivo, sim. Tá no hospital. Teve que ser internado com urgência.

— Luiz, presta atenção. O Kaled tá te chamando. Não dá mais pra enrolar. Concentra e entra! O primeiro lugar é nosso!

— A gente precisa de você, Luiz.

— Luiz, solta o verbo! Qual o tamanho dessa desgraça aí?

Eu não sabia o tamanho da desgraça. Narrei o que estava vendo, enquanto entendia o que estava sentindo. O helicóptero da concorrência fazia um rasante. Eu tinha catorze pontos no Ibope, milhares de pessoas como testemunhas de um discurso pronto e verborrágico. A imagem era boa e qualquer coisa que eu dissesse teria o mesmo efeito.

— Dezesseis pontos. Dezesseis! Derruba o comercial. Segura no Luiz! Vai, garoto!

Trezentos e vinte mil pessoas sem ter mais o que fazer, vendo um discurso baixo, óbvio, construído com base na simples falta de informação. Um quarto de Curitiba ligada naquela mancha negra no mar.

— Luiz, vou desligar. Venha, precisamos conversar.

— Simplesmente inacreditável. Uma mancha negra na história recente do Paraná. Eu, como repórter, nunca vi nada parecido...

— Luiz, você é fera no improviso. Fica mais um minuto, conclui e devolve. Vamos para o *break*. Fizemos a média, ganhamos no Ibope. Prepara o intervalo, pessoal.

Em poucos minutos o navio afundaria. E a gente ia mostrar a imagem ao vivo no encerramento do programa. Melhor final, impossível. Subi a serra. Cansado de narrar o drama dos outros, ia viver o meu próprio.

O celular vibrou no console do carro.

— Tamo no #pudim. Venha. Pago uma.

Estava perto. Desci pela rua do Hospital de Clínicas e dei umas voltas no centro. Passei pela Cândido de Abreu quase vazia até o Palácio do Governo. A bandeira do Paraná tremia no meio do mastro. Luto por um ex-secretário de Estado que morrera havia dois dias. O celular vibrou de volta.

— Luiz, sério. O Kaled tá aki. Até ontem o Turcão tava fazendo tua caveira pro Boss. Vc sabe pq. Hj só faltou chupar teu pau. Quer foder a poderosa com vc. Venha e se acerta com ele, pô.

Guardei o celular no bolso da jaqueta. Liguei o rádio que estava na estação de notícias. Era hora do giro do dia. Escutei sem me ater a nada. No bloco nacional, uma notinha sobre a explosão do porto. Coisa pequena. A assessoria de imprensa da empresa do navio foi inteligente. Seguraram a todo o custo a identidade dos marinheiros mortos. Tragédia sem nome é mais fácil de esquecer. Sem foto ou imagem de criança chorando pelo pai, então, nem chega a emocionar. Os peixes mortos, o óleo escorrendo pelas dezenas de ilhas do litoral, o cheiro forte, tudo isso se dissiparia em pouco tempo com bons documentários, visitas guiadas e imagens de alunos de escolas públicas conhecendo as comunidades ribeirinhas. No fundo, muita gente sairia ganhando com a explosão.

Estacionei o carro ao lado do Cemitério Municipal. Atravessei a Praça do Gaúcho e parei por um instante para ver os esqueitistas na pista. Da praça, dava para ver a turma dentro do Pudim. O Kaled estava sentado na ponta da mesa. Entrei e já fui falando com o Turcão:

— É a primeira vez que eu vejo alguém comendo pudim por aqui! — abri os braços esperando a recíproca dele.

— Seu filho da puta — sorriu, levantando rápido da ponta da mesa com seus braços roliços. Estava com os beijos lambuzados. Antes de me beijar a face, limpou a boca no punho da camisa.

— Kaled, lá em Paranaguá você é rei. O povo só fala de você. Jornalismo de verdade, é isso que eles querem — enalteci.

— Senta aqui do meu lado. Garçom, mais um copo. Pes-soal, esse aqui é foda. Fo-da!

O garçom chegou com a bandeja. O próprio Kaled encheu o meu americaninho. Brindamos. Ele estava com a mesma camisa da hora do almoço. Não se incomodava com as manchas de suor e a maquiagem que marcavam o colarinho.

— Luiz, beijo na boca pra você — a assistente do *Comando do Povo* gritou na mesa.

Todos deram risadas com o gesto exageradamente Marilyn Monroe dela. O Japa beliscou a sua barriguinha e a beijou. Não era sempre que eles se agarravam na frente da galera, mas todo mundo sabia que rolava.

— Japa, se bobear eu traço você também — completei. Mais risadas.

O garçom passou com um sanduíche de pernil e cheiro-verde picado. Pedi um para mim.

— Escute aqui — disse o Kaled mais perto do meu ouvido, aproveitando a algazarra.

Olhei sério para ele. O Japonês começou a imitar a segunda voz de um sertanejo universitário e os outros da mesa acompanharam; menos eu e o Turcão.

— Fala, Kaled!

— Só escute. É a primeira vez que a gente bate a poderosa. Você sabe bem o tanto que eu já ralei pra isso. Eu não chegaria sozinho nos catorze pontos de hoje. Mas você — cutucou com o dedo indicador no meu peito — também não chegaria sozinho. Quando eu ainda tava na rádio e via você fazendo aquele monte de reportagenzinha cultural com textinho literário pra tua meia dúzia de amiguinhos universitários, eu vi o que ninguém viu. Sabe o que eu vi?

— Ahn?

— Eu vi potencial. Eu vi que era hora de você pegar aquele teu bloco cheio de anotações, de frases de efeito e usar as folhas pra limpar o rabo. O ra-bo!

Tomou mais um gole. Acompanhei. Enchemos novamente nossos copos. Chegou o meu sanduíche, que deixei de lado.

— Hoje você fez um trabalho de gente. Falou o que o povo queria ouvir. Não sei de onde tirou aquele monte de informação, mas a dona de casa, o padeiro, o frentista, o taxista, as putas, todo mundo entendeu o que você tava falando. São eles que te pagam.

Olhamos juntos para o restante da mesa: cinegrafistas que precisavam sair logo do bar para trabalhar em um leilão em um canal de TV a cabo na madrugada, o segundo emprego que pagava mais do que a emissora; pauteiros que tinham outro serviço, geralmente em assessorias de imprensa; um ou outro repórter fazia bicos como mestre de cerimônias, locução para vídeos institucionais, textos para jornais de sindicatos; os editores ganhavam pouca coisa a mais, mesmo assim, corriam por fora em bicos nas produtoras de vídeo. O Japa tinha seus arregos com a família abonada. Todos cantavam mais que bebiam, todo mundo se divertia e a conta ficava mais barata. O Pudim economizava na decoração e no conforto do ambiente e, por isso, não se importava em reunir aquele povo sem grana havia décadas nas mesmas mesas.

— Eu tô negociando tua situação com o Boss — Kaled limpou o bigode, tirando a espuma de cerveja com as costas da mão.

— E...?

— A notícia é um negócio, Luiz. Tem que saber usar. O que você fez hoje, a gente sabe, é negócio bem-feito. Negócio limpo. O pessoal lá do colchão terapêutico recebeu mais de duzentas ligações. Venderam quase todo o estoque. Pintaram mais cinco clientes para o programa. Catorze pontos, piá! Catorze pontos! O departamento comercial tá com fila de espera.

— Bom pra TV, né?

Na verdade, bom para ele também, que havia negociado participação nas vendas quando entrou na emissora. Na época, o horário do programa era praticamente nulo para os anunciantes. Kaled tinha o jeito certo de enfiar o comercial entre uma notícia e outra, dentro do programa. Era diferente do que a liderança do horário fazia, parando o jornal engessado para veicular os anúncios nos intervalos. Com o *Comando do Povo*, a notícia conduzia a venda de emagrecedores, colchões terapêuticos, casas populares pré-fabricadas, consórcios, planos funerários e quem mais estivesse disposto a bancar o testemunhal feito ao vivo pela lenda da comunicação popular no Paraná.

— Nós estamos pensando em patrocinar suas reportagens. Você vai ser um repórter especial, com vinheta no seu nome.

— Kaled, legal, mas...

Ele encheu mais uma vez nossos copos.

— Vou negociar uma comissão pra você, claro. Antes que você me venha com essa frescura de jornalista, fique tranquilo. Você não vai precisar nem falar nome de patrocinador. A vinheta de apoio entra no começo da reportagem, coisa chique. Você faz o teu, como sempre fez. Mas faz igual homem, como fez hoje. Conta a história. Fala o que tá vendo. Mais que isso, porra! Fala o que tá sentindo.

Aproveitei uma brecha para comer um pedaço do sanduíche. Coloquei mostarda-preta em cima do pernil desfiado.

— Luiz, é sério. Você é diferente da turma toda. Aproveita isso.

— Tô tentando, Kaled — disse de boca cheia.

— Luiz, pensa numa coisa. Olha aqueles velhos ali — apontou para a turma de jornalistas de impresso na mesa ao lado —, eles tão embaixo daquela fumaça de indignação desde o golpe de 1964. Por isso que o jornal deles fede papel velho e tá indo à falência. Faça jornalismo, conte histórias que o povo

entende, só isso. Ou senta naquela mesa do lado e fica pagando um pau pros anos rebeldes.

Ele se levantou, foi até o balcão, pediu caneta e um papel para anotar. Rascunhou algo em cima da estufa dos salgadinhos fritos. Voltou e me deu o papel dobrado.

— Luiz, passado é passado. Bola pra frente — olhou-me sério nos olhos, olhar de quem deixava claro o que estávamos acordando em esquecer. — O Japa vai falar o que a gente quer pra amanhã de você. Não tem pauta, conta a tua história, do teu jeito. Se afunda naquela merda de Paranaguá. Aí no papel tem um presentinho pra você.

Enfiou o bilhete no bolso da minha camisa e saiu caminhando feliz.

Já havia visitado o Café Lyon algumas vezes. Era caro e nem sempre a gente conseguia as melhores. Dessa vez, com o bilhete do Kaled apresentado para o gerente, consegui a mesa de frente para o palquinho. Trouxeram para mim uma garrafa de uísque no balde e energético. Vieram também uns sanduichinhos, mas achei meio foda comer na frente do poste em que as dançarinas se esfregavam.

Depois de algumas doses, me interessei por uma ruivinha. Ela conversava bem, era discreta. Disse que ia fazer um show e depois a gente conversava. Ofereci para ela uma dose da minha garrafa. Ela disse que aceitava uma Keep Cooler. Básico. O garçom trouxe uma garrafinha já aberta. Ela saiu rebolando e tomando no bico. Um tempo depois, apareceu no palco, vestida minimamente de marinheira sexy. Parecia que o show era para mim. Dançava bem. Era pequena e fazia o corpo crescer no pole dance. Subia no mastro com o vigor dos seus poucos anos. A musculatura contraía, tinha a pele fina e sardas nas costas. Girava despreocupada, sorria quando nossos olhares se encontravam. Todos sacaram que o show era meu e respeitaram.

Ética de puteiro: existe.

Descia com o peso de mulher. No chão, entregava-se, ficava sinuosa, feito serpente. Colocava o dedinho na boca, vulgar. Simples e direta. Aproximava-se da minha cadeira, empinava a bunda, deixava o reguinho quase na altura do meu nariz. Virou então de frente e sentou no meu colo de pernas abertas. Com as mãos, travou as minhas no encosto da cadeira. Agora eram os bicos dos seus seios que tilintavam meus lábios. O trato era o da minha passividade ante ao comando dela. Abriu os botões da minha camisa e me deixou meio despido. Desceu a língua pelo meu pescoço, pela barriga, cintura, ventre... Simulou um sexo oral. De longe, alguns outros espectadores aplaudiam. Brindei com o copo de uísque na mão.

Ela levantou, foi até o postinho e apoiou uma das mãos nele. Com a outra, dava tapinhas em sua bunda, me convidando. O garçom me cutucou e disse:

— Ela tá te chamando para fazer o show de sexo explícito no palco. Dá pra foder de graça, se conseguir...

Tomei mais um gole. Olhei para ela, pisquei com a melhor cara de safado que pude arrumar. Girei os indicadores e disse com um movimento de boca:

— Depois.

O garçom disse que eu só consegui a ruivinha por causa do bilhete do Kaled. Tinha fila para trepar com ela. Ela passou pela minha mesa e disse que me esperava no 35. Saiu nua pelo palco catando suas peças de lingerie deixadas pelo caminho. A boate aplaudia e eu brindava geral.

— O 35 é no terceiro andar. No fim do corredor. É VIP. O Kaled só fode lá. Aproveite.

Aproveitei duas vezes.

Acordei com a luz azul e vermelha do letreiro da rua iluminando minha cara. Desci as escadas que passavam pelos outros quartos pensando na grana que poderia ganhar com a proposta do Kaled. Repórter de quadro patrocinado. Nesses casos, a comissão era de vinte por cento nas vendas. No balcão, sorri para o garçom e pedi mais uma dose. Tirei a carteira do bolso para pagar e ele fez que não com a mão. Deixei mesmo assim uma nota de cinquenta para o bom sujeito. Já estava gastando por conta, como dizia meu pai.

Cheguei mais tarde na redação. O Japonês já estava na mesa dos editores comendo um pão de queijo enquanto checava os e-mails. Ao lado do teclado, um exemplar da *Tribuna do Paraná*. A foto de capa era de um frentista que havia sido morto por traficantes com cinco tiros em frente à loja de conveniência do posto.

— Olha aí. Perdemos essa história — disse o Japa de boca cheia.

— Vamos entrar na deles ou continuar na nossa?

Até então, o que pautava a manhã das equipes de reportagem do *Comando do Povo* era a capa do jornal popular mais vendido do estado. Tinha a sua lógica. As bancas exibiam os exemplares. Nos terminais de ônibus, ele rodava de mão em mão. Nas obras, balcões, filas de taxistas, todos liam o besteiário policial e esperavam algo mais nos programas populares da hora do almoço. Além da gente, outros canais menores investiam no mesmo tipo de abordagem. Mas, com a entrada do Kaled, a audiência da concorrência foi para o ralo. Se somassem os pontos do lbope de todos os outros menores, não chegava perto da gente. Em compensação, o jornalismo cheirosinho da emissora líder ainda se mantinha na frente. Até então.

— Senta aí e pelo menos me escreve uma pauta. Resumidinha. Tô sem tempo. Fala aí o que você quer fazer — disse o Japa.

Equipe volta para Paranaguá e mostra o dia seguinte do desastre. Vamos entrevistar moradores dos arredores do porto. Ver como eles se sentem. Repercutir também com comerciantes. Tentaremos alguém do Porto, porém eles só estão falando por nota. Vamos procurar o sindicato dos trabalhadores, que deve indicar alguém para repercutir a questão da segurança de quem trabalha descarregando cargas inflamáveis de noite.

Salvei o texto no sistema. Já conhecia a rotina. Enquanto esperava a impressão, entrou na redação o gerente comercial da emissora. Vinha com seu sorriso wide screen.

— E aí, Luiz? Pau neles de volta?

— Yeah! — disse à moda surfista para entrar na onda dele. — Uhu — e fez um \!!!/ com a mão direita.

— Escuta, meu irmão — o terninho bem-cortado deixava mostrar no pulso as tatuagens que cobriam o braço —, a partir de hoje manda suas reportagens em duas partes.

Olhei para o Japa por cima do monitor e fiz um “qual é?”. Ele deu de ombros e voltou para o pão de queijo.

— Duas partes, Luiz. Depois abre seu e-mail e vê o adicional que estamos metendo no seu salário. Vamos enfiar um merchan no meio.

— Peraí, brother — soou falso. — Eu não disse que aceito essa parada.

O gerente respirou fundo. Olhou para o Japonês que disse com os ombros: “Coisa do Luiz. Agora aguenta”.

— Então você pensa bem, “brother” — soou falso também, mas era de propósito. — Se você não quiser que a gente meta grana no seu bolso, me fala. Se não quer faturar com teu microfone, tem uma fila que tá querendo, falou?

Fui para o carro, puto da vida.

— Homem Aranha, toca pra Paranaguá.

O cinegrafista estava terminando de colocar o equipamento no porta-malas.

— Tem que abastecer antes.

No posto de gasolina, o frentista não parou de falar um minuto. Enquanto abastecia, repetiu com detalhes todas as informações que eu havia dado no programa do dia anterior. Disse que no bairro todos assistiam ao *Comando do Povo* e que o Kaled era um baita apresentador. Chamou o outro frentista e pediu para tirar selfie comigo.

Descemos a serra. Continuava puto. O que eles estavam pensando que eu era? Ia vender meu conteúdo? Jornalista, essa era minha profissão. Trabalhava para trazer informação de forma correta, digna, transparente.

— Ô Luiz, tá italianando? Fica falando sozinho com as mãos aí...

— Vai se foder, Homem Aranha. Presta atenção nas curvas aí.

— É que você tá pensando tão alto que dá pra ouvir.

Eu tinha essa mania. Gesticulava com meus pensamentos, italiano que grita para dentro. Sei lá se o Kaled estava tentando me comprar... Nem tocou no assunto do dossiê que eu mandei lá para o colonista. Talvez ele nem tivesse certeza. Tirei o celular do bolso para rever a notinha maldosa que o comentarista havia escrito. Fucei em todo o blog e não achei mais. Dei um *search* no Google e não encontrei nem os comentários que o chamavam de pilantra, ladrão, dono de puteiro, agiota, corrupto, traíra, achacador, bundeiro enrustido. Nada mais sobre o assunto. Quem fez a limpa, fez bem feita. Bom, era uma sacanagem mesmo qualquer internauta entrar no blog mais lido do Paraná e comentar livremente qualquer coisa sobre uma figura pública. O povo exagerava muito.

O Kaled queria meu bem, acho. Mas daí a aceitar a grana dos anunciantes no meio das minhas reportagens era demais. Uma afronta aos princípios éticos que regem a profissão. É básico, simplesmente uma pedra fundamental do ato de noticiar: separar conteúdo de propaganda. Como ficaria a minha repu-

tação de jornalista se um dia tivesse que denunciar uma empresa que anunciava no meu quadro? Inviável.

— Ô italiano. Quer uma garapa?

Encostamos o carro em uma parada no meio da serra. Era a minha vez de pagar. Dei dez reais para o Homem Aranha e fui mijar. Dentro do banheiro acessei meu e-mail corporativo do celular. Abri a mensagem do gerente comercial.

— Puta merda. Já tem patrocínio fechado para os seis próximos meses!

Lavei as mãos só com água. No espelho, vi que tinha feito a barba porcamente no cantinho do pescoço. Fiz as contas mentalmente e vi que meu salário ia multiplicar por seis com todas aquelas comissões. Saí do banheiro.

— Tá rindo do quê, mocrongo? — disse o cinegrafista me entregando o copo de caldo de cana.

— Da barba — improvisei. — Fiz mal feita.

— O pessoal aqui virou teu fã.

Do balcão, o dono da lanchonete parou de enfiar cana no moedor para acenar pra mim. Fui até ele e apertamos as mãos.

— Você falou a verdade. Esse bando de empresário que manda os navios para cá não quer saber da segurança do pessoal da estiva. Paranaguá tá num miserê que só vendo. Mete a boca no trombone. Manda um abraço pro Kaled.

Eu não tinha falado nada daquilo na reportagem. Mas agradei e disse que mandaria o abraço. Sentados nas banquetas ao redor do balcão, outros clientes me olhavam aprovando. Dei um tchau geral e voltei para o carro com o copo de garapa. O Homem Aranha veio atrás.

— Trouxe mais de uma fita? — perguntei.

— Opa.

Descemos a serra com o gosto doce na boca. Não tínhamos entrevistados marcados. Mas seria fácil descobrir os desdobramentos da explosão. Paranaguá vive do porto e para o porto. São dezenas de sindicatos e milhares de trabalhadores

que tiram o sustento dos silos, navios, caminhões e trens que povoam as ruas sujas do município.

— O pessoal lá da garapa falou pra gente passar no Rocio — sugeriu o cinegrafista.

— Que porra tem lá? Quero ir no porto.

— O Rocio fica perto. Ninguém falou deles ainda. Outras pessoas me deram a mesma dica.

— O Rocio é o bairro da igreja?

— Isso.

— Pô, Homem Aranha. Faz o teu que eu faço o meu. Toca lá para o sindicato em frente ao porto. Tomei o último gole do caldo de cana. Amassei o copinho e joguei no chão do carro.

— E teu pai? Como é que ficou?

— Tá no hospital.

— E aí?

— Escute, quem mais te falou do Rocio?

— O pessoal da rádio que eu conheço. Encontrei um repórter hoje cedo na padaria perto da TV.

Se existe um sinalizador para notícia é o pessoal de rádio. Eles chegam antes e são os primeiros a soltar a notícia no ar. Nos meus tempos de empolgação, vivia com um radinho no ouvido pulando de AM em AM, escutando os carrapichos da polícia.

— Tá. Esquece essa merda de porto. Toca lá pro Rocio.

Meu pai. Talvez eu devesse passar no hospital de volta. Fiquei pouco lá no dia anterior. A enfermeira disse que ele não acordaria. Não me fez bem olhar o ambiente, os equipamentos, as paredes brancas, o barulho dos monitores. Uma solenidade de respeito, silêncio necessário. Fiquei uns cinco minutos observando a sua respiração. Ele, imóvel, deitado na cama da UTI. A barriga era grande, quando criança dizia que guardava um capacete embaixo da camisa. Uma das únicas piadas que criei sobre sua figura. Sedado, era mais lento o subir e descer de seu abdômen. Podia prever o ritmo. Fernando tinha saído meia hora antes de eu chegar, disse a enfermeira, com certo pesar.

Mal ela sabia que eu estava na lanchonete da frente esperando ele sair para só então subir. Vi quando ele desceu as escadas e entrou no seu carro. Estava com as duas filhas e a esposa. Chorava abraçado com elas. As três o consolavam. O Fernando abriu a porta do motorista e por um instante se apoiou na lataria do carro. Balançou a cabeça, respirou e falou algo com a esposa. Passou então para o banco do passageiro e deu as chaves para que ela dirigisse. Enquanto o carro se afastava do hospital, meu irmão ficou olhando para cima, para uma das janelas dos quartos, a UTI. Eu só subi para visitar meu pai depois que o carro virou a quadra.

— Mas o que é que seu pai tem? Já sabem? — voltou ao assunto o Homem Aranha.

— Médico você sabe como é, né? Não fala nada com nada.

— Ah, sei... É bem assim mesmo.

Era fácil lidar com o Homem Aranha. Ponta firme, bom de foco e não questionava muito. Difícil era aceitar que meu pai estava doente. A enfermeira disse que seria possível conversar com ele. O médico responsável ia reduzir a sedação para perguntar se meu pai gostaria de se submeter à cirurgia de retirada das cordas vocais. O pai poderia se negar a fazer o procedimento. Nesse caso, as chances de continuar vivo cairiam noventa por cento. Mais um mês, dois, quem sabe... A escolha deveria ser dele. Reduzir a sedação aumentaria a sua dor por alguns momentos, mas era necessário. Os filhos não podiam autorizar a cirurgia que o deixaria mudo, disse o médico. Não conhecia o cirurgião, mas no meu íntimo agradei profundamente pelo fato de ele ter tirado de mim o peso dessa decisão.

Chegamos no bairro. O Homem Aranha estacionou a Parati na praça em frente à igreja. Várias barraquinhas de festa ainda estavam montadas. Andei até uma delas, todas vazias. Li um cartaz que falava da festa de Nossa Senhora do Rocio que começara ontem, justamente no dia da explosão. Dentro de uma das barracas estava um homem encorujado em uma cadeira de praia. Era o vigia da feira.

— Começou ontem a festa, né? — perguntei a ele para puxar assunto.

— E vai até semana que vem. Ontem de noite teve procissão — disse o velho bugre.

— Que horas foi a procissão?

— Ah, umas nove da noite.

A explosão tinha sido às dez.

— E os fiéis tavam onde na hora da explosão?

O Homem Aranha se ligou do meu interesse e apontou a câmera para o homem. Rapidamente me passou o microfone com a mão esquerda e começamos a rodar a fita, mesmo antes de pedir autorização. Ele não negaria. Gente assim nem sabe que pode recusar.

— Moço, foi até bonito de ver. A praça tava cheia.

A multidão estava nos fundos do porto, a poucos metros de onde ocorreu a explosão. No dia anterior, nem havia me dado conta de quão perto o Rocio era da tragédia.

— E aí? A praça cheia e a procissão começou — insisti.

— A gente começou a reza. O padre guiou todo mundo. Eu participo dessa procissão desde garoto. E não me lembro de ter feito o mesmo trajeto duas vezes. A santa guia os passos dos fiéis.

— E dessa vez ela guiou para onde?

— Eu até sonhei com isso. A procissão começou e todo mundo, sem combinar, foi andando pra dentro do bairro. Tinha homem velho como eu, criança, grávida, aleijado... Todo mundo andando em linha reta sem nem se dar conta. Quando chegamos quase na beira da estrada, não tinha como continuar de tão longe. Aí escutamos uma explosão.

— A explosão do navio? — Claro que era, mas a pergunta encaixada funcionaria bem no ar.

— A explosão do navio. A santa protegeu a gente e tirou todo mundo de perto do porto.

Dei uma pausa. Respirei fundo. Puxei o microfone um pouco mais perto da minha boca, sutilmente. Falei com um tom levemente mais grave.

— O que o senhor sente quando me conta isso? — A pergunta era o meu coringa. Puxava o que o entrevistado queria colocar para fora. Algumas vezes, passava da medida e me-lava o caldo do drama. Mas valia o risco.

— Sinto uma gratidão muito grande. Muito grande. — Tirou do bolso um lenço e assoou o nariz; limpou os olhos marejados. — A santa protegeu a cidade.

Puxei o microfone para mim. Agradei a entrevista no genérico, sem citar o nome dele, que nem havia perguntado. O Homem Aranha continuou gravando. Franzi a expressão, na mesma gravidade da pergunta matadora. Olhei para a lente e caminhei pela praça. Queria fazer um giro mostrando o porto ao fundo e, no final da fala, a igreja atrás de mim. Não tinha ensaiado nada. Valia o risco.

— Tem coisas que a gente simplesmente não explica. Vocês acompanharam ontem ao vivo todos os detalhes da explosão do navio Vicunha, na qual morreram quatro operários que descarregavam um navio de petróleo. São tragédias anônimas, vidas que se perdem pela irresponsabilidade de administradores e que a gente deseja que sejam punidos. Punidos e-xem-plar-men-te — frisei. — O senhor que acompanha diariamente o nosso trabalho no *Comando do Povo*, pense comigo: é possível explicar somente com a nossa razão o que acabamos de ouvir desse velho pescador? Dona de casa, me responda: a santa realmente protegeu os fiéis, levando todos para longe da explosão? — Eu não sabia o nome da santa, arrumei soluções semânticas para não denunciar. — A santa aqui do Rocío, um dos símbolos da cidade de Paranaguá, praticamente esvaziou a praça momentos antes da explosão. Pela quantidade de petróleo que foi derramada, as chamas poderiam ter invadido toda essa praça onde estamos agora — o cinegrafista mostrava os arredores e logo voltava para mim. — Não consigo explicar o

que aconteceu de forma racional. Mas algo aconteceu. E a gente vai investigar. Milhares de vidas foram protegidas por uma força superior, por uma santa. Mesmo que você não acredite, mesmo que você seja de outra fé, ou que não tenha fé alguma, continue comigo. Acompanhe o desdobramento dessa reportagem que vai lhe mostrar o que pode ter sido o milagre da santa de Paranaguá. Daqui a pouco eu volto para falar mais sobre isso. Fique com a gente, no *Comando do Povo*.

Desfiz a pose e sorri para o Homem Aranha. Uns bons anos trabalhando juntos afinaram a nossa parceira. Aproveitamos o momento, o calor do depoimento do pescador. Sem cortes, brilhante. O pescador saiu da barraca e veio falar com a gente.

— Se quiser falar com o padre, ele mora atrás da igreja.

Antes de ir, falei para o Homem Aranha:

— Pega outra fita no carro. Vou dividir a reportagem em duas.

— Quer a pontinha?

— Não, hoje não — respondi.

Ela puxou forte. Inflou as bochechas rosadas e soltou mais uma baforada na minha cara. Eu gostava do cheiro. No dia seguinte, ficaria no ar o seu hálito, perfume, respiração de maconha e tudo mais. Quando ela acendia o baseado, eu fechava as janelas. Dizia que era para não dar bandeira com os vizinhos. Mentira: estava cheio de maconheiro no prédio.

— Você me acha bonita?

Puxei-a para mim e dei um beijo. Que diferença fazia achar ou não? Ela era. Era bom tê-la por perto. Às vezes dizia que queria namorar comigo, oficializar a relação, coisa e tal. Outras vezes, abraçava-me e falava sobre nossa amizade. Em qualquer uma das opções, acabávamos transando. E ela fumando maconha, antes e depois.

— Você tá meio preocupado hoje. Aconteceu algo? — ela notou.

— Nada de importante. Vem cá...

— Eu vou, mas quero saber por que você tá diferente.

Chegou mais perto. Estava só de camiseta e calcinha. Ficamos deitados no chão. De onde estávamos deitados, dava para ver o alto dos outros prédios, já era noitinha. Ela deu a última bola e apagou o restinho no cinzeiro que tinha outras pontas de dias anteriores. Deitou de lado, de frente para mim.

— Não mente pra apresentadora.

Eu não conseguia contar para ela o que se passava comigo. Transei com a cabeça lá no hospital. Mais um dia protelando. Havia ligado para a enfermeira e perguntado se realmente iam tirar meu pai da sedação. Ela disse que o médico havia decidido esperar mais um pouco. Falou que meu irmão estava no quarto; se eu quisesse, poderia chamá-lo.

— Não. Deixe. Eu falo com ele quando voltar pra casa —
menti.

A sedação não ia existir para sempre. Por enquanto, o que eu mais queria era ficar perto da Marcela.

— Luiz, fala pra mim. O pessoal acha que eu apresento bem? — perguntou enquanto puxava mais um trago do baseado.

Quando ela dizia “pessoal”, falava da classe dos jornalistas, do povo que eu encontrava nas coletivas, nos gabinetes, nas delegacias, nos plantões, no bestiário das tragédias do nosso cardápio jornalístico. Pouca gente sabia que eu me relacionava com ela, a principal apresentadora do jornal da concorrência. A fama que corria, na verdade, é que Marcela era meio “aguadinha”. Jamais lhe falaria isso.

— Não vai querer mesmo que instale para o senhor?

Agradei e dei uma boa gorjeta. Não devia ser fácil carregar uma TV de LCD de cinquenta e poucas polegadas escada acima, já que o elevador não a comportava. Despachei a antiga para uma casa de caridade. Vieram buscar, valeu a pena. Abri o uísque que trouxe do mercado, tinha também um balde de gelo e uns potinhos com pistaches.

Ainda era novidade passar o final de semana de folga. O Kaled tinha conseguido mais isso para o seu repórter de maior audiência: eu não entrava mais nas escadas, folgava sempre nos sábados e domingos. Tomei um gole e fiquei mastigando o gelo. A grana tinha melhorado bastante.

O Kaled tinha o seu jeitão, comprava suas brigas com uns caras fodas, mas era boa pessoa. A gente estava mais próximo nos últimos tempos. Conversávamos sobre as pautas, na boa mesmo. Eu sugeria, ele dava uns pitacos e acabava em um bom trabalho no ar.

O interfone tocou. Fernando entrou sem cerimônias. Olhou a caixa da TV no chão e a furadeira em um canto. Ele então me estendeu a mão. Cumprimentamos um ao outro com respeito, olhando nos olhos. Fingimos uma naturalidade que já começava falsa.

Apontei o sofá. Ele olhou antes de sentar. Puxei uma cadeira para sentar de frente. Ficamos mais um tempo nos olhando. Ofereci água, café, cerveja. Ele recusou. Levantou, caminhou até a janela. Levantei também, olhamos para fora. Falamos trivialidades, barulho da rua, preço do metro quadrado na região, valor do condomínio, coisa e tal. Pisávamos lento até chegar em algum solo nosso.

— Quer uma mão pra instalar isso?

Aceitei. Peguei uma faca na cozinha para abrir a caixa de papelão. Ele tirou a furadeira da caixa de ferramentas. Despejou em cima da mesa as brocas. Tirei o plástico da TV. Achei o saco de buchas, espalhei também. Medi com uma trena a altura que deveria deixar a tela. Peguei o lápis de marceneiro. Segurei o suporte e ele fez marquinha através dos furos.

— Acho que é a broca doze.

— Catorze — disse ele com razão.

Peguei uma extensão e trouxe até a sala. Com a furadeira, ele fez o primeiro furo. Eu coloquei a bucha. E assim foram com os outros três. Ele segurou o suporte. Eu firmei os parafusos e apertei com a chave de fenda.

— Ganhei uma parafusadeira elétrica no amigo-secreto do ano passado.

Eu já sabia o que pensávamos sobre ferramentas que facilitavam demais o trabalho.

— Troquei no dia seguinte — continuou. — Deu para pegar dois alicates: um de corte e outro de pressão. E ainda sobrou para um bom serrote.

— Parafuso pra ficar bem firme tem que apertar com a mão — eu disse com a língua meio que saindo no canto da boca, fazendo força na chave de fenda.

Pegamos a TV, cada um em um lado. O suporte ficara firme. Encaixamos a tela no devido lugar.

— Você tem TV por assinatura?

Peguei o cabo atrás do móvel da TV antiga. Era curto, não chegava até a tela nova.

— Vai ter que fazer uma emenda. Tem mais coaxial aí?

Sim, eu tinha. Peguei cabo, plugues macho e fêmea. Medi com a trena e preparamos uma extensão.

— Que ferramenta é essa?

— Decapador. Deixa a ponta do coaxial cortada no tamanho certinho para encaixar nos plugues — respondi e fiz o corte nas duas pontas.

— Não conhecia. Vou comprar um desse qualquer hora. Alcança pra mim o alicate de pressão.

Apertei antes a minha ponta. Ele fez o mesmo no outro conector. Liguei o sinal. Coloquei o plugue na tomada.

— Vai deixar o cabo embaixo do tapete?

— Amanhã vou ao Balaroti e compro umas canaletas pra esconder melhor.

Liguei a TV e zapeei nos canais em busca de futebol. Sentamos para conferir o serviço. Estava bem colocada, simetricamente disposta em uma altura adequada do chão. A gente tinha feito um bom serviço.

— Temos que resolver umas coisas — ele disse olhando o jogo.

— Eu imagino.

Olhei o seu rosto de perfil. Ele estava mais gordo, a barba por fazer. Muito provavelmente tinha deixado a farmácia com um balconista, o que não lhe agradava. Tinha algo de cansado, de maduro, de triste. Nossa diferença de dez anos de idade de um para o outro parecia menor. Passaríamos, a olhos desconhecidos, por dois irmãos praticamente da mesma idade. Dois homens vendo um jogo de futebol da segunda divisão do paranaense. Se ficássemos em silêncio, apertássemos a mão depois de noventa minutos e nos despedíssemos, daria a impressão de que tudo estava bem. Mas não tinha ninguém nos assistindo. Éramos os únicos cúmplices dos nossos problemas.

— Ainda não pintou grana pra comprar uma dessa lá para casa.

— Parcelei — menti. — E as crianças?

— Bem, bem... A Lucinha entrou pro balé. A maiorzinha já sabe ler.

Sorri. Para mim, eram dois bebês que conheci no colo da minha cunhada com um ano e pouco de diferença entre uma visita e outra, ambas na maternidade. Há tempos não as via. Não conseguia criar um rosto possível para elas.

— Luiz, não tá dando mais pra esperar.

Alguém marcou um gol no jogo.

— Eu liguei ontem pro hospital e falei com a enfermeira
— continuou, como quem avança.

Um foguete estourou lá fora. O barulho fez um quero-
-quero gorjear.

— Ela disse, Luiz, que você foi lá no primeiro dia.

Os torcedores comemoraram o gol em um aparta-
mento ao lado. Os jogadores se abraçaram e os rostos de
alegria dos dois ficaram escancarados na tela de cinquenta
e tantas polegadas.

— Fui. Você foi também?

— Fui.

Eu sabia da resposta:

— Vi você fazendo hora na lanchonete em frente ao
hospital.

O jogo recomeçou. Os torcedores se acalmaram. Voltou
à narração modorrenta. Fui revelado no meu esconderijo. Mas
quem revela também se mostra.

— Por que não foi falar comigo?

Falta. O juiz deu cartão amarelo. Os demais reclamaram,
um princípio de briga logo dissipado. Voltamos à nossa retran-
ca, nós dois revelados. Sem saber do que falar ou o que fazer. A
sedação era prolongada por motivos médicos (o que nos livra-
va de culpas, de certa forma) e por indecisões nossas, as quais
escondíamos um do outro. Não disse para ele, mas havia ligado
algumas vezes para o hospital nos últimos dias. A enfermeira
me dava o resumo do dia do pai. Dizia que o quadro era estável.
O médico queria os dois filhos na hora que tirasse a sedação.
E a enfermeira logo falava das reportagens que assistia no *Co-
mando do Povo*. Perguntou o que eu achava de ela comprar o
colchão.

— Qual colchão?

— O colchão terapêutico magnético que você tá anun-
ciando no *Comando do Povo*.

Nem havia me dado conta. Mas essas pessoas assistem à TV com a bunda. Em nenhum momento eu falava do colchão terapêutico magnético, que devia custar umas dez vezes o preço de um colchão normal. Eu tinha passado por uma faculdade e devia saber desse risco. Sem falar uma palavra sobre o produto, eu havia me transformado no garoto-propaganda do colchão terapêutico magnético para a enfermeira do hospital e para a grande massa da audiência do *Comando do Povo*.

O jogo voltara a ficar chato e a gente tinha que decidir o que fazer com o pai. Não dava mais para mantê-lo sedado na UTI. Estava trabalhando muito nas últimas semanas, arrumava as minhas desculpas para não enfrentar a decisão.

— A gente tem que ir lá logo. Daqui pra frente, começa a ficar perigoso.

— Quarta?

— Fechado. Peço pra Silvana ficar na farmácia pra mim. À tarde?

— Isso, mais pro fim do dia. Saio da TV e vou pra lá. Ligo quando estiver a caminho.

De minha parte, poderia ter sido na segunda. Para ele, a dificuldade de deixar a farmácia na mão da balconista seria a mesma em qualquer dia da semana, imaginei. Fernando também estava adiando o máximo possível.

— Acho que em cima do ventilador fica melhor — disse eu.

— Mas não mostra o caixa.

— Tem uma visão mais ampla, funciona melhor — insisti.

— Achei que o melhor era ficar de dentro pra fora, pra mostrar a cara do bandido.

Ninguém está querendo ver bandido. O telespectador já cansou de gente feia na tela, pobreza, arma na mão. O pessoal quer é se ver na TV. Apenas pensei, não disse isso para ele. Arrumei outra desculpa:

— Não é bem assim, seu Maneco. Precisa ter uma visão mais ampla do comércio. Foi um coronel da PM que eu entrevistei ainda semana passada que me disse isso.

Ele assentiu, um tanto contrariado. Apontou para o electricista instalar a câmera onde eu tinha sugerido. A imagem ficaria realmente boa. A gente via toda a loja, o local onde o Maneco normalmente ficava, perto do caixa. Do jeito que ele queria, além de mostrar só a cara do possível bandido, a câmera ficaria contraluz. Toda a luminosidade da porta entrava na lente e piorava muito a qualidade da imagem. Agora a luz parecia ter sido desenhada por um diretor de cena. A câmera estava bem instalada, renderia boas imagens.

— Você não tem como falar com o seu amigo da PM pra dar uma forcinha aqui pro pessoal da colônia?

Tirei o iPhone do bolso, passei o dedo pela tela e fingi que anotei o compromisso. O Maneco olhou impressionado. Se era coisa de se anotar num aparelho como aquele, deveria ser pra valer mesmo.

— Ainda hoje ligo pra ele.

Desde que vendera a farmácia para o pai, Maneco deixou as outras que tinha nas mãos dos filhos. Tentou ficar em casa, se aposentar, mas começou a beber e incomodar os vizinhos.

A esposa alugou uma loja e mandou vir de Jaraguá do Sul umas roupas para vender. Em dois meses estava de volta o Maneco enfiado atrás de um balcão aprendendo a diferenciar viscose de cetim. Com o tempo, aprendeu. A loja cresceu e virou referência na colônia. A única dificuldade eram os assaltos que tinham aumentado muito nos últimos tempos. Maneco colocou na frente do meu peito um pulôver de cashmere. Acertou no tamanho. Gostei do toque no corpo.

— Escute, Luiz. Você não consegue uma reportagem pra gente? Sabe como é esse secretário de segurança... Se vocês publicam na TV, ele se mexe.

— Vou falar com o pessoal da TV, Maneco.

Maneco voltou para o balcão e colocou a blusa em uma caixa de presente.

Não bastava mais os comerciantes reclamarem da segurança para ganharem espaço em nosso programa. Precisava acontecer um fato, um assalto, um crime. E tudo precisava ser filmado. E com uma boa imagem. Qualquer cidadão andava com uma câmera no bolso. Todos tinham computadores, tablets e circuitos internos de segurança nas lojas. Por isso, a gente havia instituído mais uma pergunta no formulário básico de qualquer apuração jornalística. Além de “o que, quem, quando, como, onde e por que”, nossas produtoras perguntavam: foi filmado? Logo eu acrescentei mais uma orientação: tem qualidade para mostrar na TV? Nem sempre a qualidade definia a veiculação. Mas era desejável. Nesse ponto eu estava ajudando o Maneco. A câmera mostraria perfeitamente o movimento da loja, a reação dos funcionários no momento de um possível assalto, o desespero de quem estivesse no caixa ao entregar o dinheiro, os clientes deitados no chão. Dificilmente o bandido seria identificado. Mas não era o principal. Com tanto marginal solto pela rua, pouca diferença fazia para a polícia uma imagem que revelasse ou não um assaltante.

— E seu pai? — perguntou Maneco, com um interesse genuíno.

— Tá bem — falei automaticamente.

O corpo do meu pai em cima da cama da UTI me incomodava. O avental verde-água que cobria a sua barriga e deixava parte das pernas e tórax de fora roubava a sua dignidade. Sua respiração era baixa, a rotina dos aparelhos de monitoramento a encobria. Existia uma solenidade. Estávamos desconfortáveis, entre nós e com ele. Fernando veio sozinho; eu cheguei pouco antes. O médico nos deixou a sós para buscar uma enfermeira que ia ajudar no procedimento. Adiamos ainda mais algumas vezes, até que não foi mais possível.

O médico voltou sozinho. Ele nos deu o tempo para nos acostarmos com a figura de um pai silencioso. Foram minutos de adaptação. Uma ideia que eu levaria anos para assimilar. O doutor se colocou no outro lado do leito. Conferiu uma prancheta com o prontuário. Analisou o que tinha para analisar. Mexeu em alguns botões e em poucos minutos meu pai foi acordando. O médico disse que ele ia se acostumando aos poucos com a lucidez, coisa de meia hora. Esperamos em silêncio. O pai ia colocando cada vez mais entendimento no olhar, observava a mim e ao Fernando.

Dois homens esperando de um terceiro o que devia ser feito.

O médico olhou no relógio e julgou que já havia lucidez suficiente. Chamou o pai pelo nome e pediu que ele confirmasse a identidade. Perguntou idade, profissão, cidade de nascimento, nome dos filhos. Aparentemente, estava em condição de tomar decisões, concluiu o médico. E passou a dar o diagnóstico da doença, o histórico, as possíveis causas, alguns tratamentos, as dificuldades e ponderações, as pesquisas sobre o assunto.

Ao final, a pergunta que autorizaria ou não a operação que o deixaria mudo para sempre. A decisão de extirpar as cor-

das vocais com câncer tinha que ser tomada. Logo o efeito do anestésico passaria e seria insuportável mantê-lo acordado, ressaltou o médico. O pai decidiu rápido. Então nos olhou e assentiu que o coma fosse novamente induzido.

— Meus filhos. Bom ver vocês aqui, juntos. — Sua fala estava fraca.

Foi a última vez que ouvimos sua voz.

— Não tenho pudores. Eu preciso empregar duzentos e trinta e dois funcionários. É gente que precisa comer, sustentar a família. E só empresto pra quem pede. Não coloco caneta na mão de aposentado, nem os forço a assinarem a autorização. Já tentou pegar dinheiro no banco? Eles não conseguem. Nem são atendidos. Comigo é diferente. A loja tem ar-condicionado e cafezinho. Até cachorro-quente e pipoca a gente serve.

— Mas e os juros, Tinhorão? — ponderei, fazendo uma voz como se não fosse minha, quase irônico.

— A gente parcela, renegocia, se for preciso. O aposentado acaba nem sentindo. Já viu a alegria deles quando conseguem comprar uma dentadura? Ou quando levantam grana pra ajudar um neto a entrar na faculdade? Eu vendo sonhos. E entrego. Mais picanha?

— Não, obrigado. Tem maminha?

O garçom calçou o espeto no meu prato e fez descer um pedaço de carne gotejando. O Tinhorão era amigo do dono da churrascaria que ficava dentro da Arena da Baixada. Dia de jogo, o salão estava cheio de torcedores que podiam comer e assistir ao Atlético Paranaense pelo mezanino. Tinhorão era gordo e rico demais. Tinha acabado de descobrir o negócio dos empréstimos consignados para aposentados.

— Eu quase fechei minha factoring, Luiz. Foi por pouco. O empresariado se espertou, ninguém mais quis tomar dinheiro de...

Já não era a primeira vez na noite que ele colocava pra dentro da boca um bom pedaço de carne bem na hora de falar "agiota".

— ...agiota. O Brasil cresceu, Luiz. O Brasil cresceu. Olhe pro seu lado. Esse povo aí comendo carne, em plena quarta-feira à noite. Todo mundo com carro parcelado, morando em

casa própria. Financiada, mas própria. Viajando no fim do ano. Pagando parcelado, mas viajando. Olha o dono da churrascaria. Conhece o Didi, né?

— Claro.

— Comprou uma Hilux ontem. Novinha. Porra, o cara vendia espetinho de gato na porta do estádio até esses dias.

O Didi era metido com umas coisas meio tortas. E isso todo mundo sabia. E o povo que estava do nosso lado na churrascaria era a classe média de Curitiba. Os pobres, gente que se afundava nos empréstimos consignados, mal conseguia comprar entradas para a torcida geral do estádio. Mas não ia entrar no mérito, estava acompanhando o raciocínio e as garfadas do Tinhorão.

— Filho, me traz mais uma porção de maionese — falou.

Tinhorão limpou a boca no canto da toalha. Tomou um gole de cerveja e continuou sua tese.

— Tem uma coisa no Brasil que a gente deve entender. O nome dessa porra é “Efeito Viagra”. Acabou aquele negócio de velho ficar jogando xadrez na praça. Os caras metem pra dentro uma azulzinha e querem socar a rola, como na juventude. Tem remédio pra tudo hoje em dia, não é?

— Ô — pausei. — Eu sou filho de dono de farmácia...

— Então você sabe do que eu tô falando. Daqui a pouco a gente vai viver cento e vinte anos numa boa. Só que o governo ainda não arrumou um jeito desse pessoal ganhar dinheiro.

— Tem razão, Tinhorão. Entendo aonde você quer chegar.

O papo já estava cansando e por isso lhe dei logo a razão, quem sabe assim avançasse as páginas da tese até o fim.

— Eu quero dizer que se ninguém der uma força pros velhos, eles não fazem mais nada da vida. Vão só trepar e tomar remédio. Mas até pra isso precisa de dinheiro. Eu tô fazendo o que eu posso. Meu foco é o sonho dos aposentados e pensionistas. Eu vendo sonhos.

“Sonhos consignados”, completei a frase mentalmente enquanto o Tinhorão metia a faca entre as ripas de uma costela.

Sua tese tinha chegado ao fim. Eu fazia a conclusão com meus botões. O empréstimo consignado era o grande filão das financeiras. Elas cobravam uma taxa de juros um pouco menor, já que o pagamento era garantido: descontado direto na folha de pagamento, com autorização do INSS. Os grandes bancos ainda eram um pouco engessados, demoravam a liberar o dinheiro. Tinhorão percebeu que, para o aposentado, era importante conseguir o empréstimo rápido. Por isso facilitou o processo e saiu no mercado com o bordão: “Em vinte minutos, o dinheiro tá na mão”. Deu certo, caiu na boca do povo. A empresa cresceu assustadoramente em um ano e pouco.

— Gol!!!!!!!!!! — gritou Tinhorão, deixando voar chuveiros de farofa. O salão inteiro ergueu os braços e comemorou.

Foi um belo jogo. No final do jantar, o Didi veio sentar à mesa com a gente. Batemos um papo, tomamos mais uma cerveja.

— O Didi ajuda uma casa de recuperação de drogados. Trabalho bonito. Você devia fazer uma reportagem por lá qualquer hora.

Sorri para o Didi. Ele era carismático. Deixou com a gente uns vouchers para jantar de graça em dias de jogos. Parecia um cara bacana, sei lá, o pessoal inventa muita coisa errada sobre as pessoas. Disse que faria qualquer hora uma reportagem sobre o projeto. Todos ficaram felizes.

— E aí, fecharam negócio? — perguntou Didi.

Tinhorão deu sua risada espaçosa. Eu disse qualquer coisa simpática, falei que o melhor negócio da noite tinha descido pelo espeto do garçom:

— A picanha do Didi!

Voltei para casa logo depois de me despedir do Tinhorão com seu abraço de urso. Ele não deixou eu pagar nem o estacionamento. Os manobristas trouxeram nossos veículos.

— Quer dizer que você é da turma do Didi?

De fato, havia comprado uma Hilux igual à do dono do restaurante. Entrei na caminhonete e dei um tchau simpático para o Tinhorão. A noite tinha sido agradável, afinal de contas.

No dia seguinte eu pensaria mais na proposta de anunciar os serviços da factoring do Tinhorão. Sempre gostei de cheiro de carro novo.

Fiquei olhando as ferramentas nos painéis de madeira fixados na parede. Quatro alicates, um para cada tipo de corte. Chaves de fenda, todas em ordem de tamanho. Uma etiqueta embaixo de cada peça identificava com os números 3, 4, 6, 1/8, 1/2, 1/4... Acima, as chaves Philips, também com seus códigos de tamanho. Serrotes, serras para cano, trenas, martelos, lanternas, arames, furadeira simples e outra de impacto. As peças ficavam penduradas no painel, com um desenho do contorno atrás, denunciando qualquer possível ausência gerada por um empréstimo, aliás, coisa que nunca aconteceria. “Homem que é homem tem suas ferramentas. Isso não é coisa que se empreste”. Na bancada, os potinhos vazios de maionese com parafusos e pregos separados por tamanho e utilidades possíveis. Lápis de marceneiro, réguas de metal, roscas, ruelas, remendos, caixinhas de Durepoxi e bisnagas de Super Bonder. Uma vez um tio entrou no quartinho de ferramentas do pai e disse algo como “o mundo pode ser consertado aqui dentro”. O pai deu risada e repetiu a frase — que tomou como um grande elogio — durante anos.

Mexi nas chaves de fenda, toquei algumas, testei a empunhadura, eram as mesmas da minha infância, a pegada que ele me ensinara. “Pra martelar, tem que segurar na ponta de baixo do martelo e deixar que o peso dele faça a força”. O serrote, dizia, tem que correr do primeiro até o último dente, assim corta a madeira mais rápido. A cada peça que eu pegava e recolocava dentro do seu contorno, vinha uma bíblia de instruções que tinha guardada em algum canto da minha estante mental.

Abri a porta do armário onde ele guardava os apetrechos de jardinagem. Ali era outro cheiro, de terra, grama e mato. Puxei uma das gavetas. Era a minha. Ali guardava os carretéis de linha, uma ou outra vareta de raia, bolinhas de bete-ombro e

qualquer brinquedo que não podia ser levado para dentro de casa. Algumas coisas da época ainda estavam ali. Uma pilha havia vazado e a ferrugem manchava o fundo da gaveta. Afastei algumas revistas em quadrinhos velhas e encontrei algo que jamais imaginei ter novamente: o bloco da minha adolescência, minhas histórias inventadas e incompletas de Robinson Crusoe.

Naquele momento, com o pai ainda vivo, jamais poderia imaginar que o quartinho de ferramentas teria ainda outro achado importante. Seria preciso meu pai morrer para que eu encontrasse a caixa que revelaria a face mais secreta de sua vida.

Guardei o bloco no bolso da jaqueta. Coloquei em uma caixa de metal algumas chaves de fenda, fio doze para extensão, parafusos, buchas, alicate, a furadeira e um bom jogo de brocas. Voltei para dentro de casa.

— Pedi uma pizza pra gente — disse o Fernando enquanto já cortava os pedaços com garfo e faca dentro da caixa de papelão.

— E o pai?

— Já foi dormir.

— Não foi fácil hoje pra ele.

— Calabresa?

Aceitei. Sentamos à mesa e comemos em silêncio. A mesma mesa de sempre, nossos lugares intactos, a cadeira do pai vazia.

— Não tem sido fácil, imagino — completei — a cirurgia... E agora essa história do Maneco...

Terminamos a pizza. Fernando lavou os pratos e eu enxuguei. Fomos para a salinha de televisão que ficava em frente ao quarto do pai. No caminho, vimos a porta entreaberta. Dava para ouvir a respiração pesada, puxava o ar com alguma dificuldade, o nariz parecia trancado. Ele havia chorado, o que tentou esconder da gente. Eu e o Fernando percebemos e fingimos não notar. Faríamos algum barulho com as ferramentas, por isso fechei a porta.

— Ele prefere que a gente instale a campainha aqui?

— Sim — disse o Fernando. — Quando tá em casa, é onde passa mais tempo, assistindo à TV. Assim vai ficar mais fácil chamar a cuidadora, quando necessário.

— Então vamos lá.

As coisas ficavam muito mais fáceis entre mim e o Fernando quando tínhamos algo para fazer. Uma coreografia se instalava em nossos movimentos. Enquanto um esticava o fio, o outro já vinha com o alicate aparando as pontas, medindo. Logo furamos os pontos nas paredes, colocamos buchas, parafusos, prendedores. Uma ponta ligada ao terminal de luz e outra, a um dispositivo para acionar uma campainha sonora que era ouvida da cozinha. Deixamos o botão ao alcance do braço, perto do apoio do sofá. Ligamos a TV. Deixamos rolar um futebol sem som.

— Uma cerveja?

— Aceito.

Ele foi até a cozinha e voltou com duas latinhas. Brindamos por hábito, não tinha sido um bom dia.

— Foda o lance do Maneco — eu disse.

— O pai sentiu, viu? Ele gostava do velho. O Maneco chegou a te procurar? O pai tinha dado o seu celular pra ele há algum tempo.

Tomei mais um gole.

— Ele queria fazer uma reportagem, um protesto, chamar os comerciantes da colônia e agitar um panelaço. Queria a atenção do secretário de segurança, mais a polícia. O pai falou que de repente interessava para o seu programa. Pena. A história poderia ter sido diferente — disse o Fernando.

— E a mulher dele?

— Tá dopada ainda. Não entendeu direito o que aconteceu. Eu mesmo consegui uma caixinha de calmante pra ela sem receita. Dava dó.

— E os filhos?

— Um deles me chamou em um canto lá no velório. Ele queria me mostrar as imagens da hora do assalto. Ele havia guardado as fotos no celular. Deu pra ver direitinho a hora do tiro. Foram dois, e não três como o pessoal falou.

— À queima-roupa? Sem mais nem menos?

— Diz que o marginal se assustou. O Maneco veio lá de dentro com uma vassoura. O bandido estava chapado de crack e achou que o velho ia reagir. Mandou dois tiros, pegaram no peito. Morreu na hora.

— A câmera do local pegou alguma coisa? — perguntei.

— A família não vai liberar a imagem do crime pra imprensa. Mostra muito de perto o Maneco tomando os tiros, ele caindo no chão, batendo a cabeça... Sério, parece filme de péssimo gosto.

Na volta para casa, não conseguia pensar em mais nada. Coloquei o bloco de anotações das minhas histórias interrompidas no porta-luvas. Eu me sentia enjoado e enjoado. Abri a porta com pressa, corri para o banheiro e vomitei meu choro.

O porteiro me avisou que a Marcela estava subindo e não parecia bem. Coloquei água na chaleira para fazer um chá. Abri a porta e ela escorreu pelo pufe da sala. Estava com a cara inchada. Parecia ter chorado o dia todo. Fechei a porta e fiquei de cócoras na sua frente.

— Se acalma, Marcela. Fala pra mim o que tá acontecendo.

— Bando de canalhas! Eu tô de saco cheio de tudo, de todos, dessa merda de televisão. Ninguém respeita mais nada. Só querem saber de dinheiro, de audiência, de comercial. Não aguento mais. Sério. Vou pedir demissão amanhã.

Ela falava alto. A chaleira começou a apitar. Passei a mão no seu rosto, acariciei seu colo, segurei suas mãos...

— Quer um chá?

Ela concordou com a cabeça. Levantei e preparei uma boa xícara com camomila. Demorei um tanto a mais, seu choro foi perdendo a força. Escutava uns estalos, conhecia o barulho. Ela tentava arrebentar a costura do couro do pufe com a unha, mania besta. Sempre me irritava com aquilo, às vezes estragava os móveis com o trejeito. Decidi deixar quieto.

— Açúcar ou adoçante? — Já sabia a resposta.

— Sem nada.

Voltei para a sala. Coloquei a xícara na mesa. Apontei a cadeira e a fiz sentar na minha frente. Ela veio contrariada, mas obedeceu. Sentei na ponta.

— Agora me conta.

Ela tomou um gole. Repetiu. Suspirou. Tentou recobrar a calma que havia perdido desde não sei quando.

— Tá todo mundo louco. Eu não aguento mais trabalhar naquela porra de TV. De que adianta ser o rostinho bonito para as donas de casa se sentirem representadas? A voz da mulher paranaense, dar aquele monte de opinião besta, sorrir para a

previsão de um dia de sol, fazer jeitinho de pena quando vai chover. Eu sou paga para ser essa coisa óbvia, é isso? Fala, Luiz, eu sou uma loira óbvia?

Não respondi, óbvio.

— Fiquei com vontade de voar no pescoço do idiota do diretor. Ele tá com problemas, que arrume a solução. Ele é o chefe do navio, caramba. Se o navio tá afundando, que tome o comando, aja como homem! Você acredita que ele teve a pachorra de falar que o povo tá com rejeição da minha imagem? Rejeição? Você acha que alguém vai rejeitar a minha imagem? Fala, Luiz! Responde.

— Só se for idiota.

— Foi isso o que eu falei. Só se alguém for idiota. Mas fui falar justamente para o idiota do diretor. Que raiva, que raiva!

Marcela tinha o seu jeito óbvio de ser. E sempre deu certo. Sorriso perfeito, cabelo simétrico, corpo delicado, qualquer figurino lhe caía bem. Nasceu para ser obviamente plástica em um programa de TV. Fez sucesso por um bom tempo na emissora líder. A voz da dona de casa. Todas queriam ser como ela. E os homens da audiência queriam casar com ela. As crianças queriam ter uma mãe como ela. Os mais velhos queriam uma filha como ela. Começou fazendo a previsão do tempo. Logo viram que seu sorriso de anjo caíria bem para chamar as notícias. Aos poucos perceberam que a voz suave anunciaria bem alguns comentários escritos por um editor bem-preparado. Marcela era ensaiada para deixar as notícias palatáveis. Contrataram até um ator de teatro para refinar suas expressões de indignação, de espanto, de comoção. Logo veio uma fonoaudióloga que lhe deu mais segurança na voz. E os figurinos, sempre discretos, mas com um refinamento muito bem calculado. Marcela era óbvia, qualquer idiota percebia. Mas de uma obviedade delicadamente trabalhada, tinha o seu valor. E deu audiência por um bom tempo.

— Eles querem tirar a bancada. Você acredita nisso, Luiz? Eles querem tirar a bancada.

Sim, eu acreditava. Há meses o *Comando do Povo* estava vencendo quase diariamente a disputa pela audiência. Eram dois opositores com perfis muito claros, por isso ficava fácil entender o que estava acontecendo.

De um lado, o Kaled chegando ao ápice de sua fórmula. O trabalhador que deu certo. Um homem simples, com roupas esculachadas, fala direta, muita indignação, aparentemente bom de briga, populista, mas nem tanto, com sangue na tela e prestação de serviço dosados em quantidades que a maquininha do Ibope calculava minuto a minuto. O Japonês orquestrava tudo direitinho, era competente e afinava-se bem com o Turcão. E nos últimos meses, modéstia à parte, minhas histórias contadas no calor do momento e editadas no facão estavam dando o melhor resultado que já havíamos alcançado. Os dramas que eu conseguia arrancar do povo sofrido que procurava a TV diariamente faziam um estrago na concorrência. Tínhamos faro para descobrir casos que rendiam. Estávamos cavando bons assuntos: pedreiro que precisa de uma cadeira de rodas nova para continuar ralando na obra; costureira que trabalha dezoito horas por dia para sustentar cinquenta e quatro cachorros recolhidos na rua; pai e filho que conseguiram acabar com a bandidagem de um bairro depois que fizeram justiça com as próprias mãos contra uma gangue de adolescentes... Eu não escrevia sequer uma linha. Apenas conduzia as histórias com minhas perguntas e a câmera nervosa do Homem Aranha. Caixão na concorrência.

Em poucas semanas, assumimos de vez a liderança no horário. Aprimoramos a fórmula do velho Kaled. Dramas, dramas e mais dramas. Cortávamos só o necessário, zoom na cara de quem chora, foco na lágrima, amplificávamos o soluço, arregaçávamos tudo na tela. A câmera tem que invadir, penetrar, desmistificar. Perguntar e provocar emoções básicas. Não teorize: radicalize. Reduza a uma frase, a um bordão. Repita muito a mesma ideia. Seu público está pulando de canal em canal, o controle remoto é a independência deles e o nosso chicote.

Eles vão e voltam e são inseguros como crianças. Sim, repita. Resuma toda a sua história em uma frase. Repita. Seu público vai zapear e voltar, zapear e voltar. São crianças e querem um porto seguro, querem alguém em quem confiar. A gente funciona como o paizão dessa massa que passou a comprar com cartão de crédito e se afunda no empréstimo consignado em folha. Repita, resuma o drama. Eles vão zapear e voltar. Todo o drama humano pode ser resumido em uma frase.

O Kaled não sabia nem ligar o computador, mas era o melhor tuiteiro que eu havia conhecido. Cento e quarenta caracteres seria muito, queria ainda mais concisão. Reportagem boa é a que vira papo de boteco no dia seguinte. Qualquer matéria minha de seis, oito, dez minutos, virava uma baita manchete na sua voz. “A vingança do chifrudo: homem traído desconta a raiva a tiros no cachorro”; “Não sobrou ninguém pra contar história: carro capota na rodovia e invade barraco”. “Passam o delegado pra trás: irmão entra pra visitar gêmeo. O preso foge, a visita fica na cela”; “Deputado bêbado voa com carro e mata dois: ele diz que não se lembra de nada”. Para todas as histórias eu teria um porém, um aparte, um “não foi bem assim”. Mas o fato é que a versão do Kaled deixava no chinelo qualquer preciosismo e cuidado com as nuances da realidade. Era divertido brincar de resumir dramas. Eu tinha a liberdade de contar minha história, desde que fosse bruta, invasiva, forte. Ele entrava com as suas chamadas de impacto e com os comentários dentro da fórmula da obviedade marcante.

Já no outro canal, o tom pastel da bancada clarinha, com uma cadeira modernex atrás da bancada, esperando sempre a mesma loirinha para chamar as notícias do dia, que pouco falava para a audiência dos nossos tempos.

Marcela estava sofrendo e eu tinha alguma responsabilidade. Mas não era nada pessoal.

— Eles querem me colocar em pé, sem bancada. Você acredita, Luiz? Eu, em pé, andando pra lá e pra cá, sem roteiro!!!

Eu acreditava que era isso o que eles queriam. Mas não acreditava, sinceramente, que Marcela conseguiria.

— Isso começou com a sua história da explosão no Porto. Eles ficaram cheio de dedos, com medo de entrar no assunto pra valer. Deu no que deu.

Eu que tinha falado algo sobre isso para ela há algum tempo. Marcela desabafava para mim com uma verdade tão convincente que até parecia ter desenvolvido essa conclusão sozinha.

— E aí? O que é que você vai fazer?

— Ainda não sei. O que você acha que eu devo fazer?

— Quer fumar um? — ofereci.

Peguei no potinho da sala um punhado e enrolei. Marcela acendeu e deixou aquele cheirinho bom. Tudo começava a voltar para nossa normalidade.

— Me come aqui hoje.

— Aqui?

— É novo o sofá, né? Gostei.

Ela deixou a bagana no cinzeiro em cima da mesa. Deitou e deixou a nuvem de fumaça cobrir seu corpo. Abriu as pernas, a saia subiu dos seus joelhos para a cintura. O tecido era leve. O sofá era grande e confortável. Seus braços caíram para trás da cabeça. Alongou as costas e afundou o pescoço na almofada como uma gata enroscada. Paguei à vista, o sofá. Deitei nela o mais fundo que pude. Mal tirei sua roupa. Era bom trepar com ela com o figurino que usava no estúdio.

— Eles disseram que vão investir naquele lance da santa de Paranaguá.

— Como é, Marcela? — Às vezes o sexo parecia um break comercial. Voltava a falar de um assunto como se tivesse pausado o programa por um tempo.

— A santa. Você que começou com a história. Eles fizeram o monitoramento e viram que aquela reportagem da santa que levou o pessoal da procissão para longe da explosão do navio fez a audiência subir no *Comando do Povo*. Foi lá que começou a virada.

— Marcela, a gente tinha vencido no dia anterior, com a explosão do navio.

— Mas a explosão do navio era o fato, não tinha como fugir. Todo mundo tava dando a mesma notícia.

Ela falava como se repetisse as vozes da reunião de avaliação da emissora dela. Eu conhecia Marcela e sabia do limite do seu raciocínio. Era bom saber o que se passava nas salas da concorrência.

— Já aquela sua continuação da história da santa, os detalhes do pescador, do padre, só vocês colocaram no ar. Eu vi o relatório minuto a minuto. Impressionante como o público foi passando para o *Comando do Povo*. A segunda parte da reportagem, então, nem se fala. E o padre? O que era aquele padre?

Eu já nem me lembrava do padre. Aliás, a história toda parecia ter passado há décadas. O jornalismo diário me deixava assim, confundia memórias de ontem com as de anos passados.

— Que tem o padre, Marcela?

— Aquela história era linda.

Linda não era um adjetivo que eu usaria para um religioso chorando no altar por causa de uma santa que supostamente tinha desviado uma procissão. Claro, a coincidência até que convencia, deu uma boa reportagem. Mas eu era cético.

— Sério, eu vi no site depois. O padre realmente estava emocionado.

A Marcela ainda acreditava no sistema. De minha parte, só uma boa história no momento certo. Não lembrava sequer o nome do sujeito.

— A produção ligou para a paróquia dele. Ele deu pra gente uma informação fantástica. Você não faz ideia.

Saí de dentro de Marcela. Sentei na sua frente.

— É mesmo? Me conta melhor isso.

Ela contou todos os detalhes da reunião de pauta da emissora. O que era segredo absoluto foi cair justamente no ouvido da concorrência. Marcela era uma delícia falando; adorava ver o seu jeitinho de escolher as frases certas.

— Voltar na história da santa, Luiz? Já faz meses que o navio explodiu. Resolveram a história, fim de papo!

Na verdade não tinham resolvido nada. Os operários mortos eram senegaleses. Mandaram os corpos para o país natal e sequer divulgaram os nomes. Era a maneira de a empresa do navio contornar a crise. A administração do porto demitiu o gerente responsável pela descarga de inflamáveis. Um jornal de São Paulo fez uma reportagem algumas semanas depois mostrando que o desembarque de combustíveis continuava sendo feito à noite e nas mesmas condições da época da explosão. Colocamos no ar a foto do flagra feito pelo jornal. O Kaled comentou com a sua indignação medida pelo desempenho do Ibope. Os números foram caindo e em três minutos encerrou o tema. O *Comando do Povo* acabara de enterrar na vala do esquecimento mais um assunto.

— Tenho informações quentes de que a concorrência vai voltar na história.

Eu estava decidido. O que não contava muito, historicamente, na batalha de assuntos com o Japonês. Mas os tempos haviam mudado. Minhas reportagens editadas no facão eram o filé mignon do programa. Passei a ter mais espaço. O Kaled me chamava no ar várias vezes. Quase todos os dias eu entrava ao vivo também, comentando alguns assuntos, reforçando a nossa indignação perante o descaso, a roubalheira, o desvio de verbas, a falta de vagas em creches. Funcionava bem. O Kaled tinha seu diálogo com o público mais velho, o tradicionalismo da classe C curitibana. De minha parte, algo mais jovial, como o próprio Kaled definia. O público da TV precisava se renovar.

— Tá legal, Luiz. Desce lá pra Paranaguá e investe nessa história.

O Japonês sabia que eu tinha minhas balas na agulha. Quanta diferença desde os tempos em que tirava leite de pedra com reportagens sobre buraco de rua, valeta a céu aberto, fila no posto de saúde, demora na entrega de remédios da farmácia popular. Agora as pautas da obviedade do jornalismo diário caíam direto para os repórteres mais novos. O Kaled tinha me colocado ao seu lado. Eu escolhia meus assuntos. E entrava no ar patrocinado, o que na verdade fazia diferença na hora de decidir o que eu gravaria ou não. O Japonês sabia disso, só não falávamos abertamente por uma questão de educação.

Quando cheguei na igreja do Rocio fui direto ao assunto. Começamos a gravação. O Homem Aranha ligou a câmera e veio andando de costas, mostrando meu andar de fora para dentro da igreja, narrando o histórico do caso.

— ...e o que pouca gente sabe é que a imagem que está ali no altar é uma réplica. A verdadeira imagem foi roubada há muitos anos. Até hoje as autoridades não encontraram uma solução para esse crime.

O Homem Aranha foi rápido e fez a câmera passear até a santa no altar. Fechou o zoom, firmou a imagem. Improvisei alguns comentários mornos até que ele tivesse tempo de voltar para mim.

— Existe aqui uma dor. A cidade de Paranaguá quer saber onde está a verdadeira imagem de sua santa. Ela foi roubada, tirada do seu berço.

Eu me levantei e andei pelo corredor central em direção ao altar. O Homem Aranha me seguiu.

— Quem teria andado pela igreja de Paranaguá com um objetivo perverso na cabeça? A partir de hoje, o *Comando do Povo* só descansará depois que a gente conseguir responder a seguinte pergunta: quem é o ladrão da santa de Paranaguá?

Colocamos a reportagem no ar no dia seguinte. Kaled assistiu enquanto lia os e-mails que chegavam durante o programa. Ele tinha o hábito de se debruçar no púlpito do cenário. Alguém da produção imprimia as mensagens. Tentaram

deixar um notebook com ele, mas o trato do Turcão com a informática não era nada bom. Às vezes usava o tempo das reportagens para ver as contas a pagar que trazia dobradas no bolso da calça, conferia o resultado da Mega-Sena, lia o caderno de esportes. Era o seu ambiente. Sentia-se à vontade, tomava café, brincava com os cinegrafistas. Uma vez até soltou um peido durante o intervalo.

— Atenção, trinta segundos — o produtor gritou no estúdio.

Era a deixa para voltar ao ar. Nesse momento, o Kaled assumia a postura de apresentador. Posicionava-se em frente da tela; cruzava os braços se o assunto era de indignação; passava a mão na cabeça se era desespero; cerrava os punhos se queria conclamar suas revoltas de pai de família. As duas ou três últimas frases da reportagem davam o gancho para o começo do comentário do Kaled. Era a sua técnica para se mostrar interagindo com o programa.

— Quinze segundos — disse o produtor.

Preparamos para entrar no ar. Ele trouxe as duas mãos entrelaçadas, perto da cintura. Tinha uma postura solene, respeitosa. Ensaçada, porém verdadeira. O operador de áudio subiu uma trilha de melodrama. O Kaled deu o tempo para a música preencher o silêncio. Três ou quatro segundos somente olhando para a lente enquanto o diretor de vídeo mandava a câmera aproximar o zoom até o rosto do apresentador. Ele parecia emocionado. Quatro segundos parecem do tamanho de uma eternidade em TV. Kaled chegava no limite do silêncio. A história tinha sua pegada.

— Eu, desde os tempos de rádio, da velha Difusora 580 mega-hertz, visitei muito a cidade de Paranaguá. Quantas e quantas vezes rezei para Nossa Senhora do Rocio. Para essa imagem, essa mesma que você está vendo na sua tela. Eu nunca me dei conta que era uma cópia. Uma réplica. Mesmo assim, sempre fui atendido. E tenho certeza que outras milhares de pessoas já tiveram a mesma graça. Não me sai da cabeça uma

pergunta. Apenas uma pergunta: quem roubou a imagem verdadeira? Quem é o ladrão da santa de Paranaguá?

Essa última frase foi falada com uma entonação especial, mais forte. Era a deixa para o operador de caracteres escrever no rodapé da tela a manchete da matéria.

— Quem é o ladrão da santa de Paranaguá? Quem teve a coragem de entrar em uma igreja e roubar o símbolo maior da fé de uma cidade? Luiz, entra aqui para falar mais detalhes sobre essa revelação exclusiva do *Comando do Povo* que mexeu com todo mundo.

Entrei. Estava com o microfone de mão. Enquanto caminhava para o centro das câmeras, o Kaled levou o indicador até o ouvido. Em seguida, esfregou as mãos, fora do quadro. Eu conhecia aquela empolgação. Estávamos em primeiro lugar no Ibope. Mais uma vez o nosso drama construído detonava a concorrência.

— A gente vai falar também sobre outros roubos de santas. Não é só Paranaguá que sofre com isso. Padres de igrejas famosas do Brasil há anos não conseguem recuperar as imagens que foram roubadas. Será que esses crimes estão relacionados? Mas antes de contar os detalhes sobre o roubo da santa de Paranaguá, o Luiz vai te dar um recado da PontoComVC Planejamento Financeiro.

— Pois é, Kaled. Essa história realmente me deixou muito comovido. E a segunda parte da reportagem é simplesmente incrível. Quem está acompanhando a gente pelo *Comando do Povo* com certeza vai ficar impressionado. E aproveitando que estamos falando do nosso litoral, quero mandar um recado importante para quem mora em Antonina, Morretes, Guaraqueçaba, Matinhos, Pontal do Paraná e Paranaguá também, é claro: você que é aposentado ou pensionista nas praias e cidades litorâneas e está precisando de dinheiro, ligue agora para a PontoComVC Planejamento Financeiro. Em vinte minutos o dinheiro está na sua mão, inclusive no litoral do Paraná.

O texto ia seguindo no teleprompter e tudo o que eu precisava fazer era ser um pouco mais simpático do que na reportagem. Simpatia e firmeza somadas geravam convencimento, a fórmula exata do testemunhal de televisão. Minha fórmula de anunciar carregava junto também os anos de reportagem, o contato com a realidade do povo, o cheiro da rua, o peso da mão que carrega o microfone (chamam de credibilidade).

O Kaled era mesmo uma puta velha. Tentaram anunciar os empréstimos consignados com ele. Mas como o produto beirava a picaretagem, a química do contato com a imagem do velho Turcão não foi boa. Eles precisavam de uma figura mais virgem e com uma bela audiência. O Kaled soube sair de cena nesse anúncio, mesmo assim continuou com seu quinhão do cliente. Eu ganhei meu espaço. Um estagiário na redação veio me questionar sobre essa besteira de querer separar conteúdo jornalístico de mensagem publicitária.

— E onde é que fica a isenção do repórter, Luiz?

— Escute aqui — falei alto para a redação ouvir —, a notícia continua sendo a notícia. Eu passo a mensagem que tenho que passar.

— Mas e se um dia tiver que dar uma notícia negativa contra a PontoComVC, como fica?

— Olha, primeiro vamos esclarecer: “Negativa contra” é duas vezes não, portanto, redundância que se anula, fica igual a sim. Jamais escreva uma merda como essa.

Um outro repórter que estava perto se divertia com a situação:

— Luiz, você entendeu o que o estagiário disse.

— Eu fiz faculdade de Jornalismo. Não fiz voto de pobreza — ataquei de volta.

— Oi, amor, bom ouvir sua voz.

— Luiz, a gente precisa falar. Sério.

— Peraí. Vou colocar no viva-voz. Tô no trânsito. Acabei de sair da TV.

A voz dela não estava boa.

Ela veio com um papo de que eu havia quebrado a confiança, de traição, de que eu não tinha direito de pegar uma conversa nossa e tomar uma pauta sobre a qual ela havia comentado. Achava que eu tinha aproveitado o desabafo para roubar a ideia da santa. A chefia da Marcela estava achando que ela jogava para os dois lados, colocaram a garota contra a parede e perguntaram se estava passando informação privilegiada para o *Comando do Povo*.

— Tem gente que sabe da nossa história, Luiz.

A gente não dava bandeira, nunca assumi nada com ela. Era um lance nosso.

— Marcela, sério. Não viaja. Ninguém sabe da nossa história. Você tá gritando por quê?

“Porque você me sacaneou, seu putô”. Ela repetiu isso umas cinco vezes. E cada vez gritava mais. Desviei o caminho e segui por um bairro mais tranquilo, enquanto tentava chegar num acordo com ela. Era bom andar pelo Jardim Social. Uns sobrados bonitos. Qualquer hora precisava pegar uns folders dos condomínios novos.

— Um cara igual você, que se diz cheio de ideias, precisava roubar uma?

— Marcela, meu amor. Na boa. Nossa conversa passou dos limites da boa educação. Eu tô cheio de planos legais e você chega com esse jeito desagradável. Outra hora a gente conversa, ok?

Ela disse que um presentinho me esperava em casa. Quando cheguei, encontrei a TV nova espatifada por uma garrafa de vinho. O líquido escorreu pelo chão. Liguei do interfone para a zeladora. Tinha uns trocados na carteira. Disse que precisava de uma faxina de emergência. Ela falou que viria no fim do dia. Fui para o quarto para não ficar vendo os cacos no chão. Maldita hora em que deixei a chave do apartamento com a Marcela.

— Tem dez contos trocado aí? — perguntou Tinhorão —
Aposta no Tremelique. É o velho Gusso que treinou?

— O velho Gusso não treina mais, Tinhorão — respon-
deu o garçom enquanto tirava a garrafa vazia de nossa mesa.

— Eu sei que vocês jornalistas têm mania de comer lá no
Pudim. Mas aquilo é horrível. Ozório, desce outro aqui. E uma
Brahma também.

Ele parecia feliz. Tinha feito botox para dar uma remo-
çada. “Devia é fazer redução de estômago”, disse um maldoso
da redação. O fato é que o sujeito gostava de ser gordo, isso
estava na cara. Eu sabia de apenas uma coisa: ele nunca havia
ganhado tanto dinheiro quanto no último ano.

— Como é que tá a vida, Luiz?

Um pontinho de mostarda preta ficou no seu rosto. Pe-
guei um guardanapo de papel e limpei. Ele agradeceu com um
aceno de cabeça e continuou comendo, esperando minha res-
posta. Meu sanduíche chegou. Fui temperando enquanto fazia
um breve balanço. Os cavalos eram levados das cocheiras para
as raias de partida. Tinhorão parecia acompanhar a tudo: um
olho nos bichos, outro na minha resposta e um terceiro, ainda
maior, no sanduíche.

— Tinhorão, não dá pra reclamar. Eu sempre fui contra
misturar publicidade com jornalismo. Mas se eu ficasse nessa
onda, pra ser bem sincero, não sei se duraria muito na profis-
são. Repórter ganha muito pouco.

Estávamos apenas esquentando os motores. O eixo da
conversa, se eu bem conhecia o agiota mais esperto da cidade,
era outro.

— Escute, o Kaled falou que ia atrasar?

— Já deve estar chegando aí — falei.

Da pista, um tiro de revólver despertou a atenção de todos. Era o sinal para a largada dos cavalos. Oito deles saíram em disparada. Na raia de número três, estava a aposta do Tinhorão. Tremelique saiu com uma desvantagem. Tinhorão continuava com seus olhos ao redor. Mordia com força seu lanche, empurrava os pedaços com a Brahma. O jóquei arcou o corpo e deixou o mínimo de peso sobre a lombar do animal. O cavalo parecia correr como se devesse aquele desempenho a alguém. Tinhorão gritou um “vai, porra”. Sua boca exalou o cheiro de mostarda. Do meio para o fim do grid, o cavalo pouco a pouco foi ganhando a frente. Burburinho geral nas mesas ao lado. Só então percebi que o Tremelique era um azarão. Tinhorão foi na contramão de todos e estava prestes a levar duzentos e cinquenta contos por uma nota de dez reais que eu havia lhe emprestado. Dois torcedores da mesa ao lado comemoraram também. Os demais balançavam a cabeça, sem acreditar. Tinhorão limpou os beiços com a ponta da toalha. Ele sabia fazer dinheiro.

— Agora escute uma coisa: o Kaled adiantou o assunto contigo?

Balancei a cabeça negativamente. Eu estava bêbado de uísque.

— Ele disse que queria conversar contigo junto.

Tinhorão cresceu o sorriso. Gostava de se sentir parte das coisas da TV. Desde que começou a botar dinheiro no *Comando do Povo*, era bem recebido lá dentro, cafezinho, poltrona no estúdio durante o programa e outras regalias. Nos últimos meses, passou a ser o maior anunciante da casa. O diretor do comercial me mostrou um relatório de exibição que colocava a factoring acima até de uma rede de varejo nacional. Vez ou outra o Kaled convidava o Tinhorão para uma reunião de pauta com a equipe do programa. Ele subia as escadas até a sala. Ofegante, sentava em uma das cadeiras com o suor escorrendo de sua testa e com o mesmo sorriso de súplica que trazia atrás do sanduíche de pernil. Ele esperava ser convidado

para nossas discussões, queria fazer parte do espetáculo da notícia. Algumas vezes o Kaled lhe perguntava alguma coisa sobre uma pauta, coisa do dia a dia. Sua resposta sempre começava dessa forma:

— Amigos, eu não sou um entendido no assunto em questão como vocês, mas...

E o que vinha a seguir mostrava um completo desconhecimento sobre o assunto em questão, assim como em qualquer outro. Eu realmente não entendia como o Tinhorão havia feito tanto dinheiro em tão pouco tempo. Dos duzentos e poucos funcionários, a empresa dele agora empregava mais de dois mil. Um crescimento espantoso. Eu tinha minha parcela de culpa na história. Um dia, no meio de uma festinha lá no Café Lyon, falei brincando para o Tinhorão:

— Se o Tarzan estiver aposentado e quiser um empréstimo, a PontoComVC leva de cipó a autorização de débito em folha. Entregamos na casa dele, em cima da árvore mais alta da floresta, se assim for preciso!

Tinhorão estava com a cabeça no meio das pernas de uma mulher em cima da mesa, mas ouviu bem o que eu disse. Largou a moça no meio de um gemido e veio me abraçar. Deu dois beijos no meu rosto, parecia uma criança feliz, com todo aquele tamanho. Senti no hálito dele o cheiro de onde estava com a boca até então.

— Luiz, você é foda. Foda! Que ideia do caralho!

E foi embora. Na semana seguinte, o texto do anúncio que eu fazia durante o programa já era diferente. Tinhorão organizou uma operação de guerra para colocar em pé a nova logística da empresa. "Atenção aposentado e pensionista. Se você não tem condições de vir até uma das nossas lojas, nós vamos até você. Ligue e marque um horário. Um consultor financeiro vai até a sua casa para lhe oferecer o dinheiro mais barato do Paraná. PontoComVC, em vinte minutos o dinheiro está na mão!"

Outras corridas ainda estavam programadas para a noite, mas Tinhorão já havia desistido de apostar. Continuamos a olhar o movimento, o desfile de velhos do Jockey e todo aquele jeitão decadente. Kaled chegou cumprimentando a todos, mais simpático e populista do que era normalmente. Sentou-se à mesa com um sorriso de quem masca chicletes.

— Tinhorão, Luiz... Buenas!

O garçom logo serviu um copo e completou com a Brahma da mesa.

— Brahma, Tinhorão? — perguntou reprovando com seu jeito debochado. Era o jeito do Kaled descontrair o ambiente. — Nunca entendi esse negócio de hipismo...

— É turfe — corrigiu o Tinhorão, feliz.

— Que seja. Mesmo assim, não entendo. Pra mim, é esporte do cavalo.

Tinhorão deu risadas. Acompanhei. Estava aprendendo a descontrair o ambiente, fazia parte do negócio.

— Você saiu mais cedo hoje, Luiz. Chegou a ver a audiência?

— Não, não. Qual foi?

— Primeiro de volta. Pico de dezoito pontos.

— O que deu pico?

— A sua história, né? Brilhante a ideia de reconstituir os últimos passos da criança que foi encontrada morta dentro de uma mala na rodoviária de Curitiba. "Será o fim do mistério do crime da mala?". O povo adorou. Agora pouco até o porteiro do Jockey veio falar comigo sobre a reportagem.

— Kaled, a sua chamada ficou forte. Gostei da decisão de ter deixado a reportagem pro fim do programa e ir insinuando aos poucos que a gente tinha revelações bombásticas sobre o caso. Você foi entornando o caldo bonito, hein?

— Peraí? Já encontraram o autor do crime? Eu não consegui assistir ao programa hoje — disse Tinhorão.

Eu e o Kaled demos risadas. O Tinhorão às vezes representava o nosso próprio telespectador ideal. Com uma diferença: era rico. Eu gostava dele.

— Tinhorão — disse o Kaled —, esse é um dos crimes mais perfeitos que eu já vi. O cara esquartejou a menina depois de fazer as piores barbaridades com ela. Fez como se fosse um perito, um criminalista. Apagou todos os vestígios. O Luiz andou por tudo, hotéis da região nos quais ele teria abusado da garota, lojas onde poderia ter comprado a mala, fuçou mais do que os próprios investigadores. Ninguém viu nada. Nem impressão digital o sujeito deixou. É o próprio fantasma.

— Mas então não tinha nada de novo na reportagem?

Kaled tomou um gole da Brahma e deu de ombros, concordando. Eu brindei com mais uma dose. Tinhorão parecia não acreditar no que ouvia. Mas, no fundo, a análise do “não tinha nada de novo” poderia se aplicar a pelo menos metade das reportagens que ele já tinha visto no *Comando do Povo*. Jornalismo, quando aparentemente bem-feito, não precisa de novidades.

— De novo, meus amigos, só a minha decisão!

Tinhorão ficou feliz por mudarmos de assunto, longe da sua conclusão recém-descoberta. Brindou e anunciou a notícia que já conhecia:

— Kaled pra deputado!

Eu era o único que não sabia do novo plano político do apresentador do *Comando do Povo*.

— Quero voltar, Luiz. Tá na hora. Tenho acompanhado o trabalho dos caras, cada sujeitinho que você não acredita, né? Preciso sentir a respiração da comunidade. Não é novidade pra mim, você sabe. Mas esses anos sem mandato me deixaram mais maduro, com novas ideias...

Kaled se convenciu facilmente. Ou encenava bem aquele discurso que repetiria à exaustão nos próximos meses. A lei eleitoral obrigava que ele saísse do ar uns meses antes da eleição. Ou seja, para colocar em risco a estabilidade do *Comando do Povo*, algo de muito vantajoso devia estar sendo colocado como prêmio. Tinhorão, por sua vez, mostrava a energia de um bom cabo eleitoral:

— Eu vou entrar de cabeça na campanha. Se contar só as famílias dos empregados que trabalham para a PontoComVC, já são mais de cinco mil votos... Isso por baixo.

Tinhorão colocou as duas mãos na mesa com as palmas viradas para o teto. Kaled colocou as suas em cima em sinal de parceria.

— Qual a sua opinião, Luiz?

— Vai se meter com política a essa altura do campeonato, Kaled? De volta? Pra quê? Olha o que você já conquistou. O *Comando do Povo* é o programa mais assistido do Paraná. Nunca alguém conseguiu derrubar o jornal da emissora líder, nunca! Tem fila de anunciantes, o faturamento tá saindo pelo ladrão. O que você quer de melhor? Vai ser mais um pau-mandado? Ficar no meio daqueles cinquenta e poucos engravatados que dizem amém pro partido do governador? A sua opinião hoje tem mais peso do que todo o plenário. Aquilo é uma encenação. Você sabe melhor que eu. Já passou por lá quantas vezes?

— Três. Na última, fui o segundo mais votado.

— E não me admira que seja o mais votado dessa vez, caso continue com essa loucura...

Eu estava bêbado. Falava mais do que devia e um pouco alto. Kaled tinha o seu jeito de deixar as verdades virem à tona. Eu conhecia a sua estratégia. Mesmo que discordasse do interlocutor, assumia um silêncio respeitoso, fazendo com que a gente desse munição para o seu próprio raciocínio. Eu não conseguia frear minha verborragia.

— Há anos que a oposição não forma bancada no Paraná. E a situação é sempre orquestrada pelo jogo do poder. Kaled: você não tem vocação pra marionete. A assembleia não é mais a mesma do seu tempo. Você já presidiu CPI, detonou meia dúzia de secretários envolvidos com desvio de dinheiro daquele banco do governo... Não se amarra mais cachorro com linguiça.

Dessa última frase o Tinhorão deu risadas. O Kaled continuava me olhando sério:

— Luiz, eu te chamei aqui só por um motivo.

O Turcão não estava disposto a continuar com delongas. Ele parou e deixou o silêncio me acalmar. As risadas do Tinhorão foram baixando.

— Qual é, Kaled?

— Vou colocar você pra apresentar o programa.

Mais um silêncio. E esse era ainda mais programado, eu conhecia bem.

Um novo páreo começou na pista. Parecia ser um dos principais da noite. Boa parte dos frequentadores levantou e foi até o balcão para ver mais de perto os cavalos e os jóqueis. Existia um favorito: Faísca era o nome do bicho. Ele realmente saiu bem na frente dos demais, o que despertou a histeria dos velhos que ocupavam o saguão.

— Vai, Faísca, vai, Faísca! — gritavam todos, na mesma voz.

Há tempos não falava com meu pai. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça. Já era tarde para ligar. Na manhã seguinte faria isso. A intimação do Kaled tinha o seu tom de impacto, mais retórico do que prático. Não lembro bem o que respondi, mas devo ter feito algo que lhe agradou. O Faísca venceu o páreo e os velhos se abraçaram. Tinhorão me levantou da mesa com os seus braços gordos e me beijou na testa. Kaled me apertou os braços em seguida e me disse algo que se perdeu no meio da algazarra..

Fiquei sozinho andando pelo gramado do Jockey até passar o porre. Disse para os dois que estava tudo bem. Não, não queria selar a noite no Lyon. O sereno estava deixando o chão molhado. A cerração fazia o ar espesso. A iluminação mostrava mais a névoa do que o gramado. Alguém desligou a metade dos refletores. Fiquei naquele lusco-fusco vendo de longe os carros irem embora. O cheiro de bosta de cavalo era agradável das baias. Eu precisava deixar meus pensamentos tomarem um

rumo, qualquer que fosse. Havia bebido demais. Não podia me esquecer de ligar para o pai no dia seguinte.

Um cavalo passou perto de mim. Tomei um susto. Reduzi os passos e tentei ver para onde ele correria. Certamente não tinha me enxergado. Voltou correndo. Sentia sua respiração ofegante, o chão sendo batido pelas suas patas enérgicas. Estava vindo em minha direção, era bem possível. A pouca iluminação não me dava certeza. Fiquei parado. Não sabia se caminhar para um lado ou para o outro me deixaria em segurança. O trote veio aumentando, cada vez mais. Podia sentir o hálito do cavalo de tão perto que estava. E ele passou ao meu lado. Minha mão ainda esbarrou na sua barriga suada. Resolvi correr para fora do gramado. Enquanto fugia, sentia o bicho trotando aleatório pela grama molhada do Jockey. Gozava de uma liberdade só possível longe do público, sem o cavaleiro lhe apertando o dorso e pressionando para cruzar a linha de chegada. Ele corria sem ritmo definido, bufava, relinchava.. Para a minha sorte, as outras luzes foram apagadas quando eu já estava na porta das baias. O trote de liberdade do animal continuou no escuro.

— Quer alguma coisa? — disse um sujeito ao me ver nervoso.

— Um copo de água. — Foi a primeira coisa que me veio à cabeça quando o vi sair de dentro de uma das cocheiras.

Ele foi até o tanque e encheu um copo de requeijão com água da torneira.

— O senhor é apostador?

Agradei a água e confirmei com a cabeça.

— Tava passeando pra esfriar a cabeça.

— Se assustou com o Tremelique?

— Como?

— O cavalo, o Tremelique, esse que tá solto.

Apontou para o escuro, para onde o trote continuava marcando sua marcha de alegria na grama. Dei uma risada um pouco nervosa. Sim, tinha me assustado com o cavalo. Na ver-

dade, quase tinha sido atropelado pelo azarão que multiplicou vinte e cinco vezes a aposta do dono da PontoComVC. Só agora tinha ligado o nome ao bicho. O rapaz acendeu uma luz da cocheira e continuou trabalhando, parecia encerrar o turno. Varreu alguns restos de palha, virou baldes de boca para baixo, recolheu cordas e equipamentos que estavam jogados pelo chão.

— Você é tratador? — perguntei.

Ele disse que sim com um gesto. O trote do cavalo no escuro continuava.

— Hoje foi a última corrida do bicho.

Ele pegou em cima de uma bancada uma seringa que havia sido recém-usada.

— A gente teve que sacrificar o Tremelique.

Jogou no lixo a seringa. Coçou a cabeça.

— O veterinário descobriu que ele tava com uma doença incurável. A injeção é importada. Eutanásia, né? Mata sem dor. Daqui a pouco ele deve tombar. Melhor assim.

O trote continuou mais alguns segundos, até que o escuro ficou no silêncio.

Era para ser apenas mais um crime. Mas uma imagem pescada dentre tantas me chamou a atenção. Eu havia assistido ao material bruto da reportagem na ilha de edição logo cedo. Nossa equipe havia sido a primeira a chegar. Era forte a cena das padiolas saindo de dentro da casa com os corpos do pai, da mãe e do irmão mais velho. A família era de gente trabalhadora. Parece que as vítimas cuidavam de uma panificadora.

— Peraí, volta ali — disse para o editor de imagens.

— Onde?

— Ali, naquele cara com a criança no colo.

— Ah, ele é só o policial militar que pegou a criança e levou pra ambulância. O quente é a imagem das padiolas mesmo...

— Peraí, Miúdo. Sério. Coloca de volta nesse cara segurando a criança. Congela a imagem na tela.

Eu e ele paramos imediatamente nossa correria típica de uma ilha de edição. Chamamos mais algumas pessoas e a reação foi a mesma. A cena parada tinha mais força do que ela em movimento. Apostei. Pedi para separar a imagem que eu usaria para comentar durante o programa:

— Três adultos mortos em uma mesma família! Eu tenho certeza que a polícia vai chegar aos autores desse crime hediondo. Como a grande maioria dos atentados contra a vida na nossa Grande Curitiba, certamente essa história tem relação com as drogas.

— Diretor, agora coloca na tela a imagem do policial militar com a criança no colo.

Entrou na tela a imagem do PM protegido do frio por uma touca de lã. Seu rosto era pesado, com sulcos profundos na altura do nariz até o fim do queixo. O olhar estava triste. Ele se sentou no banco da ambulância e foi filmado pelo cinegrafista

através do vidro. A opacidade deixava a cena ainda mais pesada, melancólica. No braço, o brasão da corporação e uma bandeira do Paraná, com o símbolo da araucária no meio. Na pressa de tirar a criança do meio dos corpos da chacina, ele envolveu o garoto de sete anos em um cobertor de lã com algumas manchas de sangue. Não dava para ver o rosto do garoto. Mas no áudio percebia-se um choro baixinho, quase um murmúrio de soninho recém-acordado. O policial fazia silvos suaves com a boca, quase uma melodia de ninar, enquanto balançava suavemente a criança, tornando seu corpo a proteção possível naquele cenário de crueldade.

Segurei o comentário em cima da imagem do policial uns quatro minutos. O Japonês falou no ponto:

— Luiz, você é foda. Passamos pra dezesseis pontos. Bombou. Segura o que der no assunto. Se quiser, coloca o policial ao vivo. Ele tá na linha.

Eu só pensava na audiência. E naquele rosto pesado do policial estourado na tela do *Comando do Povo*. Poderia ter convidado o cara para vir ao vivo no programa. Mas a voz por telefone funcionava bem nesses casos. Melhor do que um herói em carne e osso, é um herói imaginado. Eu estava jogando com sentimentos básicos. Era um mês de inverno e a névoa ao redor da imagem do policial e do garoto unia as casas curitibanas sob as mesmas baixas temperaturas. Eu era um mediador entre as dores da chacina e o desejo da nossa grande massa de telespectadores de se emocionar. Estava teorizando o que o Kaled fazia há anos por intuição. Eu também sabia colocar na prática o que ele aprendeu nos microfones das rádios populares.

— Eu quero pedir para a minha produção entrar em contato com o policial militar que resgatou a criança de dentro da casa onde estavam os corpos.

— Ele já tá na linha, Luiz. Mete bronca.

Levei a mão em direção do ouvido e fingi um diálogo com alguém da produção. No ar, funcionava muito bem.

— Como é? Ainda não localizaram o sujeito? Só falta me dizer que o alto comando da Polícia Militar não quer que a gente mostre esse exemplo para toda a corporação...

Mostrar-se perseguido pelo poder era de bom tom.

— Daqui a pouco eu quero colocar no ar o PM que tirou a criança do meio da chacina. Coloca de volta a foto na tela.

A foto estourada voltava para o plasma ao meu lado. O Japonês então mandou subir a trilha.

— Enquanto a gente espera o contato com o policial, eu quero dar um recado da PontoComVC. Atenção você que tem um aposentado ou pensionista em casa. Agora é possível abrir um empréstimo em nome do seu ente querido. Basta ligar para os nossos atendentes. O dinheiro, você já sabe, em vinte minutos está na sua mão.

O Tinhorão estava no estúdio ainda enxugando as lágrimas. Ele realmente se emocionava com as histórias do *Comando do Povo*. Era tão ingênuo a ponto de ser difícil acreditar que ganhava uma baita grana como agiota. O que ele tinha de ingenuidade tinha também de faro para novos filões. O seu último insight (a palavra era minha, não dele) fora facilitar os empréstimos para os dependentes dos aposentados. Eu achei arriscado, afinal, muita gente poderia se aproveitar dos idosos da família para fazer empréstimos em nome deles e simplesmente ficar com o dinheiro. Fui voto vencido.

— Tem mancha que a gente manda tirar com uma boa lavagem, Luiz — garantiu o Tinhorão.

Kaled pensava igual. Foi um dos seus últimos pitacos na linha comercial do programa antes de sair para a campanha política.

— Se isso der rolo, a gente já vai estar no poder. Aí a coisa muda de figura — disse o Turcão.

Aproveitei o fim de semana para viajar até Paranaguá. Ainda dava para pegar o último final de semana do Festival de Inverno da cidade. Não ia para lá desde as reportagens que fiz sobre a história da santa.

Estacionei em frente ao Teatro Municipal. Por todos os lados estudantes iam e vinham em direção ao palco principal, ao teatro, ou para as apresentações de câmara em uma velha igreja. Uma garota veio até mim:

— Oi. Eu sou a Julia. Você não vai lembrar de mim.

Ela era realmente bonita. Tinha o sorriso de míope. Não foi difícil me lembrar dela sentada na primeira fila em um encontro sobre telejornalismo na PUC. Fora convidado pelo centro acadêmico para discutir os caminhos possíveis entre Jornalismo e Literatura. Na época eu andava interessado em qualidade de texto, requintes literários e outras coisas que me soavam como parte de um passado bem distante para a minha atual realidade de apresentador do *Comando do Povo*.

— Claro que eu me lembro de você da palestra lá na faculdade. — Puxei pela memória sua figura sentada responsavelmente na primeira fila, tomando notas das falas em um bloco pequeno apoiado em um livro de Conceição Evaristo.

— Você continuou aquele romance?

— Na verdade, deixei um pouco de lado.

O romance que falei na palestra era sobre aquela velha história que comecei na viagem para Aparecida do Norte. Falei sobre isso na palestra com empolgação, talvez até querendo mostrar uma ligação com a literatura mais forte do que eu, de fato, tinha naquele momento. Nunca cheguei a avançar naquela ideia boba de adolescente de escrever o diário de Robinson Crusóé no Brasil. Era só um sonho adolescente de produzir um romance, nada que valesse a pena. E, ironicamente, o bloco

com aquelas ideias juvenis estava no porta-luvas do carro desde que o resgatei dentre os guardados do meu pai.

— Depois daquela palestra, eu fui ler *Robinson Crusóé*.

— E gostou? — perguntei enquanto a convidava para caminhar até o trapiche.

— Sim, gostei. Mas por que não continuou a escrever a história? Você parecia tão empolgado na época.

— De fato eu tava, mas...

Ela tropeçou em uma pedra solta no calçadão. Ofereci apoio, mas ela negou a minha ajuda e continuou andando com alguma dificuldade pelos paralelepípedos soltos. Reduzi o ritmo da caminhada.

— Quer andar pela rua? É mais plano.

— Não, eu tô bem.

Parecia se divertir escolhendo as pedras mais firmes para caminhar. Um jogo de amarelinha reinventado. Estávamos chegando perto do galpão abandonado de frente para a baía. Talvez tivesse sido um depósito de grãos. Não tinha teto, o chão já havia sido tomado pelo mato. Mas as paredes eram firmes.

— O que será que funcionava aí, Luiz?

— Acho que era um armazém.

— E ainda dá pra entrar?

A garota foi até a porta que estava fechada por tábuas de madeira. Havia uma fresta que não permitia sequer a entrada do seu corpo magrinho. Ela forçou com as mãos, sem sucesso. Toquei seu braço e disse que eu poderia fazer aquilo por ela:

— Por quê? Acha que eu não posso fazer isso sozinha?

Achei graça naquela irritação repentina. Tinha certeza de que ela não conseguiria. Esperei um pouco e voltei a ajudá-la, sem falar nada. Um tronco de araucária estava jogado pelo meio. Ela caminhou na frente e pulou por cima da árvore. Sentamos no parapeito de uma das janelas de frente para o mar.

— Lindo aqui, não? — ela disse.

Não muito longe, alguns navios passavam em direção ao porto.

— Eu ainda não acredito que você não terminou de escrever aquele romance. É muito intrigante saber que um sujeito

como Robinson Crusóé passou um tempo no Brasil antes de ficar isolado em uma ilha deserta. Por que você não retoma o livro?

Era desconfortável ouvir alguém acreditando em uma história que eu havia deixado afundar. E não se tratava de falta de habilidade literária, mas sim de vida. Eu deixei de ser quem eu era, aquele que sustentava a reescritura do Crusóé.

Um navio apitou ao longe. Ficamos olhando para o infinito. Na verdade, ela ficou. Eu me perdia olhando seu rosto. Seu cabelo descia liso até a metade das costas. Estava um pouco frio e ela vestia um grosso moletom de corrida por baixo de uma jaqueta antiga. Estava com uma calça justa e confortável. E um par de All Star com estampas de grafiteagem.

Ela, sem que eu esperasse, pegou minha mão, colocou entre as suas e me aconchegou. Nossos olhares se cruzavam, por vezes desviávamos para um navio, um pássaro que rasgava o escuro, o mato balançando com o vento, as ondas fracas da baía que insistiam em lamber o mangue.

Pensamentos iam varrendo minha mente a cada minuto mais adormecida. Tudo o que eu queria era ficar dentro da Julia, das suas mãos me protegendo, cuidando do silêncio que há tempos eu não ouvia. Eu estava entregue à ingenuidade de uma estudante.

— Quanto tempo um homem consegue ficar em uma ilha sem mandar notícias? — ela perguntou.

Não sei se era para responder, talvez não. Lançou a pergunta ao mar, como quem joga uma garrafa e fica olhando ela vencer a correnteza até sumir na linha do infinito. Levantamos e fizemos o caminho de volta de mãos dadas, sem falar nada.

Nossa despedida foi na Praça do Coreto. Ela falou algo sobre uma serenata no dia seguinte. Fiquei acompanhando com o olhar seus passos rumo à multidão de estudantes na rua das barracas de comida. Aos poucos, a imagem de seu corpo de pele amendoada ia desaparecendo, imersa em uma massa de sonhos e gritos de festival.

Acordei tarde. Passei a manhã correndo os olhos nas notícias pelo celular, sem conseguir me fixar em nada. Sozinho na beira da piscina do hotel, não havia para quem mentir. Eu estava há anos contando histórias que nada diziam para mim. Passei a ser um personagem que caiu dentro do próprio romance mal-escrito.

O hotel que eu estava era o mais caro da cidade e não tinha como atrair os estudantes e professores do festival. Parecia que eu era o único hóspede. Escutava ao longe os batucques de uma oficina de percussão. Mais perto, um grupo de teatro fazia um espetáculo de rua. E eu querendo apressar o dia para que chegasse logo a seresta em que encontraria novamente a garota.

Desci até a garagem e peguei no porta-luvas do carro o bloco que havia trazido da casa do meu pai. Subi até o terraço e me acomodei em uma cadeira. Eu precisava entender em que ponto havia deixado de contar aquela história da minha adolescência. Pedi uma dose de caipirinha. Tinha que fazer algo para passar o tempo até a noite. Estava ansioso. E quando mais ansiedade pintava, mais bebia. Lia, anotava algumas ideias, sem, no entanto, conseguir recuperar a alma da história. Em pouco mais de duas horas, eu estava bêbado. E completamente imerso nas dúvidas de Crusoé.

— Ô garoto! Tem computador pra hóspede aqui?

O servente do hotel estava varrendo o piso do terraço. Ele disse que tinha só um portátil do gerente que estava de folga. Dei uns trocados para o funcionário e pedi que me emprestasse o laptop. Ele ficou meio contrariado, mas não teve como dizer não depois que me reconheceu da TV.

— O senhor é lá do *Comando do Povo*, né?

Digitei no Google: “Imagem de Nossa Senhora Aparecida encontrada em”. Nunca antes havia pensado em checar essa informação. O resultado confirmou minha suspeita. Eu estava bêbado, mas tinha um caminho lógico para resgatar o fio perdido da história. Não era mais um adolescente buscando reescrever as lacunas deixadas por Crusoé, poesia demais para a vida que havia escolhido. Reencontraria a ponta do novelo pelos fatos. “Santa encontrada em”. Mais uma: “pescadores encontram santa”. Outra: “imagem descoberta no rio”. E outra: “Santa foi achada na rede em”. Encontrei histórias reais sobre cidades que foram crescendo ao redor desses supostos encontros místicos. Imagens de santas sempre aparecendo nas águas, todas em um mesmo período. As mesmas histórias, a mesma comoção. Pescadores que são surpreendidos com imagens de santas voltam para suas vilas que são então tomadas por uma fé católica ainda maior. As imagens são recebidas com festa. Constroem praças, altares, igrejas... Pequenas imagens de barro que redesenharam a geografia de várias regiões do Brasil e foram decisivas para a formação de cidades como Aparecida do Norte, Florianópolis, Belém do Pará e Paranaguá, justamente onde eu estava.

Abri uma planilha no Excel e coloquei em uma coluna as datas de encontro das santas. Da mais antiga para a mais recente, uma diferença era de não mais do que trinta anos. Poderia ter sido obra de um homem só esse despejo de imagens pelas águas brasileiras. Fazia sentido. Procurei no meu bloco algumas anotações sobre as datas em que o Robinson Crusoé esteve no Brasil.

— Traz mais uma caipira aqui pra mim — falei para o garçom.

Eu estava muito bêbado. Mas não queria perder o estado de espírito que tinha tomado conta de mim. Sóbrio eu não estaria perdendo tempo investigando possibilidades de algo que simplesmente não existiu. Digitava os dados e fazia meu raciocínio correr em uma velocidade que nem mesmo no *Comando*

do Povo eu arriscava. Estava completamente tomado pela ideia de que as santas jogadas nas águas brasileiras eram obra de um homem só, um homem que nunca existiu, mas que certamente era a figura mais presente em minha vida. Tomei um longo gole de caipirinha e quando achei as datas em que o aventureiro inglês estava no Brasil, segundo o romance, tive vontade de gritar na sacada.

Eu havia achado a minha verdade. Robinson Crusóé era o responsável pelas santas encontradas no mar e nos rios do Brasil nos séculos dezessete e dezoito. Não tinha a menor dúvida disso.

O sol já estava se pondo. Levantei-me da mesa dono de uma euforia nova, um desejo de criar, de expandir, de amar, de reescrever o que havia deixado para trás. Estava bêbado. Tropecei em uma cadeira e caí com o rosto no chão. Sangrou, tive dificuldade para levantar. O garoto veio me socorrer e levou-me abraçado até meu quarto. Perguntou se eu precisava de um médico, disse que não, enquanto entrava no banho com roupa e tudo. Ele me deixou só. Faltava pouco mais de uma hora para eu encontrar com Julia. Um coral cantava em uma igreja ao lado. Achei tudo muito bonito e poderia até ter rezado para as santas do Crusóé.

Esperei a garota sentado ao pé do coreto. Em pouco tempo ela veio entre uma dezena de estudantes. Saía comprida e larga, um tanto da cintura à mostra, camiseta justa com uma imagem Yorubá. Algo em sua energia fazia com que o grupo girasse ao seu redor. Mais do que continuar a história que eu havia abandonado, eu queria viver uma.

— Bom te ver — ela falou.

A gente se abraçou. Fui apresentado aos seus amigos. Eles estavam voltando da última aula do curso. Todos suados, ainda com o pique dos exercícios de teatro físico-energético aplicados pelo professor que havia estudado com uns russos. Cada nova figura que a menina me fazia conhecer deixava em mim um pouco dos seus cheiros. Enquanto caminhávamos

pelas ruas coloniais de Paranaguá, uma garota que estava de mãos dadas com a namorada enrolou um baseado. Dei algumas bolas junto com a garota, que sorria sem motivos do meu jeito estranho de segurar o cigarrinho. Caminhávamos pela rua, eu e mais vinte jovens entre seus quinze e vinte anos. Um ruivo tinha nas mãos uma garrafa de cataia.

— Toma. É uísque caiçara.

O aroma era bem agradável. Bebi alguns goles.

— Olha, a serenata já vai sair — disse Julia.

Andamos pelas ruas repletas de casarões antigos, ruínas, samambaias que brotavam por entre as paredes destruídas. Tudo passava rápido pela minha mente, enquanto meu corpo deixava-se levar pela massa de alegria rumo à serenata ao lado do Mercado Municipal. Estava tão ébrio de sensibilidade, maconha e cataia, que certamente já teria caído em alguma das ruelas lisas pelas quais passamos correndo. Julia me guiava, minha segurança era apenas sua mão delicada. Eu, fora de comando, navegante sem velas.

— Você tá completamente bêbado — disse ela quando chegamos perto do grupo de músicos.

Ela parecia se divertir com o meu corpo grande e desajeitado dependendo da condução da sua mão. Os velhos já dedilhavam os violões. Uma senhora deu o tom e todos passaram a afinar a voz. Eles estavam vestidos como artistas antigos, homens com ternos transpassados e cravo na lapela; mulheres com luvas de renda e chapéus.

— Mais do que bêbado. Chapado...

Alguém colocou de volta o baseado na minha mão. Um estudante tirou uma foto, só de farra. Devolvi o baseado e puxei Julia para perto de mim. Estava feliz e eu queria ter a imagem daquele momento. Tirei o celular do bolso e pedi para alguém clicar.

— Essa é a primeira foto do resto de nossas vidas...

Os velhos começaram a caminhar pela cidade e o público foi atrás.

— Vamos? A serenata tá saindo.

Eu iria com ela para qualquer lugar. Bebi mais um longo gole de cataia. A primeira música foi “Como é grande o meu amor por você”. Agradei por estar ali, sentindo a mão macia de Julia, cuidando para não deslizar no pavimento ensaboadado pelo sereno. Minhas seguranças haviam ficado serra acima. A serenata nos conduzia pelas ruas de Paranaguá e eu cada vez mais apaixonado por algo que não cabia naquela noite.

O grupo de seresta seguiu até a Fonte da Ribeira. Aos poucos todos foram dispersando, parando em bares pelo caminho. Aplaudimos e nos sentamos em um banco, de frente para as torneiras do monumento. Fazia um pouco de frio e usei isso para oferecer meu corpo para ela. As músicas da noite ainda ecoavam na minha cabeça. Estava ébrio e queria continuar assim até quando fosse possível.

— Suba e escreva sua história.

Beijei a sua boca. Ela não desviou, tampouco respondeu. Apenas murmurou em um tom mais baixo, deixando seu hálito entrar dentro das minhas narinas.

— Escreva...

Traguei seu espírito, mais íntimo do que um caloroso e molhado beijo apaixonado.

Bati na porta do hotel. O porteiro sonolento veio abrir. Tropecei no capacho e me escorei em seu ombro. Ele me ofereceu ajuda para me levar até o quarto, mas eu disse que não precisava. Andei com dificuldade, bati contra uma mesa de sinuca. Lancei meu corpo escada acima, quase engatinhando em direção ao quarto. Por sorte a porta não estava fechada com a chave. Acendi a luz e procurei meu bloco de anotações.

Parte da história havia sido escrita no computador emprestado à tarde e estava salva no meu pen drive. Já era tarde para pedir de volta o laptop. Ia retomar do ponto no qual havia parado, lembrava-me ainda de alguns detalhes. Também pouco importava. Eu tinha o hálito da garota dentro do meu corpo, o barulho silencioso da fonte em meus ouvidos, o descontrole

das ruas lisas de Paranaguá, o efeito da cataia dando fim a qualquer possibilidade de comando.

Eu precisava escrever. Queria chegar à viagem de Crusóé. Lançar minha jangada aos desafios imaginados de um mar desconhecido. Eu já havia vencido a rebentação, as primeiras ondas que costumam afugentar os viajantes amadores.

Peguei uma Bic que estava dentro de uma bíblia na mesa de cabeceira. Corri para a página em branco como quem se joga em uma onda para fugir do impacto do seu auge. Sentei na cadeira desconfortável e olhei para o bloco. Havia nele todo um passado de tentativas, de um Crusóé mal-explicado, de sua rápida e pouco escrita passagem pelo Brasil. Há quantos anos eu tentava reescrever o que até mesmo o Daniel Defoe desprezou? Estava eu requentando o refugio de décadas passadas? Apenas a página em branco me sugava. Era a correnteza me levando para cada vez mais longe.

Escrevi até não saber mais se estava navegando no papel ou sonhando com a história. Dormi atravessado por cima da colcha.

Acordei com o sol queimando meu rosto. O tecido da roupa de cama era áspero e lembrava areia me incomodando. Tinha a cabeça girando, ressaca, um pouco de enjoo, meu corpo estava inteiro marcado e cansado pela viagem da noite. Braços doloridos, abdômen latejante, pernas que não respondiam ao comando de colocar os pés no chão para levantar. Virei para cima, fiquei olhando o teto, a lâmpada que ficara acesa, mas era inútil diante de tanta claridade que o sol despejava dentro do quarto. Um vento passava assoviando pela fresta do vidro, algumas gaivotas grasnavam ao redor. Apurei os ouvidos e percebi o barulho do mar da baía que ficava a poucas quadras. Tinha a sensação de ondas me tocando. Ergui um pouco a cabeça e senti a coluna doendo. Pude ver o bloco em cima da mesa, as folhas iam e vinham como um leque jogado pela vontade do vento. A caneta estava no chão. Um sapato caído ao lado. O outro ainda no meu pé direito. Um gosto salgado na boca. A cataia regurgitava no estômago. De algum modo, havia

vencido meu mar no escuro do descontrole, escrito páginas e páginas sem comando. O naufrago fora lançado pelas últimas ondas para a beira de uma ilha desconhecida. O diário poderia reconstituir a viagem.

O sol estava forte, mas ainda não a pino. Devia ser perto do meio-dia. Não encontrei ninguém pelo caminho. Andei pelas mesmas ruas da serenata da noite anterior. Ainda estava lento pela bebida e pelo cansaço da escrita.

Imaginei que ela deveria estar no trapiche. Encontrei Julia sentada em uma esteira de palha. Reduzi a velocidade dos meus passos nos quinhentos metros entre o calçadão e a beirada do mar onde ela estava tomando sol. Estava com um maiô branco que contrastava lindamente com sua pele escura e um chapéu de algodão cru. Óculos de sol de lentes desproporcionais em relação ao seu rosto delicado. Ela me viu chegando e acenou suave com uma das mãos.

— Senta.

Ela se virou para o mar, fiz o mesmo. Sua pele tinha a temperatura do dia. Meu corpo trazia as dores da escrita. Era bom sentir o calor dela, a brisa, o cheiro de maresia arejando minha ressaca. Ficamos em silêncio. Ela me olhou, toquei seu rosto, olhei seu chapéu, seus óculos desajeitados e charmosos. O sorriso tinha compreensão, como se soubesse o tanto que eu havia navegado desde que nos vimos pela última horas antes. Poderia ficar a vida vendo seu rosto ganhar a maturidade que preencheria cada cantinho do seu frescor de menina. E assim nos beijamos profundamente até sermos interrompidos por passos apressados no trapiche. Era o mensageiro do hotel. Tinha nas mãos um telefone sem fio.

— Seu Luiz, seu Luiz! — estava sem fôlego. — Telefone para o senhor. É lá da televisão. Disseram que é urgente.

Foi como uma trovoada rompendo o céu, o anúncio de uma grande tormenta.

— Aham. Entendo. Eu já tô voltando. Até daqui a pouco.

Eu ainda não sabia, mas os naufrágios também acontecem acima da serra.

O NAUFRÁGIO

— A Polícia Federal já estava na cola faz tempo. A gente até sabia, mas não falava dentro da redação para não tumultuar. Muita gente teve mais dinheiro descontado em folha do que deveria; empréstimos foram feitos por parentes mal-intencionados no nome dos aposentados... Tem velhinho que vai ficar quase dois anos sem receber nada do benefício. A grana nem caía mais na conta, era transferida diretamente para a PontoComVC.

O Japonês tentava me acalmar, mas ele mesmo tremia a mão a ponto de derrubar umas gotas do Yakult na camiseta. Era domingo, a redação estava mais vazia. Conversávamos em um canto, atrás de uma câmera que fora deixada em cima no tripé.

— E o Tinhorão? Falou com ele?

— Falei. Ele tá viajando. Não quis nem dizer onde. Tá com medo, claro... Acha que o telefone tá grampeado, cortou o papo rápido.

— E o *Comando do Povo*? Como fica nessa?

O Japonês tomou o último gole e jogou o potinho no lixo onde estava uma pilha de pautas velhas.

— Falei com o Boss hoje cedo. Ele mandou suspender os anúncios da PontoComVC da programação. E vamos noticiar o assunto da investigação com toda a imparcialidade.

— Espera aí. Não tô entendendo, Japa. A gente vai tirar o espaço que os caras compraram e ainda falar que eles estão sendo investigados pela Polícia Federal? Que tipo de decisão é essa? — falei com um tom de voz acima da nossa conversa. Algumas pessoas pararam de trabalhar para ouvir nosso papo.

— Escute aqui! — retomou ele, ainda mais baixo do que antes. — O que você pensa que acontece aqui dentro da emissora? Acha que estamos a serviço de quem?

Eu me levantei e esbarrei no tripé e por pouco não derrubei a câmera no chão.

— Japa, sério. Eu sei bem o que fiz para chegar onde estamos — falei para todos ouvirem.

Ele me pegou pelo braço e caminhou comigo para fora da redação, até o estúdio do *Comando do Povo*. No domingo o espaço ficava vazio, apenas com as luzes de serviço acesas e com alguns objetos de cena de outros programas da emissora. Sentamos em duas banquetas de madeira.

— Luiz, é ordem e acabou. Não é minha, é do Boss. E veio de cima, além dele, dos bispos.

— Ah, tá. Agora os bispos têm credibilidade pra decidir quem é bandido e quem não é — provoquei.

— Você sabe bem quem manda aqui, não é? A empresa é dos evangélicos, a última palavra é da cúpula da igreja deles. Qual a novidade? Com a audiência que o *Comando do Povo* tem hoje, amanhã mesmo já tem outros dez anunciantes querendo ocupar o mesmo espaço. Você acredita que até minha vó caiu no golpe?

— E o Kaled? Falou com ele sobre isso?

— Falei. A gente se encontrou no Pudim ontem à noite. Foi no boteco para distribuir santinhos pra campanha. Ele vai ser eleito. Um pesquisa colocaram o Turcão como o mais votado.

— O que ele acha dessa história da PontoComVC?

— Ele não quer nem saber disso... Disse que agora a pica é sua.

Compreensível, pensei. Ele jamais ia meter a mão na merda em plena campanha.

Andei pelo cenário, olhei as câmeras posicionadas, microfones, refletores. Tudo construído para fazer um espetáculo de notícias, uma revista que girava em torno de anúncios entre conteúdos pautados pelo interesse da audiência. Uma planilha em tempo real com o número de televisores ligados em nosso programa guiava toda a nossa vida. Perguntei para mim mesmo

qual o sentido de ter abraçado lutas que não deveriam ser minhas. Lembrei do meu bloco com a história reescrita de Crusoé. Qual era o meu drama ao certo?

— Tudo bem. Mas como é que a gente fica nessa história toda? Até ontem a PontoComVC era nossa cliente. E amanhã vamos denunciar eles?

— Sim. Jornalismo de verdade, só isso.

— E como é que eu fico nisso?

Eu sabia que essa não era uma questão a ser levada para a emissora. Aliás, tampouco era problema do Japonês. Eu era pago pela TV para falar notícias e anunciar os produtos e serviços, só isso. Se a emissora decidia que alguém não ia mais veicular suas propagandas no *Comando do Povo*, bastava obedecer. Mas todos sabiam que eu havia construído uma identidade com a PontoComVC. Minhas ideias passadas para o Tinhorão fizeram crescer o volume de vendas e com isso a empresa anunciava ainda mais no programa. Eu ganhava minhas comissões, meu salário da TV e tinha meus arregos por fora com o dono da factoring.

— Será que toda a imprensa vai cair de pau na PontoComVC?

— Provável — disse o Japonês. — A gente ainda não sabe o tamanho do estrago. Por isso acho bom tratar o caso de forma jornalística. O *Comando do Povo* é maior do que isso. Temos anos de trabalho a serviço do estado. Nossa audiência vai saber separar o joio do trigo.

Em qual parte eu me encaixaria: joio ou trigo?

— E pra amanhã? Temos algo forte pro programa?

— Pintaram umas imagens de uns turistas dançando pelados e mostrando a bunda pra uma câmera de segurança. Tenho que ver melhor, mas parece que o assunto é bom...

— Bombástico — disse, com ironia.

— Luiz, presta atenção! — o Japonês falou andando pelo cenário que, com as luzes apagadas, perdia o brilho. — Isso

aqui é o *Comando do Povo*. Entende? O comando do “povo”. É o povo que comanda o que fazemos.

— Concordo, Japa, concordo — falei, sem a intenção de vencer.

Para mim, o nome do programa era justamente o contrário do que ele pensava. Acreditava que estávamos comandando o povo.

No dia seguinte, o programa exibiu a reportagem sobre o assunto. A matéria estava bem amarrada, ouvia a Polícia Federal e o delegado que comandou a investigação. Ele sustentava a denúncia com algumas dezenas de depoimentos de aposentados que pediram empréstimos e tiveram descontadas em folha quantias até dez vezes maiores. A repórter então partia para o INSS, perguntando como isso poderia ter acontecido.

A suspeita, segundo o tom da matéria, era que a PontoComVC estava duplicando as guias que autorizavam o desconto. A matéria terminava com o depoimento de alguns aposentados dizendo que estavam sem dinheiro para pagar as contas, que não sabiam o que fazer para comprar remédios. Eu assisti à reportagem antes de o programa começar e procurei ensaiar o tom correto para voltar no estúdio. Um comentário que fosse isento, que me colocasse em uma situação mais digna. Simplesmente ignorar uma reportagem como aquela que mexia com milhares de aposentados era assinar um atestado de culpa. Por outro lado, descer o sarrafo como eu faria em qualquer outro assunto que atentasse contra o nosso público era também me colocar no pelourinho do *Comando do Povo* para um autoflagelo. Dois extremos que poderiam me deixar muito mal no ar. Olhei para o Japonês sem saber o que fazer. O Japonês comeu um pedaço de chocolate Kit Kat e me ofereceu a metade.

— Luiz, sério: hoje eu vou escrever o seu comentário.

— Como é?

— Sim, vou escrever. Jornalismo sério, imparcial, com credibilidade.

Eu nunca havia lido uma nota escrita pelo Japonês. Ele era bom para comandar o programa, decidir assuntos, aparar arestas com os anunciantes e entender aquela maquininha louca do lbope. Mas como confiar no seu texto?

— Você tá envolvido até o pescoço com essa história. Qualquer coisa que você escreva, fale, improvise, opine, vai te deixar ainda mais chafurdado na merda.

— Chafurdado?

— Não sei se existe essa palavra, mas fique tranquilo que eu não vou escrever isso.

— Espera aí. A gente vai abrir um editorial sobre o caso?

— É o melhor caminho. Como eu te disse, anunciantes vêm e vão. O público fica. Ou não, se a gente não respeitar esse povo.

Talvez eu conhecesse pouco o Japonês.

— Vai pra maquiagem. Eu vou sentar no computador pra escrever esse lance.

Durante os últimos meses algumas pessoas até me perguntavam na rua se eu era sócio da empresa. Cheguei a andar com um cartão de visitas da factoring no bolso para distribuir a quem me perguntava sobre os empréstimos consignados superfacilitados. Tinha ainda a exposição na mídia que eu tinha conseguido com os comerciais. Uma votação no Facebook promovida por um grupinho de nerds me elegeu como figurinha mais assídua nos intervalos do que o garoto-propaganda de uma loja de varejo nacional.

O editorial do Japonês estava bem escrito. Falava em conceitos fundamentais do bom jornalismo, apuração correta, imparcialidade, defesa dos interesses da sociedade. Dizia que vantagem econômica alguma jamais pautou o conteúdo do *Comando do Povo*. A emissora ainda deixava claro que estava tirando do ar todos os anúncios da PontoComVC. Terminei de falar o texto com o suor escorrendo pelas costas e marcando minha camisa sob o paletó.

— Luiz, beleza. Antes de ir pro intervalo, fala que daqui a pouco a gente vai mostrar o lance dos gringos com a bunda de fora — disse o Japonês.

A concorrência estava bombando no lbope com a história da PontoComVC. E a cobertura deles começava a pegar o jeitão popular. Desde que o *Comando do Povo* começou a incomodar de verdade na briga pela audiência, eles passaram a colocar gente de verdade na tela, a abrir o microfone sem cortes para que o povo chorasse suas dores. Claro que tudo alinhavado pela suavidade da Marcela. Enquanto eu fazia a linha “bom filho”, ela era a opção “dona de casa tal qual todas querem ser”. Sua imagem convencia e conquistava. Durante os intervalos comerciais, eu ficava de olho em uma televisão ligada no programa dela e, a cada dia, impressionava-me mais com o seu talento para falar com o povão. Ela conduzia com classe e elegância. Realmente foi uma bela decisão tê-la deixado sem roteiro nem bancada. Marcela ainda precisava colocar mais a mão no pesado, tratar a notícia sem medo de quebrar a unha. Mas estava no caminho. Até me deu saudades dela...Foi o que eu pensei enquanto me preparava para entrar no ar e segurar o tempo que fosse possível a história da bunda do alemão.

— Coloca no ar agora as novas imagens do gringo sem vergonha.

O Japonês então mandava estourar na tela as imagens de um cara enorme baixando as calças e fazendo bundalê para a câmera de segurança em frente ao Madalosso, um dos principais restaurantes italianos do bairro. Era noite, mas o equipamento instalado na rua pelos comerciantes, devido à onda de violência, gravava com qualidade. O sujeito tinha tomado uns vinhos a mais e achou que a colônia era praia de nudismo. No rodapé da tela, a frase de impacto:

— Alemão sem vergonha mostra o traseiro para câmera.

Matadora a frase. Até um completo desinteressado pelo mundo pararia para assistir ao *Comando do Povo*. Durante o primeiro bloco ficamos martelando em cima da imagem feita

pela câmera principal, que mostrava até uma marca de vacina na nádega esquerda do polacão. Para o segundo bloco, guardamos algumas novidades. Era estratégia. Se o assunto segurasse o lbope, voltaríamos no caso; se não, tínhamos o nosso bestiário cotidiano de denúncias de postos de saúde lotados, valetas com esgoto vazando, crianças sem creche e outros problemas.

— E, como se não bastasse, meu amigo que me acompanha diariamente aqui no *Comando do Povo*, o alemão ainda passeou com as calças arriadas por toda a colônia. Sim, com o bumbum de fora! Acredite se quiser... As outras câmeras do circuito de segurança instalado pelos comerciantes da Avenida Manoel Ribas flagraram tudo. Daqui a pouquinho eu mostro para você.

No break comercial a gente media o estrago que a concorrência estava fazendo na gente com as reportagens sobre a PontoComVC. O Japonês apostou todas as fichas.

— Luiz, o público tá migrando. Tem muita gente indecisa pulando de cá pra lá, de lá pra cá. Desce a ripa na bunda do alemão no segundo bloco.

O Japonês às vezes parecia atrevido. Falou alto no meu ponto, com um ar de confiança que funcionava bem para toda a equipe. Fazia seu papel de quem coloca tudo em uma decisão de ímpeto. Ele tinha razão, mas não se tratava de coragem. Era só lógica humana, a mais baixa e perversa. A concorrência falava de dinheiro. E nós, de sexo e perversão. Desde que o mundo é mundo, o prazer carnal fala mais alto do que as cifras. Jogávamos baixo. O Japonês tinha optado certo, por isso era o melhor diretor de programas populares do estado. E eu tentando apagar minha história com o circo da notícia.

— Luiz, prepara. Cinco segundos pra entrar no ar. Vamos aproveitar que a concorrência ainda tá no intervalo. Mandei derrubar um comercial. Vai!

O cinegrafista do estúdio fez um zoom lento até o meu rosto. Esperei em silêncio aqueles dois segundos do movimento das lentes:

— Você que tá chegando agora aqui no *Comando do Povo* precisa ver essa imagem. Coloca no ar o traseiro do alemão que perdeu a vergonha em plena rua, no bairro de Santa Felicidade, em frente aos principais restaurantes turísticos de Curitiba.

A imagem entrou com uma música engraçadinha, um dedilhado de piano enquanto o movimento de quadril do branquelão era colocado em uma velocidade mais rápida.

— E agora você vai ver mais detalhes dessa verdadeira loucura que o alemão aprontou na colônia... Nós temos imagens de outras câmeras de segurança que mostram ele dançando pela rua, completamente pelado!

E lá se foram mais vinte minutos de imagens do alemão. Pedimos para a reportagem gravar entrevistas com os comerciantes, moradores e transeuntes. Entrevistamos até o padre da igreja por onde o peladão passou na frente. Muitos depoimentos indignados, alguns achavam graça na irreverência do turista. No fim das contas, perdemos de leve da concorrência. Em um dia infernal como aquele, era quase uma vitória.

Meu irmão varria as folhas do chão. O pai estava sentado em uma banquetta na cozinha e observava a gente limpando o quintal. As folhas de laranjeira deixavam no ar um cheiro que me remetia à infância, quando ele usava a mesma árvore para servir de trave e treinar pênaltis comigo e com o Fernando. Eram cinco chutes para cada um. A bola sempre estava sebosa. Achava que passar gordura no couro dos gomos fazia com que ela durasse mais. Era um ritual clássico antes dos nossos bate-pênaltis. Lambuzar a bola de capotão com um naco de carne que a gente ganhava do açougue. Depois, o pai a colocava entre as pernas para encher. Cuspia na válvula de entrada de ar e introduzia a agulha da bomba para inflar a câmara. A saliva entrava na borracha e outro tanto escorria nos gomos lustrosos. Os primeiros pênaltis deixavam nas mãos uma gosma da baba e do sebo. Já quando os tiros do pai batiam na laranjeira, era o cheiro da florada que marcava o quintal e o nosso desespero de jogar o corpo na grama para segurar o rebote.

— O lance da PontoComVC quebrou muita gente, não é?

— Ô — confirmei, não querendo continuar no assunto.

— Você parecia contrariado ontem quando deu a notícia da investigação da Polícia Federal...

O Fernando me conhecia.

— Aquilo lá não era texto seu... E você tava meio contrariado com a história — insistiu Fernando, enquanto terminava de juntar os restos de folhas.

— O pai viu? — só então me dei conta de que o pai não estava mais na banquetta da cozinha. Devia ter ido para a sala de TV.

— Sim, viu. Sabe que ele foi uma das vítimas? Precisou de dinheiro pro tratamento. Cobraram vinte parcelas a mais.

Eu levantei meio puto. Como o Fernando podia não ter me falado nada sobre isso antes?

— E você não me pediu a grana do pai por quê?

— Ih, você sabe como ele é... Não me falou nada. Quando eu vi, tava chegando carnê da PontoComVC pelos correios.

Peguei uma pá e ajudei o Fernando a colocar as folhas em um saco de lixo. Caminhamos até a frente da casa e deixamos os restos na lixeira.

— Olha, Luiz... O pai nem se importou tanto assim com o golpe. Ele só ficou meio preocupado por você estar envolvido com esses caras, mas...

— Envolvido? É meu trabalho, Fernando.

Meu irmão percebeu o chute mais forte que havia dado.

— Pra falar a verdade, Luiz, ele ficou incomodado também com a história da bunda do gringo... precisava ficar tanto tempo mostrando aquilo?

Pela primeira vez o Fernando sorria desde que nos vimos naquele dia. Sentamos no murinho ao lado do jardim que o pai cuidava. Já estava caindo a noite e o sereno marcava os beijinhos plantados no final de semana. Eles seguiam uma simetria de cores e tamanhos, tal como os remédios enfileirados nas prateleiras.

— Esse negócio de segurar a audiência é muito louco, Fernando... É pior que fazer empurroterapia.

Tentei um paralelo com a realidade do balcão. Empurroterapia era uma expressão que o pai usava, falando pelas entrelinhas que deveríamos oferecer remédios que resolvessem o problema do sujeito e que dessem mais lucro, não necessariamente nessa ordem. Fernando não respondeu. Ficamos os dois olhando a calçada de caquinhos que o pai construiu. Na época, eu era uma criança de uns seis ou sete anos e ganhei um martelinho para quebrar os azulejos que um vizinho trazia mais barato, vendidos como refugio de uma fábrica. O Fernando, já adolescente, mexia a cal e o cimento para levar até o pai, que de cócoras ia montando as cores ao redor da casa. Eram centenas de azulejos

dos mais diversos padrões. Sem quebrá-los, não havia a menor possibilidade de montar um todo coeso. O preço valia a pena, era quase de graça. Na verdade, um favor para a fábrica que não tinha mais o que fazer com as sobras. Algumas peças eram realmente bonitas e eu sentia pena por ter que meter o martelo e desmanchar suas figuras. Já outros azulejos ficavam muito mais interessantes quando reduzidos em retalhos. Depois de picados em pedaços de dez ou doze centímetros quadrados, ia amontoando tudo em uma caixa e deixava ao lado do pai, que seguia uma lógica só sua para dispor as cores pelo chão. Com a pá de pedreiro ele ia acertando as distâncias entre os azulejos quebrados sobre a argamassa que o Fernando espalhava a seu comando. Levamos uns cinco finais de semana para terminar toda a calçada. O trabalho parecia nunca ter fim. Minha infância dali pra frente passou a ter as cores daquela calçada.

— Vocês ficaram uns vinte minutos com a história da bunda do gringo? — Fernando insistia no assunto enquanto arrastava a borracha do tênis em um azulejo branco para limpar uma sujeira.

— Por aí...

Na verdade, foi quase o programa inteiro.

— Fernando, o povo se interessa por essas coisas...

— Mas tem tanta coisa importante pra falar, Luiz.

— A gente fala... também.

Lá dentro da casa o pai devia estar assistindo a um jogo de futebol na TV a cabo. Ele ergueu um pouco o som. O barulho da torcida e do narrador chegava até a gente. Os caquinhos no chão distraíam nossa conversa. Fixava meus olhos nos pedaços espalhados de um azulejo de estrela que eu mesmo havia quebrado para o pai colocar na calçada. Era uma peça bonita. Fui deixando por último na esperança de que não precisasse ser usada. O pai percebeu que eu estava querendo guardá-la e me pediu justamente ela. Quebrei com um golpe só, bem no coração da estrela, com raiva e firmeza. Raiva de algo que não entendia bem o porquê, considerando que era só um azulejo velho. Já a batida firme

era pra mostrar que eu também sabia ser forte. Fernando parecia acompanhar meu olhar pelos azulejos.

— O pai achou estranho vocês ficarem tanto tempo na história do alemão. Ele se lembrou da morte do Maneco no assalto na loja. Vocês não quiseram fazer a reportagem sobre o medo que ele tinha de ser assaltado, não é?

O Fernando até que foi gentil no golpe. Não deu o chute com tanta força como fez quando eu defendi seu tiro na quadra de futebol de salão. Assimilei a pancada com o olhar fixo nos caquinhos. Fiz isso até me dar conta de que o golpe não vinha do meu irmão. A frase tinha a tônica do pai. Ele, lá de dentro, em silêncio, me atingiu pesado onde eu não tinha condições de defender. O velho também sabia quebrar azulejos.

— Essas câmeras de hoje em dia são foda, Luiz. Gravam até no escuro, você sabe — atestou o Japonês.

— Muita gente já viu?

— Aqui na redação quase todo mundo viu antes de você chegar.

— E aí?

— Sem moralismos, né? Você é homem, saudável, boa pinta e com grana. Tem mais é que se divertir. Até o Boss tirou uma onda da sua cara.

— Menos mal... — respirei não aliviado. — Mas como é que a foto chegou à redação?

— E-mail anônimo. Mandamos o pessoal da informática rastrear. Deu em uma lan house. Pode ter sido qualquer infeliz.

Nós dois sabíamos o que significava aquilo. Era um anúncio, efeito terrorista. Uma bomba de aviso. Em pouco tempo a foto estaria circulando nas redes sociais, virando meme nos aplicativos de mensagens, rodando junto com fake news, plantando polêmicas em notinhas maldosas nos blogs.

— Luiz, relaxa! — O Japonês tentava conduzir a história com uma tranquilidade recém-adquirida. — Vai lá pro camarim, dá uma descansada, porque ainda temos tempo antes de entrar no ar. Daqui pra frente quero você pensando só no *Comando do Povo*. Já leu o roteiro de hoje?

— Já, já...

Fui para o camarim. Passei antes no banheiro para lavar o rosto. Senti uma dor de barriga e corri para a privada. Fiquei sentado despejando meus sentimentos dentro do cubículo de dry wall. O medo fede. Tirei o celular do bolso e abri o Twitter. Logo a foto ia cair na rede e o efeito seria bombástico. Não tinha hora pior para uma imagem minha com uma prostituta novinha no colo em pleno Café Lyon ser jogada na internet?

A garota não era de menor, acho. Mas a foto era traiçoeira. Dava a entender justamente o contrário. O sujeito famoso da TV (na época apenas um repórter) agarrando uma jovem no meio de um monte de marmanjo em uma boate pra lá de suspeita. A foto mostrava bem seu rosto de adolescente e o meu já transtornado pela bebida. A dor de barriga só aumentava. Sexo e dinheiro, dobradinha perfeita para detonar uma imagem. Era um ótimo golpe contra o apresentador de um programa que havia conquistado o que outro jamais havia sonhado: a liderança do horário. Quantos interesses poderiam estar por trás daquela foto? A tia da limpeza bateu na porta do banheiro e perguntou se tinha alguém, era hora de ela fazer a limpeza do local.

— Tô aqui, tia.

— Tá tudo bem, Luiz?

— Não. Não tá. Mas deixa...

Falei tentando aparentar uma tranquilidade.

— O pai viu a foto?

— Comentaram com ele. Não chegou a ver, mas sabe da história.

Já era quase hora de fechar a farmácia. O movimento na Manoel Ribas ainda estava grande. Famílias voltando para casa com as crianças no banco de trás, pão quentinho da panificadora, sacolas de mercado. Fernando estava recolhendo as placas de promoção na frente do comércio. O pai fechava o caixa, contando o dinheiro do dia, como fazia há anos no mesmo horário. Deixava as notas em maços iguais, com as carinhas das cédulas para cima, enroladas em elásticos para depositar no dia seguinte.

— E aí?

— O pai ficou meio surpreso. O pior é o comentário aqui na colônia.

— O que a italianada tem falado?

Fernando parou de puxar as placas e chegou mais perto.

— Falaram até de pedofilia.

— Como assim?

— Luiz, a garota tinha cara de criança.

A imagem ganhou vida própria. Foi uma das páginas mais visitadas do mês no principal blog de política do estado. Entrou por diversas vezes no Trend Topics do Twitter. Tinha até uma hashtag #apresentadortaradao. Eu não tinha mais controle sobre minha própria imagem. Por isso, ser taxado de pedófilo pelos descendentes diretos da tradição romana cristã até que não era tão fora de contexto.

— E o exame do pai, o que é que deu?

— Ele não quis mostrar — disse o Fernando, recolhendo mais algumas placas de promoção. — Sabe como ele é, não sabe?

— O que você tá achando?

— Que não é coisa boa.

Olhei lá para dentro. O pai estava baixando as portas e desligando as luzes. A capanga embaixo do braço era o sinal de que estava tudo certo para encerrar o dia. Fernando guardou as placas e ajudou o pai a chavear as fechaduras. A gente se despediu em silêncio. O pai caminhou até o carro. Fernando morava perto da farmácia e foi a pé, nem quis carona. Eu fiquei sozinho vendo os dois partirem, com vontade de ir até a casa do pai e explicar o que tinha acontecido, mas desisti. Talvez minhas dores não fossem maiores do que as dele. Minha vida estava uma merda.

- Você ganhava dinheiro por fora da PontoComVC?
 - Era sócio da empresa?
 - Ou você era o mentor intelectual?
 - O Tinhorão te pagou quanto?
 - Era você quem escrevia os comerciais?
 - A estratégia de marketing da PontoComVC foi responsabilidade sua?
 - Você sabia da falsificação das guias dos aposentados?
 - O que tem a dizer da denúncia do Ministério Público?
 - Você costuma frequentar o Café Lyon com o Tinhorão?
 - E o Kaled? Tem participação no esquema da PontoComVC?
 - A emissora em que você trabalha cancelou todos os contratos com a PontoComVC e disse que repudia toda e qualquer prática lesiva à economia popular. O que você pensa disso?
 - Você vai continuar apresentando o *Comando do Povo*? Há rumores de que você será afastado do programa.
 - Você vai falar o que no depoimento? Qual a sua estratégia de defesa?
 - A polícia falou em formação de quadrilha. O que tem a dizer sobre isso?
 - São mais de dez mil pensionistas que caíram no golpe?
- Eu respondia às perguntas com calma. Era pelo menos uma dezena de microfones de rádios, TVs e outros repórteres com bloquinhos e canetas nas mãos. O Tinhorão conseguiu um arrego com o pessoal da Secretaria de Segurança e negociou para entrar com o carro do advogado por trás da delegacia. Eu achei que não teria grandes problemas em enfrentar uma metralhada de perguntas na entrada do meu depoimento. A Delegacia de Crimes contra o Consumidor ficava perto das ruínas de São Francisco. Deixei o carro no Largo da Ordem e

fui andando. Liguei antes para um cinegrafista de outra emissora e dei a letra. Sabia que as câmeras apontariam para mim e calculei que seria uma boa imagem a minha caminhada pelo setor histórico da cidade, confiante e com um sorriso calmo. A estratégia estava funcionando. Eu vesti uma roupa simples: camisa xadrez discreta e calça jeans. Queria passar a impressão de um trabalhador a serviço do povo, que não se furta de dar explicações sobre um problema no qual foi envolvido sem a mínima culpa. Meus passos lentos deram o tom das perguntas dos colegas. Falava respostas seguras e com bons pontos para os editores pegarem o trecho mais apropriado para a minha defesa.

Eu sempre estive do outro lado do balcão da notícia. Era mais experiente do que qualquer um dos que me questionavam. Sabia qual era o menu preferido de cada emissora de TV, de cada rádio, das mais populares até aquela que tocava notícias o dia inteiro. Eram meus colegas, alguns até amigos. E, para cada novo microfone, eu balizava a densidade da resposta de acordo com o perfil do público que atingiria. Minhas palavras deixavam pouco espaço para réplicas. Eu era um profissional das perguntas que sabia qual vacina aplicar em cada resposta.

— Sim, a PontoComVC me contratou como um profissional para divulgar seus serviços na mídia. Tudo feito com base em regras claras e dentro da lei.

— Tive uma relação estritamente profissional com o senhor Antônio Ramos Albuquerque, proprietário da empresa em questão.

— Estou à inteira disposição das autoridades do estado para ajudar nas investigações. Tenho muitos anos a serviço do povo do Paraná, sempre defendendo os interesses da sociedade. É meu desejo que todas essas denúncias sejam apuradas com o máximo rigor.

— O *Comando do Povo* é um programa independente, de grande credibilidade. Se for necessário, outro profissional de nossa emissora poderá assumir temporariamente o meu lugar, até

para que todas as investigações sejam conduzidas com tranquilidade. Eu respeito qualquer decisão da emissora nesse sentido. Sou apenas um trabalhador a serviço do meu público.

Cada resposta minha silenciava um pouco da gana que alguns colegas tinham de me ver sendo escrachado, como costumávamos fazer com os bandidos da periferia. Mas eu não era presa fácil. Conhecia os botes de cada um dos entrevistadores, sabia dos seus tempos, das suas respiradas, até onde iam a coragem e o medo de cada um. E enfrentei tudo de igual para igual. Quase no fim da coletiva, já perto do horário marcado pelo delegado para o meu depoimento, dei-me por satisfeito. O dia estava bonito, as respostas saíram de acordo com o que eu esperava e o olhar dos colegas jornalistas revelava um certo ar apaziguador. Não havia brechas no meu discurso. Pouco a pouco eles se convenceriam de que o Tinhorão era o grande bandido da história, ainda mais quando correu o boato de que ele entrara pela porta dos fundos da delegacia. Um fotógrafo conseguiu a imagem dele descendo do carro e passou o registro para os demais. Uma boa história não permite dois bandidos. Ao me distanciar do dono da PontoComVC e conversar com a imprensa, eu assumira o lugar de bom moço, que me caía tão bem. Já o fugitivo, que precisou armar sua entrada pelos fundos da delegacia, ocupou o espaço de mau na lógica maniqueísta da imprensa. Quando entrei no prédio da delegacia, ouvi uma repórter de rádio entrando ao vivo com um texto que confirmava minha tese:

— Nós conversamos agora com o apresentador do *Comando do Povo*, que mostrou tranquilidade frente às denúncias que apontam a PontoComVC como responsável por um golpe que pode ter lesado milhares de pessoas. O comunicador disse que vai ajudar nas investigações. Já o dono da empresa, o empresário Antônio Ramos Albuquerque, vulgo “Tinhorão”, fugiu dos repórteres e armou um esquema para entrar pelos fundos da delegacia...

Entrei na sala de espera confiante. Tinhorão chegou suado, sentou na minha frente com dois advogados de escolta. Eu havia decidido chegar sem alguém para me defender, apenas me orientei com um bom criminalista em segredo na noite anterior. Não tinha sentido aparecer na polícia escoltado por um desses almofadinhas do Direito que usam ternos cinco vezes mais caros do que a média do salário do brasileiro.

Eu e o Tinhorão nos cumprimentamos de longe. O delegado o chamou primeiro. O depoimento durou uns quarenta minutos. Tinhorão saiu ainda mais suado do que quando entrou. A imprensa agora sabia que eles passariam por trás da delegacia e eu imaginava o quanto a cara detonada do Tinhorão faria bem às primeiras páginas dos jornais no dia seguinte. Já os advogados certamente calculavam os honorários que cobriam a mais por conta da repercussão negativa do caso. A meu modo, dentro de mares turbulentos, eu seguia no comando do barco.

O delegado era um rapaz novo que queria mostrar serviço. As perguntas foram incisivas, porém deixando claro que a condução do inquérito ia contra o Tinhorão. Nada mais lógico. Era mais fácil acusar quem tinha vocação para bandido.

Saí da sala de cabeça erguida. Em pouco tempo poderia retomar minha vida e a rotina do *Comando do Povo*.

— Seu pai foi uma das vítimas? Confirma?

A pergunta veio de um repórter novo. Ele estava com um microfone na mão e uma câmera portátil na outra, uma tentativa de videorrepórter. Sua pergunta saiu trêmula, na frente dos demais colegas satisfeitos com a imagem do Tinhorão encharcado de suor. A ingenuidade do rapaz me irritou profundamente. Apressei o passo para não responder. Segui para o calçadão do centro histórico. O foca me seguiu. Eu caminhei ainda mais rápido. Ele tentava me alcançar com sua pergunta repetitiva, crente de que era o único dono daquela informação. Eu conhecia o orgulho besta no seu rosto. Os outros só se interessaram por retomar a entrevista comigo devido à insistência do garoto.

— Seu pai foi uma das vítimas?

Eu não sei bem como começou a confusão. Devo ter tropeçado em uma pedra solta de paralelepípedo. Ou escorregado. No desequilíbrio, me apoiei na câmera dele. O repórter achou que eu estava querendo colocar a mão na lente para impedir que me filmasse. Tentou defender o equipamento, empurrou meu braço. Eu revidei. Nós dois trombamos e, em questão de segundos, estávamos trocando socos no meio do centro histórico.

Tudo foi filmado e fotografado pelas outras equipes. Uma tempestade repentina durante os ventos até então a meu favor. As capas dos principais jornais do dia seguinte estavam prontas. Eu com o rosto completamente transtornado enfiando a mão na cara de um jovem jornalista. Para piorar ainda mais minha situação, ele tinha uma imagem simpática.

O Japonês deixou de lado o Activia que estava tomando e me levou até a sala da direção. O Boss não estava.

— Luiz, senta aí. Sério.

— Fala, Japa!

A situação não estava boa. Os jornais ficaram dias me detonando. O repórter fez exame de corpo de delito. O Sindicato dos Jornalistas se pronunciou publicamente e condenou a minha atitude. Nem pensei em me defender. Qualquer resposta apenas jogaria mais combustível no incêndio. O jogo havia sido invertido. Ninguém falava mais no Tinhorão suarento e nos milhares de golpes que tinha aplicado. Agora era só o apresentador do *Comando do Povo* que agredira um colega quando saía da delegacia.

— Luiz, chegou pra gente mais uma foto sua.

Ele me mostrou a imagem no seu iPhone. Eu fumando um baseado em Paranaguá.

— É recente? — perguntou.

Não importava se de ontem ou da década passada: a foto era o que era. Mais uma peça para o drama: tinha sexo com uma jovem com cara de menor no meu colo; violência, com o apresentador arrebetando a fuça do jovem repórter; e, finalmente, drogas. Sim, eu já sabia todo o caminho que aquela foto faria a qualquer momento: redes sociais, comentários em blogs, programas da concorrência...

— Luiz, você tá fora do *Comando do Povo*.

— Vou voltar pra reportagem?

O Japonês coçou a cabeça e me olhou com alguma piedade.

— Fica em casa, Luiz. Descansa até a gente ver o que faz...

Pela primeira vez em muito tempo estava em casa no horário do programa, assistindo como um telespectador. Liguei a TV e pensei ter colocado no canal errado. A câmera acompanhou em movimento uma bela mulher de costas, saindo de um apartamento classe média, com flores na janela e quadriminhos de gosto padrão. No carro, antes de dar a partida, ela se olhou no espelho e retocou a maquiagem. Uma música simpaticinha introduzia a nova apresentadora do *Comando do Povo*. Em tom de entrevista casual, Marcela sentada numa cadeira no meio da redação, enquanto os demais jornalistas cenicamente trabalhavam atrás. Ela dizia:

— A informação é um direito de todos. E quando uma mulher quer estar bem informada, faz isso não por si, mas por todos que ama. O novo *Comando do Povo* vai trabalhar a favor da família paranaense. A gente quer levar para a nossa grande audiência notícias ainda mais bem apuradas, os melhores especialistas, opiniões fundamentadas, tudo o que aconteceu nas últimas horas e que pode fazer diferença na sua vida.

Impressionante. A Marcela no programa que até a última semana era meu. A negociação havia sido rápida. Agora uma sequência de imagens de reportagens sobre saúde, meio ambiente, utilidade pública. Nada de denunciismo, delegacia e sangue.

— O comando é seu. A gente vai estar no seu bairro, fazendo jornalismo na sua rua, em frente à sua casa. Aqui na redação nós trabalhamos vinte e quatro horas por dia para apresentar o melhor conteúdo. Mas só existe uma pessoa que sabe melhor o que deve chegar à sua televisão: você, o nosso telespectador.

E nesse ponto entrou um belo clipe com imagens de gente feliz, trabalhando, mães com crianças no colo, um pedreiro erguendo uma parede de tijolos, uma cozinheira preparando sopa, uma professora na escola ajudando seu aluno a fazer lição... Um leque de cenas cotidianas filmadas com uma qualidade que lembrava as melhores campanhas políticas. Como o

Japonês tinha conseguido produzir tudo aquilo em apenas um fim de semana? Ou já era plano da TV me tirar do ar antes do que eu pudesse imaginar?

As notícias de fato seguiam a linha que o editorial do programa pregou. Marcela estava se revelando uma baita comunicadora popular. Improvisava chamadas, guardava comentários críticos para o final das reportagens, fechava o semblante quando algo desagradava. Ela caminhava pelo cenário com suavidade e firmeza.

— Deixa eu te dar um recado do nosso patrocinador... — disse Marcela com um sorriso ainda mais simpático... — A gente sabe que a vida moderna não permite uma alimentação adequada. Por isso eu quero te apresentar um composto alimentar que vai fornecer vitaminas e sais minerais, além de ajudar no combate à gordura localizada...

É, garota... Nem tudo são flores.

Ao menos eu estava recebendo o salário da emissora. Não era a mesma coisa do que estar no ar, com direito a participações nos anúncios, mas dava para encarar o período como férias. Na volta, não sabia ao certo quando isso poderia acontecer, ia sobrar algum programa para eu apresentar. TV é assim mesmo, lidamos com a memória curta do povo. Sabia do meu valor e a emissora precisava de mim, mesmo que no momento não fosse interessante para o negócio me manter no ar.

Fui até a geladeira pegar uma cerveja e vi que não tinha nem margarina em casa. Desci para comprar algumas coisas na panificadora. Voltei com os pacotes na mão. Na portaria do prédio, encontrei o office boy da TV com um envelope. Ele me entregou, mal perguntou como eu estava, subiu na moto e arancou. Deixei para ler no apartamento. Abri a porta e me dei conta de que a TV ainda estava ligada. Marcela agora entrevistava um advogado sobre um caso de direito do consumidor. Fechei a porta com o pé, deixei as sacolas em cima da mesa e peguei uma garrafinha de cerveja. Dei uns goles enquanto abria a correspondência.

— Filhos de uma grande puta!

Joguei a garrafa contra a tela que estampava o rosto da Marcela em superclose. A cerveja escorreu pela parede até o chão enquanto os cacos de vidro da tela caíram no tapete. O cheiro de queimado se misturou ao azedo da bebida.

Ficaria horas mastigando o gosto daquela carta de demissão. Anos de trabalho encerrado em duas linhas impressas em papel timbrado.

Sentei no chão ao lado do telefone, como se esperasse alguém me chamar para não sei o quê. Em algum momento, ele tocou. Recebi uma notícia com o maior silêncio que eu já ouvira.

Corri até a farmácia. Estava sem celular, sem carteira, sem dinheiro. Saí com a roupa do corpo, de chinelo. Chorei no caminho, me perdi dentro de Santa Felicidade, nas ruas que me viram crescer e que estavam agora tomadas por uma invasão imobiliária de condomínios fechados. Depois de rodar quadras sem rumo, voltei para a Manoel Ribas e estacionei o carro em frente ao Restaurante Durigan. Era a vaga mais próxima. As portas da farmácia estavam abaixadas. Eu nunca havia visto elas cerradas de dia. Um aviso pendurado com fita crepe escrito à mão pelo meu irmão avisava sobre um falecimento na família.

Sentei na soleira da porta e apoiei as costas no metal. Ela estava empoeirada e com certeza marcaria minha roupa com a fuligem da rua que o pai tanto cuidava para não sujar o interior, varrendo e espanando várias vezes por dia. Olhei para a avenida. Do outro lado da rua, a vaga onde estacionávamos o fusca quando ele ficava monitorando os clientes que entravam, fazendo suas contas, tentando concluir seu raciocínio, provando para si mesmo que valeria a pena investir na compra do negócio.

A vida do meu pai se encerrou atrás do balcão. E eu tentando dar um jeito no meu naufrágio além dele. Além de quem?

Corri para o hospital. Eu queria algo diferente, pai. Simplesmente perdi o comando. Não era a rota que eu planejava.

Pensava em frases e desculpas enquanto subia as escadas do hospital. Poderia ter tomado um elevador. Preferi o esforço, queria colocar pra fora, ofegante, uma dor que não tinha nome. Subia os degraus de dois em dois, maltratando os tendões, puxando mais ar do que o pulmão poderia aguentar. No caminho encontrei enfermeiros, médicos, pacientes segurando seus tubos de soro e remédios. O corpo do meu pai devia estar em cima de uma cama em um quarto que eu logo entraria. O silêncio agora era eterno. Relembrava os momentos em que ele ainda falava, antes da cirurgia que lhe tirou as cordas vocais. Revirava meus arquivos para recuperar o tom da sua fala, o seu assovio que tantas vezes me advertiu estar indo longe demais, pulando ondas além da rebentação, correndo perigos que não eram para mim.

Desde a sua cirurgia, quando eu e Fernando o mantivemos sedado por mais tempo do que o aconselhado pelos médicos, vinha me enganando, fugindo do seu silêncio. Eu mentia para mim, afirmando que sua voz ainda era presente. O Fernando aprendeu a conviver com o silêncio atrás do balcão, via o pai todos os dias e qualquer mentira criada seria inútil para ele.

Cheguei finalmente ao quarto onde estava o seu corpo. Fiquei olhando através do vidro. O Fernando estava lá dentro, junto com as filhas e a mulher. Eles se consolavam. As meninas passavam a mão pelo rosto do avô. Não pareciam assustadas, mas sim compreensivas. Talvez a proximidade do Fernando com o avanço da doença e a mudez após a retirada das cordas vocais tenham lhes apresentado a morte de uma maneira mais suave. Apoiei minha testa no vidro que ficou esfumado pelo meu bafo de choro. Aos poucos a despedida da família do Fernando foi ficando imersa em uma névoa. Meus olhos se fechavam e abriam lentamente, senti meu corpo esmorecer e perdi os sentidos.

Acordei com o som da minha própria voz falando palavras incompreensíveis. Minhas lágrimas escorriam pelo rosto e caíam nos lábios. Fernando estava em pé desabotoando o

pijama do pai. Alguém me colocou ao lado da cama hospitalar deitado em um sofá de visita. Devo ter sonhado com o livro, com o Crusoé, com a história que desde a viagem para Aparecida do Norte me acompanhava.

— Você tava falando sozinho — disse Fernando.

Senti alguma vergonha por dar trabalho para os médicos em um hospital público com dores mais sérias do que a minha. Fernando me pediu ajuda para levantar o tórax do pai e tirar a parte de cima de seu pijama. Ele poderia ter feito isso sozinho, mas algum pudor daqueles que só dedicamos aos mortos lhe fez tomar um cuidado ainda maior com o corpo que tínhamos em mãos.

— Ele perdeu muito peso nos últimos meses...

Puxamos a calça lentamente. Ele não usava cueca por baixo. Dobrei o pijama do hospital e guardei em uma gaveta próxima. Fiz a atividade com a maior lentidão possível, fingindo um esmero. Estava de costas para a nudez do meu pai. O Fernando parecia não se incomodar e tirou de uma sacola de papelão algumas peças de roupas.

— Acha que gostaria de ser enterrado com uma gravata azul?

Não sabia sequer se ele faria questão de usar uma gravata.

— O pai sabia que tava pra morrer?

Peguei os sapatos e afrouxei os cadarços. Deixei o paletó no apoio de uma cadeira e tirei algumas penugens da ombreira. Ele havia usado o terno na minha formatura. Talvez fosse o único do seu guarda-roupa. Lembro-me de tê-lo visto em alguns casamentos e batizados com a mesma roupa. Fernando tirou a calça da sacola e esticou em outra cadeira. Pegamos o cinto, a camisa, as meias. Fomos colocando as peças ao redor do corpo nu do pai.

— Não sei se ele sabia...

Começamos a vesti-lo pelas pernas. O Fernando colocou uma meia na perna esquerda, enquanto eu fazia o mesmo na direita. Em seguida, suspendemos o quadril para passar a cintura

da calça. Foi um pouco mais confortável ficar no quarto com o corpo do pai vestido em parte.

Desde a cirurgia, meus diálogos com o pai haviam sido curtos. Poucas expressões e, vez ou outra, bilhetes davam conta de uma comunicação em fuga. Fernando tentava fazer o nó da gravata em volta do pescoço do pai.

— Luiz, você usava gravata na TV, não é? Faz isso aqui pra mim...

Difícil dar um nó de gravata no pescoço de outro. É como fazer em si mesmo olhando apenas no espelho, tendo que calcular o exato inverso de cada movimento. Olhei de frente para o rosto do pai, seus olhos fechados, seu rosto, que apesar de velho, guardava poucas rugas. Seus cabelos finos com algumas mechas brancas. Seus lábios pequenos, nariz suave, um semblante triste que não era apenas pela sua morte recente. O pai carregava há quantos anos aquela conformidade? Precisei de umas três tentativas até acertar o tamanho do nó de forma a deixar a ponta da gravata tocando a altura da cintura. Depois perceberia que era um zelo sem sentido, seu corpo seria coberto até o meio da barriga com flores. Deixei o nó mais grosso, de forma que tampasse o buraco feito pela traqueostomia que lhe retirou as cordas vocais. Mais uma vez eu queria esconder a sua mudez.

Terminamos nosso trabalho com os olhos encharcados. Deixamos que nossos corpos se abraçassem, como se fosse um protocolo rápido. Fernando pousou sua mão pesada no meu ombro e disse “agora é só com a gente”. Seu gesto era superior à minha falta de habilidade com o silêncio. Algumas horas depois, enterraríamos nosso pai. Nos dias seguintes, Fernando e eu nos ocuparíamos de esvaziar a casa onde crescemos, mandar as roupas para doação, vender os móveis velhos a preço baixo nas lojas da Rua Riachuelo.

E, sem que meu irmão percebesse, eu viria a encontrar as caixas no quarto de ferramentas do pai, que iam me resgatar do meu naufrágio.

Meses se passaram. Eu havia sido incluído como investigado no processo movido pelo Ministério Público contra a Ponto-ComVC. Os promotores entenderam que mais do que um garoto-propaganda, eu tomava parte nos negócios e tinha poder de decisão sobre o marketing da empresa.

As fotos que circulavam pelas redes sociais continuavam ajudando a naufragar minha imagem de moço de família. Algumas novas apareceram e boa parte era montagem, coisa simples feita no Photoshop. Elas me colocavam em novas orgias, transando com garotas que beiravam a puberdade. Uma até insinuava sexo com animais. Meu advogado me aconselhou a relevar essa enxurrada de verdades e mentiras. Qualquer novo pronunciamento sobre o assunto poderia dar mais caldo para os jornais popularescos e programas da concorrência que estavam adorando fazer a caveira de quem já fora líder de audiência no Paraná.

Marcela passara a ser minha versão feminina e melhorada. Ela se consolidava no horário como primeiro lugar na audiência. Fazia sentido: vinha com toda a sua bagagem do grande canal de televisão. Era a plástica bem-acertada do seu rostinho delicado aliado ao rastro de classe C que eu ajudei a desenhar no *Comando do Povo*. O próprio Kaled não faria melhor.

Aliás, o Turcão não atendia às minhas ligações. Há dias eu tinha deixado recados na secretária eletrônica pedindo uma grana emprestada. Já tinha penhorado meu carro, e o apartamento estava com algumas prestações atrasadas. Os advogados me consumiam até os últimos trocados. Um assessor disse que o deputado estava envolvido com a presidência de uma CPI e que não tinha tempo para me atender. Grande filho de uma puta esse Turcão. Não queria o abraço do afogado. Sua carreira na política estava melhor do que nunca e ele apare-

cia tanto no noticiário de todas as emissoras que nem fazia questão de voltar para apresentar o programa. Até mantinha um quadro diário na rádio só pra marcar presença. Diante de toda a mediocridade dos demais cinquenta e três deputados da Assembleia, ele — com todo aquele jeitão moldado pelo noticiário popularesco — nadava de braçada nos microfones das coletivas de imprensa. Os jornalistas se acotovelavam para pegar uma declaração de impacto. Elas sempre caíam como uma luva para esquentar o tom das reportagens. Sabia como ninguém traduzir os assuntos da crônica política e provocar uma indignação até no mais analfabeto cidadão:

— Com esse projeto, o governo está querendo mamar na teta da mãe dos outros — sobre uma proposta de reduzir a gratificação de servidores com mais de dez anos de carreira.

Ou ainda:

— Cachorro que tem dois donos morre de fome — a respeito de uma ideia do secretário de educação de compartilhar a manutenção de escolas entre o governo e empresas particulares.

Eu estava há meses com as caixas que resgatara da casa do pai. Deixei todas ao lado de um balcão na sala, onde havia colocado também um pequeno depositório com as cinzas do seu corpo. E, ao lado dele, minhas reescritas incompletas, meu Crusoé reinventado e que agora era tudo o que me sobrava. Sem emprego, sem dinheiro, sem mulher, sem carro, com um apartamento que corria o risco de ser penhorado em breve. Investigado pelo Ministério Público e difamado com verdades e mentiras pelas redes sociais.

O telefone tocou.

— Alô. Bem, bem, não tô, né? Sim, passei e peguei a caixa com as cinzas. Estão aqui comigo. Sim, eu ia te avisar, é que tô meio ocupado hoje. Não pintou trabalho ainda, acho que vai demorar. É que tô escrevendo algumas coisas. Nada de reportagem, é uma história que tô escrevendo há muito tempo... Bom, deixa pra lá. Você não quer que eu dê um fim nisso?

Que falta de respeito? Tô falando em dar um destino, levar pra algum lugar as cinzas do pai, só isso. A farmácia tá te tomando tempo, né? Sim, o velho faz falta. Os clientes perguntam dele? Imagino. Grana até que tenho. Sim, uma poupancinha que fiz com o tempo. Esses advogados filhos da puta tomam tudo. Falo, falo sim, se precisar, eu falo. Obrigado. Por quê? O advogado da farmácia acha isso? E você? Sim, eu sei que você tem que pensar nas filhas. Eu faria o mesmo, acho. Porra, vai se foder, Fernando. Que situação! Que merda você me pedir isso nessa hora. Eu sei, claro que eu me coloco no seu lugar. Mas que merda, se coloca no meu também. Você acha que eu tenho culpa nessa merda toda da PontoComVC? A gente é irmão, caralho, filho do mesmo pai. Acha que eu ia... Eu sei, Fernando. Concordo, não é só uma questão de ser ou não culpado. Eu sei. Seria uma merda mesmo a justiça confiscar a farmácia para quitar as dívidas com os aposentados. Seu advogado tá certo disso? Fernando, não quero te trazer problemas, cara. Manda esse documento pra mim que eu assino, na boa.

Deitei no sofá para simplesmente olhar para o teto. Meu irmão me queria fora da herança. E não podia nem tirar sua razão.

Em que ponto minha história havia começado a naufragar?

Fazer de conta que a realidade é a melhor história a ser contada esconde muitas realidades. Minha vida de jornalista foi simplesmente uma mentira que convenceu. Falar sobre fatos era esconder meus pudores para com o que poderia ir além da arrebentação. Um escritor tímido, medíocre, pequeno, de poucas tintas — era essa figura insossa que o meu microfone procurava esconder. Uma criatividade sempre limitada pelo tempo do programa de TV, pela ordem dos fatos, pelo que devia ser pontuado entre comerciais. Um escritor tolhido pela verdade. Um navegante com rotas pré-desenhadas.

Decidi voltar na minha história. Era possível reescrever em um exercício de liberdade. Reconstruir para chegar em um novo fim. Não sei se faria melhor ou pior. De garantia, apenas o novo. Tinha a solidão da ilha na qual fora jogado. Precisava

somente deixar as palavras ditando seus desejos. Buscaria um novo enredo, inspirado apenas no descontrole com ela, com a palavra. Ela morta em mim, ela — a palavra — por uma vida de indecisões, de timidez, de tato exagerado com o que deveria ser despudorado. Busquei sempre o limite das cartas de navegação que me levaram aos mesmos portos, com faróis seguros me guiando. Do seu balcão ele ditava os limites para mim. Agora não os tinha mais. Decidi retomar do ponto em que havia parado há meses no hotel em Paranaguá e dar um fim para aquela história reticente do meu bloco da adolescência. Tudo o que eu tinha era a minha história e seria a partir dela que eu ia me reescrever. Voltaria nos sentimentos de vinte anos atrás sobre Robinson Crusóé, entraria de corpo inteiro no mar de sensações provocado pela morte do meu pai e pela caixa que encontrara entre suas ferramentas. Enfrentaria como um escritor o meu naufrágio como jornalista popular. Escreveria uma nova história.

O diário

São pernas fortes, marcam o algodão cru dos vestidos destas mulheres. Observo de longe, tomo minhas notas, guardo os cobres ao alcance das mãos na algibeira que trago sempre comigo. Os braços torcem e retorcem lençóis, fronhas, camisas e calças na beira do rio. Elas cantam com alegria e trabalham com melancolia. São cinco moças e uma mais velha que ainda guarda o vigor de outrora. Todas se acocoram à beira da água, esvaziam bacias de roupas sujas. O rio lava tudo.

Quantas já foram defloradas nos mesmos lençóis?

Uma delas sorri no descuido das demais. É para mim. Retribuo com respeito, apenas. E me concentro nas notas. Ao lado delas, uma santa de barro, na beira do rio. Estava ali desde o começo. Foi trazida pelas lavadeiras. Encerrado o serviço, elas lavam as mãos, como se ainda precisassem ser lavadas. Todas se ajoelham em torno da santa e rezam. A imagem tem as costas para o rio. Faz a ponte entre as esperanças das lavadeiras e a água que tudo leva, tudo promete. No fim da primeira reza, levanto-me silenciosamente. Meu olhar insiste em ir ao encontro das pernas fortes da mulher que me lançou seu olhar. Observo sua pele negra e firme, cabelos vigorosos e boca que se move sinuosa como a curva do rio.

Foi esta mulher que me fez amar pela primeira vez. Eu sabia do risco. Resolvi enfrentá-lo. Não podia mais gastar minhas tardes simplesmente vendo a água tocar seus braços e fingindo anotações na minha caderneta. Ela já havia percebido meus olhares insistentes. Flertamos. Silenciosamente, foi se deixando ficar para trás. As demais lavadeiras seguiram o trecho, naquela cumplicidade discreta que as mulheres têm. Ficamos a sós. Eu, ela e a santa na beira do rio. Tinha algumas palavras ensaiadas dentro da minha pouca familiaridade com a língua portuguesa. Ela com as mãos molhadas ainda. Tirei

um lenço da minha casaca e as enxuguei. Guardei o calor de suas gotas novamente. Tenho até hoje aquele toque junto à pele. Ela era submissa às minhas palavras. Talvez não entendesse nada, mas se mostrava solícita.

Seu sorriso era pequeno, os seios arfavam contidos no vestido de algodão. Eu poderia tê-la, possuí-la de qualquer forma. Minha pele branca, meus ares de outros oceanos, garantiriam o prazer mais que possível na beira daquele rio. Ela se entregava não exatamente a mim, mas à minha cultura que a fazia escravizada.

Ela era minha desde o momento em que eu botei os olhos nas lavadeiras. Eu a beijei. No rosto, na testa, nas costas das mãos. Adorei sua pele. Mas não desejei nada que não fosse merecido simplesmente pelo homem que eu era, despido de tudo, do exato tamanho dela. Ela estava entregue à minha história, que poderia ser de qualquer outro estrangeiro. Não queria a submissão à minha história, mas sim o seu desejo. Agarrei o que pude de seu afeto. Cândida era seu nome.

Continuamos a nos encontrar, dia após dia, no mesmo lugar. Eu a desejava inteira. E desejava que me desejasse. Conversávamos sobre o rio, sobre as roupas, sobre o mar que eu conheci e os que desejava conhecer. Ela falava pouco. Devia me entender menos ainda. Dialogávamos baixo e usávamos as palavras para chegar mais perto um do outro.

Em poucas semanas, ela parou de se mostrar disponível tanto quanto seria para qualquer outro de pele branca. Comecei a senti-la mais sensível ao meu afeto, verdadeiramente. Seu toque era ainda mais suave. Retraía quando deslizava meus dedos do ombro até o cotovelo, sorria com o queixo apontado para o chão. Eu puxava seu tronco ao encontro do meu quando nos sentávamos ao lado da santa.

Ela era a minha face inversa, delicada, sinuosa, sutil. Namoramos dias, sempre na beira do rio, em um ritual que não era marcado, mas sim sagrado. As outras lavadeiras

entendiam e nos deixavam silenciosamente quando eu me aproximava do grupo.

Teríamos ficado namorados, amantes, marido e mulher, cúmplices, eternos. Nem sempre fazíamos amor, mas sempre nos amávamos. Algumas vezes, colocávamos nossos pés descalços dentro do rio, em outros momentos deitávamo-nos na beira de uma árvore, era possível também apenas eu contemplar suas costas enquanto ela rezava para a imagem de barro.

Perguntava sobre seus pais, família, patrões. Ela sempre se calava, embora parecesse entender. Ia embora me devendo respostas, mas deixando a promessa de um novo encontro no dia seguinte. Não queria forçá-la a nada. Era o nosso trato: nenhuma submissão, nenhuma obrigação.

Eu estava amando Cândida cada vez mais.

Nos nossos últimos encontros cheguei a me ajoelhar em frente à santa depois que Cândida foi embora. Fechava os olhos e rezava. Procurava palavras sacras em português na tentativa de reduzir o tempo entre desejo e realização. A santa se mantinha imóvel, recebia meus pedidos e continuava me olhando com a mesma piedade que abençoara nossos corpos nus até então. Eu queria Cândida. Eu a desejava. E viria para a beira do rio até o fim dos meus dias para esperar a sua vontade de me acompanhar, puxada apenas pelo toque da minha mão.

Quando se despedia de mim, ela corria por detrás das moitas. Um dia, cedi ao desejo de segui-la. Tive medo. Mas fui. Cego pelo desejo, este navegador se embrenhava pela mata, cada vez mais densa. Cândida seguia sua trilha. Afastava galhos, desviava de pedras, descia picadas, contornava troncos caídos pelo chão. O meu trabalho era maior. Além de acompanhar seu ritmo, tinha que fazer pouco barulho e me manter invisível. Seguia Cândida a uma distância segura. Estava ofegante, abafava o barulho da minha respiração.

Chegamos num descampado. Fiquei a uma distância maior, escondido atrás de um morro de terra. Cândida pulou a

porteira e correu para dentro da propriedade. Era uma confortável residência, com lampiões acesos na varanda.

Corri até Cândida. Ela ainda demorou a sentir minha presença. Quando percebeu, relutou, tentou fugir, mas minha mão forte fez com que parássemos na varanda. Sabia que uma regra fundamental nossa havia sido quebrada. Ouvimos ruídos dentro da casa, logo alguém viria. Ela mostrou medo e quis correr para dentro. Ao mesmo tempo, pedia-me com os olhos que eu fosse embora. Puxei, ela se manteve. Mais barulho, vozes. Disse no meu mau português que não poderia mais ficar sem ela. Repeti em inglês. Tenho certeza de que Cândida entendeu, mas não tinha como responder. Minha mão continuava segurando seu braço. Poderia parecer violência para quem via de fora, mas não era.

Uma porta se abriu. Ela assustada ergueu os braços. Eu puxei seu corpo para mim. Alguém xingou, ameaçou, veio pisando duro pelo assoalho de madeira da varanda. Eu recuei, trouxe o seu corpo ao encontro do meu. Ela tentou correr, mas ficou na dúvida entre servir de escudo entre mim e uma espingarda que se aproxima. Os lampiões iluminavam pouco. Nós não nos enxergávamos.

A arma foi engatilhada.

Um clarão.

Um estrondo.

Um tiro.

Naquele momento, Cândida poderia entrar em casa sob o mando do autor do disparo, viria a saber depois, que era seu dono. Mas certamente sua vida não seria mais a mesma depois daquele incidente. Ou correr comigo para uma vida sem volta.

A decisão foi tomada antes do engatilhar de um segundo tiro.

Corremos sôfregos, não foi difícil fugir. Nossas narinas estavam dilatadas, pareciam pouco para tanto ar roubado desta terra. Sentamos na beira do mesmo rio que há meses

banhava nossos corpos suados. Bebemos um tanto de água com as mãos, molhamos o rosto e recobramos a consciência na escuridão fechada pela lua minguante.

Dois minutos de fuga que mudaram nossa história. Uma navegação por uma mata conhecida que me jogou além do que os oceanos já haviam feito. Eu agora era responsável por uma vida. E ela irremediavelmente condenada a mim. Seu antigo dono não descansaria enquanto não a encontrasse. Para ela, sobriariam os castigos e a humilhação pública, mas sua vida seria preservada, caso fosse encontrada pelos capitães do mato. Já para os "ladrões de escravos", como eu certamente seria taxado, as penas não se faziam nada brandas. Ao menos era o que eu poderia imaginar do sistema de leis daquele país atrasado e selvagem.

Eu estava irremediavelmente condenando a ela. Precisávamos fugir, simplesmente entrar no barco e pedir que a rebentação fosse generosa com o nosso amor e nos jogasse mar adentro. Ela beijou meu rosto como quem pede permissão. Aliviei o toque da minha mão e a deixei levantar. Caminhou até perto da pedra onde costumava rezar junto das outras lavadeiras. Ela se ajoelhou, fechou os olhos e se entregou a uma reza fervorosa.

Caminhei um pouco pela mata, pisando com cuidado para que as folhas remexidas não atrapalhassem o silêncio de Cândida. Estiquei as costas, alonguei o corpo. Não havia percebido até então um hematoma perto de um dos cotovelos. Sangrava um pouco.

Reduzi o volume da minha respiração. Observava o ambiente no qual passara os últimos tempos. Gostei de ouvir as palavras dela sendo pronunciadas com uma fé cega, ingênua como a entrega que me fez menino tantas vezes no meio de suas pernas fortes de lavadeira. Naquele momento, não me deixei levar pela sensualidade de sua fluidez, mas sim pela sonoridade de sua prece.

— Inglês filho de uma égua!

O grito rompeu o silêncio da mata. Cândida olhou para trás e me procurou com seu desespero de quem sabia o que estava por vir. Antes que seus joelhos deixassem o solo e a colocassem em pé, um clarão mostrou o olhar de raiva do capitão do mato por trás do cão da espingarda. O gosto da pólvora chegou até minha boca na mesma velocidade que o sangue escorreu pelo meu braço. Ele veio calmo até mim enquanto recarregava para desferir o próximo tiro. No escuro, sem tempo para pensar, me arrastei o quanto pude para longe de suas botas e tirei de um embornal minha última defesa. Não imaginava usar o punhal que sempre carreguei comigo. Rasguei a batata da sua perna com um golpe desajeitado. O homem corpulento caiu em cima de mim. A espingarda disparou para o alto a esmo, deixando a claridade revelar sua dor de surpresa. O peso do corpo sobre minhas pernas me encheu de raiva para golpeá-lo com muita força e várias vezes na barriga. Ele morreu deitado no meu colo. Cândida me ajudou a tirá-lo de cima de mim. O ferimento no braço fora superficial, mas o sangue na roupa assustava. Ela colocou a mão no meu machucado e foi bom. Abraçamos um ao outro aos pés do cadáver.

Conferi o pulso do homem e julguei que realmente eu o havia matado. Cândida me puxou, eu estava ainda atônito, nunca me imaginei capaz de tirar a vida de alguém. Antes de corrermos para longe do corpo, ela foi até a pedra onde anteriormente estava rezando. Na confusão, a imagem da santa havia caído no rio. Corremos até a margem e ainda olhamos a estátua descendo a correnteza lentamente. Cândida ficou acompanhando com o olhar a correnteza levar aquele pedaço de fé e argila. Foi então a minha vez de puxá-la para a nossa fuga.

Precisávamos fugir.

Ao mesmo tempo em que a urgência nos enchia de coragem, eu sabia que partir não seria tão simples. Precisava providenciar uma mudança, vender bens, móveis, terras,

recolher pagamentos de devedores, saldar contas com credores, empacotar algumas provisões, carregar minha embarcação e partir com Cândida sem que fôssemos descobertos. Pelo menos alguns dias seriam necessários.

Fomos para minha casa.

Cândida do meu lado dormia com a roupa do corpo. Confiava seu sono aos planos que eu prometera desenhar até a manhã seguinte. Dormimos muito. Não era prudente sair. Passamos o dia falando somente o necessário. Minhas rotas de fuga eram passadas e repassadas mentalmente. Seria difícil tirá-la de casa em plena luz do dia, mas também não tinha segurança de que os jagunços não a resgatariam durante a noite. Era melhor comprar logo o que fosse possível para a nossa fuga. O mar era o destino, o único possível. Na manhã seguinte sairia cedo para buscar alimentos na venda da praça.

Fui então comprar comida. No caminho enumerei uma lista mental do que precisava. Há tempos não viajava com destino incerto. Grãos, bolachas, farinha, alguns metros de corda. Aguardente tupiniquim também me seria de muita valia.

Antes de seguir viagem, passei em um armazém e comprei todas as imagens de santas que estavam disponíveis. Não sabia ao certo qual a imagem corresponderia à devoção de Cândida, tampouco havia tempo para perguntar. Coloquei-as numa caixa e as levei comigo. Faria parte da nossa bagagem este símbolo da espiritualidade da minha amada. Levaríamos junto conosco a benção de nossa senhora para a nova terra que nos acolheria em breve.

Acordei Cândida com um beijo na testa, indicando nossas bagagens arrumadas no canto do quarto. Ela dormiu um sono de décadas, sequer percebeu que eu estava organizando tudo para nossa partida. Fiz os preparativos em um silêncio quase profético, melodia que me acompanharia por anos.

Carreguei a carroça com mantimentos, roupas, ferramentas e as santas de barro. Partimos logo cedo em direção ao porto. Levamos nossa bagagem para dentro do barco. Na

saída, Cândida pousou sua mão no meu ombro e beijou minha testa antes de se acomodar perto de mim. Já havíamos passado a rebentação e as velas recebiam todo o vento possível para nos levar rumo à nossa nova vida.

Meus mapas tinham como destino a África, onde planejava fazer a vida ao lado dela.

25 de maio de 1659. É a data da nossa partida do Brasil. Ainda me lembro do cheiro do porto, das caixas que levei em minha embarcação. Deveria falar mais sobre o Brasil. Este povo místico, sacro, profano, tudo ao mesmo tempo. Deveria escrever mais sobre Cândida. Não sei se terei forças para relembrar tudo o que ela significou para mim. Registro apenas que naufragamos cinco dias após nossa partida. Um maremoto surpreendente atacou nossa embarcação de maneira violenta. Era noite, estávamos completamente sós na imensidão do oceano. Precisarei de mais tempo para escrever sobre a sensação de ver Cândida escapando dos meus braços pelo convés arrebatado. Queria puxá-la para mim, amarrar nossos corpos no mastro do navio, garantir ao menos que não fôssemos tragados pelas altas ondas. Cândida foi sugada pelas águas, junto com quase todos os utensílios, bagagens, móveis, ferramentas, a caixa com as santas que se abriu no mar, levando a minha amada Cândida envolta por algumas nossas senhoras de barro e fé. Foi a última imagem que guardei daquela que seria a minha amada para sempre: seu corpo sendo levado pela correnteza junto de nossas senhoras de barro e fé. Logo depois, desfaleci. O resto da história se passou na ilha, em minha dor e solidão, em meu luto de décadas tentando reconstruir outra vida, pois a que eu desejava havia sido naufragada.

Liguei para Julia. Há meses não nos falávamos. Não sabia como seria recebido por ela.

— Tenho acompanhado suas notícias... — disse.

— Nada boas, não é?

— Sim — concordou. — Só me diga que nem tudo naufragou.

— Como?

— O romance. Você terminou de escrever?

— Na verdade, nesse exato momento, tô no último capítulo. E preciso de você pra voltar onde tudo começou: Paranaguá. Quer descer a serra comigo hoje?

Meu convite foi um pedido desesperado. De tudo o que eu tinha vivido nos últimos meses, a lembrança do nosso beijo era o que mais fazia sentido.

— Aceito — ela disse.

Arrumei tudo para a partida o mais rápido possível. Coloquei as caixas encontradas no quarto de ferramentas do pai acomodadas entre cobertores, para que o chacoalhar do veículo não quebrasse o seu conteúdo. Deixei entre elas a urna funerária com as cinzas do pai.

Em menos de meia hora estava na frente da casa de Julia. Ela entrou no carro, me beijou no rosto e passou a mão na minha perna, como quem compreende o momento. Estava vestindo a mesma camiseta da última vez que nos vimos. Descemos a serra.

Paramos perto do trapiche e descemos do carro. Só então nos beijamos. No abraço, os seus seios preenchiam meu vazio. Quem escreve está sempre com o peito oco. Como os telhados das casas dos colonos de Santa Felicidade, que logo abaixo do beiral mantêm o espaço para a santa protetora da família.

Eu abri o porta-malas do carro e empilhei as caixas no chão. Peguei o depositório com as cinzas do pai. Ela olhou para tudo aquilo sem entender, mas também sem pedir explicações.

— Vamos precisar de um barco — eu disse.

Ela me ajudou a carregar as caixas até um pequeno barco que estava ancorado no trapiche. Acertamos o preço com o pescador pelo aluguel. Ele ligou o motor e o cheiro de gasolina chegou até mim, junto com o barulho da engrenagem. O rapaz me ajudou a colocar as caixas no chão do barco. Quando terminamos o trabalho, vi que Julia já estava sentada na popa, pronta para pilotar. Ela notou minha surpresa e me tranquilizou.

— Sou filha de pescador.

O barqueiro soltou a corda que nos prendia à terra firme. Segurei o depositório com as cinzas do pai no colo e firmei as caixas com os pés. O barco nos levaria para além da baía de Paranaguá. Olhei para a esquerda e vi o porto, os grandes navios aportando e mandando para perto da gente uma marola que apenas deixava nossa partida mais cadenciada. O mesmo porto que fora palco da explosão do navio há alguns meses, quando comecei a escrever meu próprio naufrágio como jornalista. Um pouco mais atrás, a igreja do Rocio construída a partir de uma santa encontrada pelos pescadores nas mesmas águas que agora estávamos navegando.

— O que quer dizer esses escritos Yorubá na sua camiseta?

— Yèyé omo ejá. “Iemanjá, cujos filhos são peixes” — disse Júlia, enquanto conduzia olhando o horizonte. Presente, mas respeitosa. Eu precisava dar o destino para as cinzas do meu pai. Além disso, as caixas sob os meus pés também precisavam ser abertas. Estávamos em um barco alugado que tinha gasolina para mais uma hora de passeio.

Quando chegamos em nosso destino em alto-mar, Julia parou o barco e desligou o motor. Escutamos o silêncio, o vento deslizando, uma ave passando rente. Abri a tampinha do depositório e despejei as cinzas na água. Em segundos o oceano havia abraçado o que sobrara do corpo do meu pai. Perguntei

se podíamos ir um pouco mais adiante. Ela disse que não era prudente. Ela perguntou o que as outras caixas guardavam.

— São imagens de santas. Imagens em barro. Imagens que têm séculos, que ajudaram a fundar vilas, povoados, cidades. São as originais, as que deveriam estar nos nichos das igrejas. Cidades nasceram por conta dessas peças que foram encontradas em rios e mares. Por muitos anos essas imagens receberam as orações de milhares de fiéis. Meu pai era um colecionador de santas roubadas. Roubou várias, as principais do Brasil. São elas que estão aqui, nessas caixas...

Julia não entendia bem como um homem podia ser um ladrão de imagens. Eu mesmo não conseguia dar uma coerência para esse personagem que meu pai criou em vida. Quais os motivos que o fizeram viajar para cidades formadas a partir do encontro dessas santas para então roubá-las?

Junto com as imagens, no quarto de ferramentas, eu havia encontrado também uma pasta com recortes de jornais das notícias dos desaparecimentos. Ele fazia questão de organizar uma arquivo jornalístico com as notícias de suas ações. O maior volume de recortes de jornais era referente ao sumiço da santa de Aparecida do Norte, em 1989, o ano da nossa viagem para aquela cidade.

Perguntei para Julia se as peças, ali jogadas, seguiriam para a baía ou para o alto-mar. Ela supôs que uma correnteza poderia levá-las para outras praias, até mesmo para outros estados. Tirei as santas das caixas, uma a uma, e as soltei no mar. Foi assim que concluí as reescritas de Crusoé e parti para a minha própria jornada. Uma viagem cheia de limitações, com o barco navegando ao ritmo do mar de volta à Paranaguá, conduzido por uma garota que economizava combustível para chegar com segurança ao trapiche.

Parecia um retorno, mas cheguei ao fim tão vazio de imagens, que tive a impressão de estar escrevendo um novo começo. Não tínhamos nada para falar. Encerramos nossa viagem em silêncio.

Notícia de um naufrágio, foi impresso no papel Avena 80g com os tipos
Figtree Regular 10,5/13,5 e Figtree Bold 13,5/13,5,
em Curitiba - PR, para a Editora Insight, em Dezembro de 2024.



SINOPSE

Um repórter de programas populares de televisão faz sucesso ao unir suspense, sensacionalismo e apelos dramáticos. A trajetória começa com a cobertura tendenciosa da explosão de um grande navio, que mata dezenas de pessoas em uma cidade portuária.

Em busca de audiência, dinheiro e sucesso, o jornalista se afunda em um mar de *fake news* e relações criminosas.

O AUTOR

Luiz Andrioli

Escritor, jornalista e empresário. Publicou, dentre outros, *O laçador de cães*, *O silêncio do vampiro* e *Crônicas do varal da casa ao lado*.

www.luizandrioli.com.br

[ROMANCE]



Avalie o livro
neste QRcode



MINISTÉRIO DA
CULTURA

